



Universidades Lusíada

Nogueira, Débora Patrícia Teixeira Artur Candeias,
1985-

Encomenda pública : momento padrão na (re) qualificação urbana da cidade de Lisboa

<http://hdl.handle.net/11067/3667>

Metadados

Data de Publicação	2013
Resumo	Esta dissertação de mestrado integrado, aborda um tema transversal a toda a arquitetura. O da requalificação urbana. Este tema pode ser abordado eloquentemente entendendo a encomenda pública como momento padrão de transformação de uma cidade. Focamo-nos particularmente em acontecimentos urbanísticos na cidade de Lisboa, ao longo de mais de três séculos, bem como, em torno de equipamentos públicos que transformaram esta cidade. Contudo, comparamos com outras cidades do mundo que são e promovem c...
Palavras Chave	Planeamento urbano - Portugal - Lisboa, Espaços públicos - Portugal - Lisboa
Tipo	masterThesis
Revisão de Pares	Não
Coleções	[ULL-FAA] Dissertações

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-04-30T11:25:26Z com informação proveniente do Repositório



UNIVERSIDADE LUSÍADA DE LISBOA

Faculdade de Arquitectura e Artes

Mestrado integrado em Arquitectura

**Encomenda pública: momento padrão na (re) qualificação
urbana da cidade de Lisboa**

Realizado por:

Débora Patrícia Teixeira Artur Candeias Nogueira

Orientado por:

Prof. Doutor Arqt. Bernardo d'Orey Manoel

Constituição do Júri:

Presidente: Prof. Doutor Arqt. Joaquim José Ferrão de Oliveira Braizinha

Orientador: Prof. Doutor Arqt. Bernardo d'Orey Manoel

Arguente: Prof. Doutor Arqt. Mário João Alves Chaves

Dissertação aprovada em: 5 de Junho de 2013

Lisboa

2013



UNIVERSIDADE LUSÍADA DE LISBOA

Faculdade de Arquitectura e Artes

Mestrado Integrado em Arquitectura

Encomenda pública: momento padrão na (re)
qualificação urbana da cidade de Lisboa

Débora Patrícia Teixeira Artur Candeias Nogueira

Lisboa

Fevereiro 2013



U N I V E R S I D A D E L U S Í A D A D E L I S B O A

Faculdade de Arquitectura e Artes

Mestrado Integrado em Arquitectura

Encomenda pública: momento padrão na (re) qualificação
urbana da cidade de Lisboa

Débora Patrícia Teixeira Artur Candeias Nogueira

Lisboa

Fevereiro 2013

Débora Patrícia Teixeira Artur Candeias Nogueira

Encomenda pública: momento padrão na (re) qualificação urbana da cidade de Lisboa

Dissertação apresentada à Faculdade de Arquitectura e Artes da Universidade Lusíada de Lisboa para a obtenção do grau de Mestre em Arquitectura.

Orientador: Prof. Doutor Arqt. Bernardo D'Orey Manoel

Lisboa

Fevereiro 2013

Ficha Técnica

Autora Débora Patrícia Teixeira Artur Candeias Nogueira
Orientador Prof. Doutor Arqt. Bernardo D'Orey Manoel
Título Encomenda pública: momento padrão na (re) qualificação urbana da cidade de Lisboa
Local Lisboa
Ano 2013

Mediateca da Universidade Lusíada de Lisboa - Catalogação na Publicação

NOGUEIRA, Débora Patrícia Teixeira Artur Candeias, 1985-

Encomenda pública: momento padrão na (re) qualificação urbana da cidade de Lisboa / Débora Patrícia Teixeira Artur Candeias Nogueira; orientado por Bernardo d'Orey Manoel. - Lisboa: [s.n.], 2012. - Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura, Faculdade de Arquitectura e Artes da Universidade Lusíada de Lisboa.

I - MANOEL, Bernardo D' Orey, 1969-

LCSH

1. Planeamento urbano - Portugal - Lisboa
2. Espaços públicos - Portugal - Lisboa
3. Universidade Lusíada de Lisboa. Faculdade de Arquitectura e Artes - Teses
4. Teses - Portugal - Lisboa

1. City planning - Portugal - Lisbon
2. Public spaces - Portugal - Lisbon
3. Universidade Lusíada de Lisboa. Faculdade de Arquitectura e Artes - Dissertations
4. Dissertations, Academic - Portugal - Lisbon

LCC

1. NA9031.N64 2013

Quero dedicar esta dissertação de mestrado integrado, à minha bisavó Aurora, seria um sonho para ela, ver a sua bisneta concluir esta etapa da vida. Gostaria também, de dedicar, ao meu avô Belisário, pois seria um tremendo orgulho para ele ver a neta licenciar-se em arquitetura.

Agradecimentos

Quero agradecer à minha mãe, porque sem ela, tudo isto não seria possível. Todo o seu apoio, todo o esforço empregue nesta tarefa, como também todas as suas reprimendas, levando-me à conclusão deste mestrado em arquitetura. Gostaria também de agradecer ao meu pai, por todo o seu apoio e dedicação.

Desejo também agradecer, à minha família e a todos os meus amigos que me apoiaram ao longo destes árduos anos, como também aos meus colegas de turma, que no fim, amigos se tornaram.

Por fim, tenho de agradecer, ao professor Bernardo Manoel D'Orey, por toda a sua ajuda e empenho, mas principalmente, pela paciência para comigo. À professora Maximina Almeida, um grande Obrigado, por me fazer ver a arquitetura com outros olhos, cativando e aumentando o meu interesse por este ofício, durante o ano de 2010 e sempre.

Obrigado a todos

“A essência da concepção artística na construção – tal como arte – dá na verdade significado à existência do homem e em si própria valida o seu resultado que se torna forma.”

(Syring e Kischenmann, 2004, p. contracapa)

Apresentação

Encomenda pública: momento padrão na (re) qualificação urbana da cidade de Lisboa.

Débora Patrícia Teixeira Artur Candeias Nogueira

Esta dissertação de mestrado integrado, aborda um tema transversal a toda a arquitetura. O da requalificação urbana. Este tema pode ser abordado eloquentemente entendendo a encomenda pública como momento padrão de transformação de uma cidade.

Focamo-nos particularmente em acontecimentos urbanísticos na cidade de Lisboa, ao longo de mais de três séculos, bem como, em torno de equipamentos públicos que transformaram esta cidade. Contudo, comparamos com outras cidades do mundo que são e promovem centros culturais, cujo caráter arquitetónico despoleta operações de crescimento urbano.

Em suma, “ Encomenda pública: momento padrão da requalificação urbana da cidade de Lisboa”, propõe demonstrar, como um equipamento público, pode por si só requalificar espaços de uma cidade.

Palavras-chave: Equipamento, requalificação, público, Lisboa.

PRESENTATION

Public order: standard moment of urban (re) qualification in the city of Lisboa.

Débora Patrícia Teixeira Artur Candeias Nogueira

This dissertation of integrated Master, approach un transversal theme to all architecture. The urban requalification. This theme can be eloquently approached understanding value the public commission as a standard moment of transformation of the city.

We focus particularly on urban events in Lisbon, over more than three centuries, as well as around the public equipment that transformed this city. However we review with works on other world cities that are promoting and are themselves cultural centers whose the architectonic character of urban growth triggers operations.

In conclusion, "Public order: standard moment of urban requalification in the city of Lisbon", proposes to demonstrate, that a public facility, by itself, can requalify spaces of a city.

Palavras-chave: Equipment, requalification, public, Lisbon.

Ilustrações

- Ilustração 1 – Fotografia da Praça do Comercio. (Ilustração nossa, 2011).....27
- Ilustração 2 – Fotografia do Parque das Nações, jardins Garcia de Horta, antiga EXPO'98. (Ilustração nossa, 2011)28
- Ilustração 3 – Fotografia aérea de Lisboa, referências geográficas, Torre de Controlo, Padrão dos Descobrimentos, Torre de Belém, Praça do Comércio, zona de intervenção e futuro terminal de cruzeiros, indicação da esquerda para a direita. (adaptação a partir do Google Earth, 2011)30
- Ilustração 4 – Fotografia panorâmica, das duas margens do rio Tejo. (Ilustração nossa, 2011)31
- Ilustração 5 – “Planta n.º 1.º, Plano da cidade de Lisboa baixa destruída em que vão sinalizadas por linhas e pontinhos de tinta preta as Ruas traveças, e becos antigos, e sobre o mesmo plano se mostram em branco as Ruas melhoradas assim as largas, como as estreitas de mayor uso, como também sobre becos, e Ruas menores e desenhão novas ruas que se poderaõ ou escusar, ou abraçar ficando os lugares que os edifícios occupaõ lavados de aguada preta; as igrejas dos Conventos, Freguesias e Ermidas vão sinaladas com aguada Carmim, e a divisão das Freguesias de côr azul” [...] (Fonseca, Cunha, 1755, p. 306)36
- Ilustração 6 – “Planta n.º 2.º, Plano da Cidade de Lisboa baixa arruinada em que vão de linhas pretas delgadas as ruas e travessas antigas, e em branco as ruas de novo escolhidas, os edifícios novos carmim claro, as igrejas com carmim mais forte, e a cruz, e a divisão das freguesias de azul”[...] (Poppe, Poppe, 1756, p. 307).....37
- Ilustração 7 – “Planta n.º 3.º, Plano da Cidade de Lisboa baixa destruída, em que vão signaladas com punctuação preta todas as ruas, travessas e becos antigos, e as ruas escolhidas de novo com toda a liberdade se mostraõ em branco, e os sítios dos edifícios novos de amarelo, e as igrejas e lugares se conservaõ sem mudança de carmim forte, e alfandega do tabaco, Baluarte do terreyro do Paço e sua cortina, que se devem derribar para restar formado o grande terreyro do Paço – vão lavados de huma agoada de carmim, como também algumas porções de edifícios do arco do açougue té á entrada do Pelourinho, que taõ bem se haõ de derribar para complemento do mesmo terreyro do Paço com semelhante agoada e a divizaõ das freguesias com cor azul”[...] (Carvalho, Andreas, 1756, p. 308).....38
- Ilustração 8 – “Planta n.º 4.º., Formada ainda com mais liberdade sem atender a conservar as igrejas nos seus próprios sítios, nem outro algum edifício, como bem se descobre na delineação do antigo muyto mais fina” [...] (Fonseca, 1758, p. 310)39
- Ilustração 9 – “Planta de reconstrução de Lisboa. Aprovada em 1758” [...] (Mardel, 1758, p. 367)40
- Ilustração 10 – “Planta Geral da Villa de Santo António de Arenilha” [...] (Autor desconhecido, 1775, p. 301)41

Ilustração 11 – “Interior de edifício Pombalino, em obras, no qual é visível a ‘gaiola’ de madeira”. (Appleton, 2005, p.11)	42
Ilustração 12 – “Frechal sobre dente da parede (segurado, carpintaria Civil)”. (Appleton, 2005, p.34)	43
Ilustração 13 – “Diversos tipos de tabique (Segurado, Alvenaria e Cantaria)”. (Appleton, 2005, p.32)	43
Ilustração 14 – “Corte de uma das ruas principais da Baixa com a indicação da altura da cloaca que devia situar-se a meio da rua e a ligação desta com a rede de canalização proveniente dos prédios laterais. Desenho à pena com aguada” [...] (Santos, Carvalho, 1756, p. 371)	46
Ilustração 15 – “Projeto das frontarias dos prédios a construir na rua das Portas de Santa Catarina. Desenho em tinta-da-china com aguada” [...] (Pombal, cerca de 1758, p. 369)	46
Ilustração 16 – “Av. Da Liberdade” [...] (Christino, 1883, p. 429)	51
Ilustração 17 – “Passeio Público de Lisboa” [...] (Sem dados, 1840, p. 426)	52
Ilustração 18 – “Planta da Freguesia de Santa Catarina [...] (Newton, 1888, p. 449).....	53
Ilustração 19 – [...] “secção agrícola realizada na Avenida da Liberdade” [...] (Sem dados, 1888 p. 435)	54
Ilustração 20 – “Plano da Avenida da Liberdade”. (França, 2005, p. 64).....	55
Ilustração 21 – “Lisboa – Avenida da Liberdade, vista tirada do centro da Avenida na direcção Norte” [...] (Cristino, s.d., p. 426).....	57
Ilustração 22 – “Vista aérea do bairro de Alvalade (plano de Faria da Costa, 1948), mostrando diversidade tipológica do programa social, expresso na arquitectura. Coexistem os «blocos em altura» característicos da «Carta de Atenas» corbusiana (propagada pela Europa depois da II Guerra Mundial), com as moradias geminadas, ainda vinculadas à «cidade jardim» anglo-saxónica.” (Moita, 1948, p. 503).....	62
Ilustração 23 – “A polémica reconstrução dos dois pisos superiores da «Casa dos Bicos», antiga casa palaciana do século XVI (por José Daniel Santa Rita, António Miguel e Maia Macedo, 1982-93 [...]” (Moita, 1982-1993, p. 512).....	65
Ilustração 24 – Fundação Gulbenkian, jardim exterior da fundação. (Ilustração nossa, 2011)	66
Ilustração 25 – “Torre de escritórios, centro comercial e habitações nas Amoreiras [...] Do arquiteto Tomás Taveira. (Moita, 1994, p. 513).....	66
Ilustração 26 – “Centro Cultural de Belém, Vittorio Gregotti e Manuel Salgado (Riscos), 1992, Lisboa” [...] (Tostões, 1992, p.100).....	68

Ilustração 27 – Parque das Nações, vista Este, para a ponte Vasco da Gama, do passeio marítimo. (Ilustração nossa, 2011)	71
Ilustração 28 – 1998 Portugal Pavilion, Lisbon, Portugal. (Vieira, 1998)	72
Ilustração 29 – 1998 Portugal Pavilion, Lisbon, Portugal. (Vieira, 1998)	73
Ilustração 30 – 1998 Portugal Pavilion, Lisbon, Portugal. (Vieira, 1998)	74
Ilustração 31 - “View of the from above”. (Sewing, 2004, p. 38).....	76
Ilustração 32 – “The spiral ramp in the interior”. (Sewing, 2004, p.38)	80
Ilustração 33 – Fotografia interior do Museu Guggenheim de Nova Iorque, vista do piso térreo. (Pfeiffer, 2004, p. 71).....	83
Ilustração 34 – Fotografia interior do Museu Guggenheim de Nova Iorque, vista central da cúpula. (Sewing, 2004, p. 40).....	86
Ilustração 35 - Fotografia Interior, pormenor da rampa do Guggenheim de Nova Iorque, Frank Lloyd Wright. (Reichol; Graf, 1999, p.165).....	87
Ilustração 36 - Fotografia o Guggenheim de NY. Adição de Gwathmey and Siegel. (Guggenheim Museum).....	89
Ilustração 37 - Exterior do Museu Guggenheim de Bilbao, vista lateral, de Frank Gehry. (Ursprung, Ruby, 2004, p.19).....	95
Ilustração 38 – “With is dynamic design and contrasting materials, the Guggenheim Museum has brought a new dimension to the cityscape of Bilbao”. (Reichold; Graf, 1999, p. 179)	97
Ilustração 39 e 40 - Interior do Museu Guggenheim de Bilbao, de Frank Gehry. (Cerver, 2003, p. 272).....	99
Ilustração 41 – Sala de exposições do Museu Guggenheim de Bilbao, de Frank Gehry. (Guggenheim de Bilbao, 2013)	100
Ilustração 42 – Museu Guggenheim de Bilbao, vista exterior com a envolvente, de Frank Gehry. (Cerver, 2003, p. 272).....	101
Ilustração 43 - Interior da fundação Iberê Camargo, vista do piso inferior. (Vieira, 2013)	105
Ilustração 44 – Fotografia exterior da fundação Iberê Camargo. (Vieira, 2013)	106
Ilustração 45 - Interior da fundação Iberê Camargo, vista do piso intermédio. (Vieira, 2013)	107
Ilustração 46 – Fotografia interior, zona de exposição da fundação Iberê Camargo. (Vieira, 2013)	108

Ilustração 47 – Fotografia interior, pormenor do vão, da fundação Iberê Camargo. (Vieira, 2013)	108
Ilustração 48 - Interior da fundação Iberê Camargo, vista do exterior, fachada principal. (Vieira, 2013)	109
Ilustração 49 – Fotografia panorâmica, tirada da margem sul sobre Lisboa. Vista desde Cais do Sodré até Santa Apolónia. (Ilustração nossa, 2011)	111
Ilustração 50 – Esboços projetuais, linhas modeladoras do espaço. (ilustração nossa, 2011)	113
Ilustração 51 – Planta de implantação do projeto, desde o Cais de Sodré até Santa Apolónia. Edificado, proposta e áreas verdes. Requalificação urbana. (Ilustração nossa, 2011)	114
Ilustração 52 – Alçado Sul do projeto de intervenção. Fachada Sul das piscinas municipais, hotel de duas estrelas e praia fluvial. (Ilustração nossa, 2011)	116
Ilustração 53 e 54 – Esboços conceptuais da proposta da praia fluvial. (Ilustração nossa, 2011)	120
Ilustração 55 – Maquete 1:500, pormenor das piscina municipais. (Ilustração nossa, 2011)	120
Ilustração 56 e 57 – Maquete 1:500, projeto de requalificação urbana, praia fluvial, piscinas municipais e hotéis de duas e cinco e estrelas. (Ilustração nossa, 2011)	120
Ilustração 58 – Lisbon’s cruise terminal, Lisbon, Portugal 2010. (Carrilho da Graça Arquitectos e FG+SG, 2010).....	121
Ilustração 59 – Desenho em planta das piscinas municipais, hotel de duas estrelas e praia fluvial, da esquerda para a direita. (Ilustração nossa, 2011).....	121
Ilustração 60 e 61 – Diagramas conceptuais, organização do espaço. (Ilustração nossa, 2011)	122
Ilustração 62 – Desenho em alçado Norte do hotel de duas estrelas e piscinas municipais. (Ilustração nossa, 2011)	123
Ilustração 63 – Desenho em alçado Este do hotel de duas estrelas e praia fluvial. (Ilustração nossa, 2011)	123
Ilustração 64 – Desenho em alçado Sul do projeto do hotel de duas estrelas e praia fluvial. (Ilustração nossa, 2011)	124
Ilustração 65 – Desenho em planta, pormenor das alterações da faixa costeira. (Ilustração nossa, 2011)	127
Ilustração 66 – Desenho em planta, pormenor jardins Campo Cebolas, áreas verdes e estação fluvial. (Ilustração nossa, 2011)	128

Ilustração 67 – Desenho em alçado Sul, pormenor da Praia Fluvial. (Ilustração nossa, 2011)	129
Ilustração 68 – Desenho em planta, pormenor praia fluvial. (Ilustração nossa, 2011)	130
Ilustração 69 – Desenho em alçado Sul, fachada piscinas municipais. (Ilustração nossa, 2011)	130
Ilustração 70 – Desenho em planta, piso térreo, piscinas municipais. (Ilustração nossa, 2011)	130
Ilustração 71 – Desenho em planta piso térreo, hotel duas estrelas. (Ilustração nossa, 2011)	131
Ilustração 72 – Desenho corte transversal, hotel de duas estrelas. (Ilustração nossa, 2011)	132
Ilustração 73 – Desenho corte transversal, hotel de duas estrelas. (Ilustração nossa, 2011)	132
Ilustração 74 – Desenho corte longitudinal, hotel de duas estrelas. (Ilustração nossa, 2011)	132
Ilustração 75 – Desenho corte longitudinal, hotel de duas estrelas. (Ilustração nossa, 2011)	132

SUMÁRIO

1. Introdução.....	25
2. (Re) Qualificação e Carácter	
2.1. Requalificação e Absoluto.....	33
2.2. Requalificação e Tempo	49
2.3. Requalificação e Pluralismo	59
3. (Re) Qualificação e Território	
3.1. Requalificação e Programa, Guggenheim de Nova Iorque	77
3.2. Requalificação e Cidade, Guggenheim de Bilbao.....	91
3.3. Requalificação e Lugar, Fundação Iberê Camargo	103
4. Requalificação e Projeto	
4.1. Projeto e Lugar	111
4.2. Projeto e Programa	119
4.3. Projeto e Detalhe	127
5. Reflexões Finais.....	133
Referências	135
Bibliografia	137
Índice de Autores	139
Índice de Assuntos	141
Índice de Títulos	143

1. Introdução

A presente dissertação, estuda o tema “Encomenda pública”, enquanto motor eloquente para a requalificação urbana da cidade”. Pretende-se compreender, como um determinado edificado, encomendado por uma entidade pública, pode (re) desenhar, (re) qualificar ou (re) projetar zonas de uma cidade.

A análise debruça-se sobre a cidade de Lisboa, tendo como referência temporal o século XVIII até aos dias de hoje. Pretende-se questionar o modo como se podem requalificar as suas áreas, criando um padrão na contemporaneidade, influenciado por diversas épocas, culturas e necessidades.

Desde o século XVIII, Lisboa é marcada por momentos padrão no seu desenvolvimento urbano, promovidos pelos diferentes poderes: o poder absolutista, o poder burguês e o poder democrático com todo o pluralismo, que lhe é conferido.

[...] o homem não é só o homem daquele país e daquela cidade, mas é o homem de um lugar preciso e delimitado, e não há transformação urbana que não signifique também transformação da vida dos seus habitantes [...] (Rossi, 2001, p. 242)

Pensar em “encomenda pública”, é pensar em espaço público, é refletir na criação de um lugar qualificado, capaz de responder às necessidades de quem o habita, com uma arquitetura em perfeita sintonia com as necessidades do Homem.

Considera-se espaço público em espaço de livre acesso, podendo ser definido como espaço coletivo de uso comum. Podemos acrescentar, que um espaço público, poderá ser a charneira¹ ou a transição do habitável privado, para o coletivo.

O espaço público é ainda o principal mote para o desenvolvimento sustentável de uma metrópole, sendo o elo de ligação entre o privado, o Homem e a sua dimensão social. O espaço público, influencia o modo como os cidadãos interagem e se relacionam.

Este tema, encontra o seu fundamento nas diversas morfologias que se criaram ao longo dos anos na cidade de Lisboa, essencialmente no seu centro costeiro, tendo em conta as diversas encomendas públicas realizadas ao longo de séculos.

¹ Charneira, expressão usada para definir fronteiras e limites. Nesta situação, refere-se à divisão de um espaço com duas qualidades distintas.

A cidade finita, tal como chegou a existir na Europa ao longo dos quinhentos anos precedentes, foi totalmente transformada, no lapso de um século, pela interação de uma quantidade de forças técnicas e socioeconómica sem precedentes, muitas das quais emergiam pela primeira vez na segunda metade do século XVIII [...] (Frampton, 2003, p.13)

Todos os temas e obras abordados nesta dissertação foram alvo de modelações de espaço que permitiram ao Homem interagir melhor e mais com ele próprio e acima de tudo, transformar esses espaços públicos em lugares vividos de grande riqueza histórica.

A análise que se segue está dividida em capítulos, onde se abordam os seguintes temas: *Requalificação e carácter*, com enfoque no absolutismo, temporalidade e pluralismo; *Requalificação e território*, onde se salienta o programa funcional do Guggenheim de NY, a relação com a cidade do Guggenheim de Bilbao e a ligação com o lugar da Fundação Iberê Camargo em Porto Alegre; *Requalificação e projeto*, fala-nos do trabalho final de curso e da sua relação com Lisboa.

(Re) qualificação e carácter, aborda o período do regime Absolutista², vivido no século XVIII, durante o qual a arquitetura foi o “condutor” crucial para demonstrar esse poder Absoluto. A Praça do Comércio e toda a sua arquitetura imponente, foi um marco na História de Lisboa, não só pela sua monumentalidade mas também pelo simbolismo criado em volta de um espaço, que outrora tinha sido destruído pelo terramoto que abalou Lisboa e Portugal³ em 1755.

² Absolutista, deriva da palavra Absoluto. Poder Absolutista, refere-se ao poder do Rei, em que é Ele que detém todo o poder, independente de outro órgão qualquer. Sendo o Rei a voz de Deus.

³ Portugal, é um país Europeu, situado na ponta ocidente da Europa, faz parte da Península Ibérica. Sendo um país soalheiro, o turismo sazonal é uma constante no desenvolvimento deste. Portugal, tem um grande impacto na História Mundial, devido à época dos descobrimentos e a todos os acontecimentos marcantes ao longo da cronologia deste país. A arquitetura Portuguesa, é uma arquitetura com vida e história, sendo admirada pelas suas qualidades estéticas como também funcionais.



Ilustração 1 – Fotografia da Praça do Comercio. (Ilustração nossa, 2011)

O século XIX foi um século de mudança para Portugal, foi uma época em que o poder Absolutista do Rei é substituído pelo poder burguês⁴. Os burgueses tornam-se os senhores de Lisboa, a arquitetura sofre influências de toda a Europa, existe uma maior abertura para o mundo e uma maior temporalidade arquitetónica. As chamadas Avenidas Novas, tornam-se as zonas nobres da cidade, condicionando o seu desenvolvimento urbano, convertendo-se em artérias fundamentais para o crescimento de Lisboa.

Já no século XX, o Pluralismo⁵ vivido, conquistado pelo poder Democrático⁶ e por uma conjuntura propícia ao desenvolvimento, permitiu a realização de uma exposição

⁴ Burguês, palavra que deriva de burguesia. Sendo esta uma classe social que apareceu na Europa entre o século XI e XIII. Estes dedicavam-se ao comércio e prestação de serviços. Os burgueses tiveram um papel fundamental na reconstrução de Lisboa, após o terramoto de 1755, a nova cidade foi projetada para a burguesia ao invés de ser para a aristocracia, como o era no passado.

⁵ Pluralismo, baseia-se no conceito da diversidade. Este tema é usado frequentemente para abordar vários pontos da sociedade, sendo ainda uma das principais características da democracia moderna.

⁶ Democrático, ou poder democrático, é o termo usado para um regime de governo em que os cidadãos, tomam as decisões políticas, por meio de representantes.

mundial megalómana, a EXPO'98⁷ na zona costeira de Lisboa. Foi um dos principais motes de desenvolvimento de toda a Lisboa elevando-a, a outro patamar na arquitetura mundial.

O sucesso da EXPO'98 foi de tal modo grandioso que, passados 14 anos, encontramos presentes, as suas raízes arquitetónicas, a sua dinâmica económica e turística, num lugar onde apenas existiam terrenos baldios e industriais. Hoje é um lugar vivo, reflexo de uma cultura e história de um País em prosperação.



Ilustração 2 – Fotografia do Parque das Nações, jardins Garcia de Horta, antiga EXPO'98. (Ilustração nossa, 2011)

(Re) qualificação e território, é um assunto a ter em consideração para os dias que decorrem. Os conteúdos - programa, cidade e lugar - levaram-nos a partilhar acontecimentos idênticos, aos que ocorreram na cidade de Lisboa, assim como noutras cidades do mundo. Tais como, a cidade de Bilbao⁸, que ao projetar um museu Guggenheim⁹, sofreu uma grande requalificação urbana, alterando todo carácter da

⁷ EXPO'98, foi uma exposição mundial, realizada em Lisboa de 22 de Maio a 30 de Setembro de 1998. Em que o tema foi os *Oceanos: Um património para o futuro*. Foi um marco na História de Portugal e consequentemente na arquitetura do País. O desenvolvimento urbanístico, conseguido com a realização deste evento, em Lisboa, tornou possível requalificar a cidade, elevando-a a outro expoente de planeamento urbanístico. A cidade, sofreu uma metamorfose na arquitetura até então projetada.

⁸ Bilbao, é uma cidade da comunidade autónoma do País Basco, em Espanha. Esta cidade tem vindo a perder o seu carácter industrial, transformando-se numa cidade de serviços, uma cidade voltada para o turismo arquitetónico. Bilbao, encontra-se num processo de revitalização urbanística.

⁹ Guggenheim, é o nome de uma famosa família Americana. Muitos de seus membros criaram inúmeras fundações artísticas. De entre elas, a fundação de maior renome internacional é a que Solomon Robert Guggenheim fundou, a Fundação Guggenheim. Esta, têm como dogmática, o interesse pelo mundo das artes e o pelo seu desenvolvimento, perante as sociedades.

cidade. Na cidade de Porto Alegre¹⁰, o assunto Lugares, está presente numa arquitetura¹¹ projetada pela paisagem já existente, elevando o lugar ao seu expoente máximo, como é o caso da Fundação Iberê Camargo¹² em Porto Alegre. Programas funcionais que mudaram toda uma forma de ver a arte, sendo o Guggenheim de Nova Iorque¹³ um desses projetos, realizados numa época crítica e controversa, mas numa cidade, aberta às artes e inovação.

Requalificação e projeto, reflete uma Lisboa virada para o rio, enquanto território com características únicas. Todavia, esta cidade é única não só pela sua beleza natural e clima extraordinário, mas também devido à sua inesperada racionalidade. Neste último capítulo é apresentado o mote que levou ao desenvolvimento da dissertação, desde o assunto o *Lugar*, passando pelo *Programa* levado até à exaustão do *Detalhe*, permitindo com isso uma perceção mais íntegra da arquitetura existente em Lisboa.

Toda a zona ribeirinha da cidade de Lisboa, comporta-se de maneira diferente e é vivida de forma desigual por cada pessoa que a habita. Ainda que o rio seja o fator comum e elemento modelador para com a outra margem, porém, o modo, de ver Lisboa, também depende da maneira como entramos na cidade.

Ao longo da frente ribeirinha existem atualmente quatro elementos estruturais de carácter público, que são marcantes e que moldam o desenho urbano da cidade: A

¹⁰ Porto Alegre, é um município Brasileiro e capital do estado Rio Grande do Sul. Porto Alegre é também conhecido como a capital dos Gaúchos. Este, é o nome dado às pessoas ligada á indústria pecuária, naturais do sul do Brasil. Esta cidade, foi fundada em 1772, contudo o seu povoamento aconteceu em cerca de 1750, com a chegada de casais Portugueses vindos dos Açores.

¹¹ Arquitetura, é a arte de projetar um ambiente ou edifício para o ser Humano habitar. A arquitetura existe, desde que o homem na pré-história necessitou de se abrigar / proteger da natureza e das suas intemperes. Arquitetura é a concretização de um Espaço, de um Lugar. Cabe a esta, organizar de modo objetivo esse lugar para que cada construção cumpra a sua finalidade.

¹² Iberê Camargo, foi um artista Brasileiro. Pintor, gravuristas e professor, nasceu em Porto Alegre em 1914. A fundação Iberê Camargo, foi criada em 1995, com a sede na antiga moradia do artista, no bairro Naroai, para conservar, catalogar e promover obras de Iberê. Mais tarde a sede mudou-se para o bairro cristal, projetada pelo arquiteto Português, Álvaro Siza Vieira.

¹³ Nova Iorque, é a capital dos Estados Unidos da América, sendo uma das cidades mais populosas e maiores deste País. A cidade está projetada em um dos maiores portos naturais do mundo. É ainda conhecida pela sua multiculturalidade. A arquitetura Nova-Iorquina, é caracterizada por movimentos e conceitos modernistas. Porém, todas as suas influências multiculturais tornaram-na, numa cidade rica a nível arquitetónico. Nova Iorque, é o primeiro exemplo de proliferação caótica, através de uma malha rígida e reticulada.

Torre de Controlo de Gonçalo Byrne¹⁴, o Padrão dos Descobrimentos, a Torre de Belém e a Praça do Comércio.

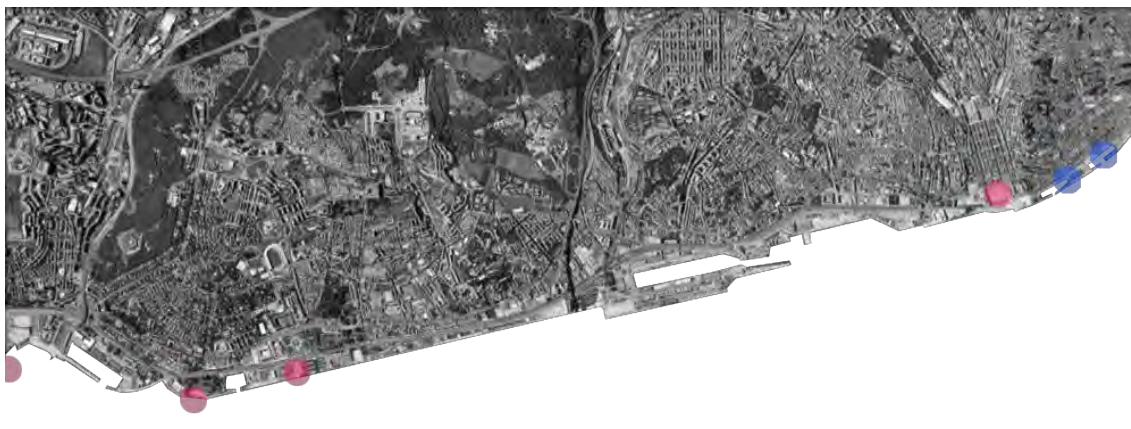


Ilustração 3 – Fotografia aérea de Lisboa, referências geográficas, Torre de Controlo, Padrão dos Descobrimentos, Torre de Belém, Praça do Comércio, zona de intervenção e futuro terminal de cruzeiros, indicação da esquerda para a direita. (adaptação a partir do Google Earth, 2011)

Em breve, o novo terminal de Cruzeiros, de Carrilho da Graça¹⁵, será outro equipamento público a destacar-se na linha costeira da cidade de Lisboa.

O projeto final de curso, incide sobre a realização de três equipamentos, em comunhão com uma praia fluvial e requalificação urbana na frente rio da cidade de Lisboa, desde o Caís do Sodré até Santa Apolónia.

Centramos todo o programa funcional entre a Praça do Comércio e o futuro terminal de cruzeiros, (no Jardim do Tabaco¹⁶), sem nunca esquecer a requalificação urbana de toda a área de estudo, em que os principais elementos modeladores do espaço foram as áreas verdes de diferentes intensidades, criando uma “linha de charneira” entre a plenitude do rio Tejo e a cidade cosmopolita, que é Lisboa.

¹⁴ Gonçalo Byrne, nasceu em Alcobça em 1941. Em 1968 forma-se em arquitetura na Escola Superior de Belas Artes de Lisboa. Arquiteto com um vasto palmarés, venceu inúmeros concursos a nível nacional e internacional. Este Influenciou a arquitetura Portuguesa, com o seu estilo irreverente, tornando-se um arquiteto influente na cidade de Lisboa.

¹⁵ Carilho da Graça é um arquiteto Português. Licenciou-se pela Escola Superior de Belas Artes de Lisboa em 1977. Nesse mesmo ano iniciou-se como assistente na faculdade de arquitetura da universidade técnica de Lisboa. Durante a sua carreira de arquiteto foram-lhe atribuídos inúmeros prémios, tanto a nível nacional como internacional. Carilho da Graça é um arquiteto modernista, que faz parte de um privilegiado grupo de arquitetos, que viram e fizeram crescer a cidade de Lisboa.

¹⁶ Jardim do Tabaco, localidade da faixa costeira da cidade de Lisboa, com uma caráter lúdico e uma forte ligação com o rio. Nesta, zona irá ser realizado o novo terminal de cruzeiros do arquiteto Carilho da Graça.

Conceptualmente, a ideia de projeto recai num (re) descobrir da cidade de Lisboa, fazendo do convite à (re) descoberta.



Ilustração 4 – Fotografia panorâmica, das duas margens do rio Tejo. (Ilustração nossa, 2011)

Em suma, o projeto desenvolveu-se a partir de linhas bases, existentes no próprio território, tendo sido os volumes em redor a principal preocupação.

Contudo, a criação de uma malha, tanto natural como estrutural que condiciona as vistas para o Tejo, leva o indivíduo à descoberta do espaço, tornando este, apelativo. Essa malha, como se de um véu se tratasse, junta a estrutura física com a natural, fazendo do convite a descoberta.

2. (Re) Qualificação e Carácter

2.1. Requalificação e Absoluto

O século XVIII, foi uma época de mudança, de inovações e invenções. Foi um século marcado por muitas revoluções.

O crescimento económico e demográfico, juntamente com o desenvolvimento científico e técnico, vieram impulsionar grandes alterações no pensamento Iluminista¹⁷, consequentemente um avanço cultural e social no Homem da época.

Os Iluministas, criticaram a vida do seu tempo, opuseram-se ao Obscurantismo¹⁸ religioso, aos regimes Absolutistas, às injustiças sociais, defendendo o progresso material e moral das nações, com base no desenvolvimento da ciência.

Em Portugal, vivia-se uma realidade diferente da restante Europa Ocidental, aqui o Absolutismo, manteve-se até meados do século XVIII, quando os ideais Iluministas começaram a penetrar lentamente no regime da época. Porém, o regime Absolutista, centralizado no Rei e em todos os seus poderes, era entendido como forma de organizar o estado. No Absolutismo Português o Rei era aclamado e não sagrado, era obrigado a prestar um juramento pelo qual se comprometia a respeitar o povo, as leis da igreja e os costumes do reino. Contudo, esta situação, veio a ser alterada com Marquês de Pombal¹⁹, por influência do modelo Austríaco²⁰, ao qual, esteve sujeito,

¹⁷ Iluminismo ou pensamento Iluminista, é uma corrente filosófica, que se desenvolveu na Europa no século XVIII, caracteriza-se pela confiança na liberdade, como progresso das ciências e artes, como meio de realização Humana. Os Iluministas exerceram um papel crítico perante a sociedade, a religião e a política. Estes contribuíram para o fim do antigo regime Absolutista. Contudo, o Iluminismo em Portugal, só exerceu a sua influencia anos mais tarde em relação à Europa Ocidental.

¹⁸ Obscurantismo, este termo, refere-se ao estado de quem se encontra na “escuridão”, de quem vive na ignorância, de quem não quer “ver”. Podemos-nos referir a nível social, político e cultural. O sistema obscurantista, é um sistema que nega a instrução e o conhecimento às pessoas com a consequente ausência de progresso intelectual ou material.

¹⁹ Marquês de Pombal, outrora conhecido como Sebastião José Carvalho e Melo, nobre e diplomata Português e secretário de estado do reino, durante o reinado de D. José I. iniciou-se na Maçonaria em Inglaterra, todavia mais tarde foi para a Viena de Áustria, como diplomata, regressando a Portugal para exercer as funções políticas que lhe foram incumbidas. Nos dias de hoje, ainda é considerado uma das principais figuras da História de Portugal, devido ao esforço e concretização da reconstrução da cidade de Lisboa, após o terramoto de 1755.

durante os anos em que se encontrou destacado na Áustria, como diplomata, colocando o Rei acima de todas as leis, dando-lhe o estatuto sagrado.

Com D. José I no poder, verificou-se um aumento do poder real. Porém, a figura – chave deste período, foi o seu ministro, o Marquês de Pombal. Este conseguiu que o poder do Estado passasse a ser o próprio Estado, ou seja, ele próprio. Durante esta época surgiu, um novo período Absolutista, baseado numa autoridade que se assemelhava com as teorias do Autoritarismos²¹ e Iluminismo.

No dia 1 de Novembro de 1755, Lisboa foi abalada por um terramoto de grau 9 na escala de Richter²². Ao sismo, sucedeu, um catastrófico incêndio, que destruiu o que restava da cidade. Desta calamidade, resultaram cerca de 10 000 mortos, como também inúmeras perdas materiais, de valor incalculável. Contudo, como o terramoto se deu à hora da missa, no “Dia dos Mortos”²³, grande numero de pessoas foram poupadas, porque se encontravam dentro das igrejas.

A baixa da cidade, a encosta ocidental do castelo e a zona oriental do Bairro Alto, eram as zonas da cidade mais habitadas, conseqüentemente, foram as mais vitimadas.

[...] enterrar os mortos e cuidar dos vivos”, era dever imperioso dos responsáveis pelo governo do País – mas, entre os seus colegas em fuga e na ausência do rei que, fora da sua capital, a ela temia regressar. Só um ministro o soube cumprir, providenciando friamente o que as circunstâncias impunham. Foi este Sebastião José de Carvalho e Melo, futuro Marquês de Pombal. (França, 2005, p.35)

²⁰ Austríaco, é o nome dado a um indivíduo, que vive na Áustria. Áustria, é um país da Europa Central, esta faz fronteira, com enúmeres países Europeus, como a Alemanha, República Checa, Eslováquia, Hungria, Eslovénia, Itália, Suíça e Liechtenstein. Em 1867, o império Austríaco foi incorporado no império Austro-Húngaro, tendo-se desmoronado em 1918 com o fim da primeira guerra mundial. Depois de estabelecer a primeira República Austríaca, em 1919, a Áustria foi anexada à grande Alemanha pelo regime nazi. Hoje me dia, a Áustria é uma democracia representativa parlamentar composta por nove estados federais e é uma potência Europeia.

²¹ Autoritarismo, deriva do conceito de Absolutismo, o Autoritarismo caracteriza-se pelo exercício do poder por uma só pessoa. Este, não segue os modelos superiores jurídicos ou éticos. Contrário à democracia, este conceito pode também estar presente no seio de um partido político

²² Escala de Richter, é uma escala logarítmica, que quantifica a amplitude de um terramoto. Esta escala foi desenvolvida em 1935, pelos sismológicos Charles Francis Richter e Beno Gutenberg.

²³ Dia dos Mortos, ou dia de todos os Santos, é uma tradição com origem indígena. Em Portugal, celebra-se no dia 1 de Novembro, em homenagem aos Santos e Mártires. Normalmente os Católicos Portugueses, deslocam-se aos cemitérios, para homenagearem os seus falecidos.

Era necessário agir rapidamente, era necessário reconstruir a cidade de Lisboa, era fulcral voltar à normalidade.

Sebastião José de Carvalho e Melo, também conhecido por Marquês de Pombal foi o principal responsável pelas obras de reconstrução da cidade de Lisboa. Foi quem organizou e comandou todo o processo de elevação de Lisboa, novamente ao estatuto de capital. Porém, o responsável pelas diferentes equipas de técnicos que desenharam a cidade, foi o engenheiro mor do reino, Manuel da Maia²⁴.

Manuel da Maia, numa primeira dissertação, sobre a requalificação de Lisboa, propõe abandonar a cidade, e construir uma nova cidade em Belém. Essa proposta, foi bastante condenada pela burguesia e nobreza, que tinham os seus terrenos na baixa da cidade e não se queria desfazer deles, nem do lucro que poderiam vir a conseguir, com a reconstrução da cidade, no mesmo local onde esta se perdeu.

Um mês após a catástrofe, foram, apresentadas seis soluções ao Duque de Lafões²⁵ para requalificar Lisboa, todas com o mesmo objectivo, tornar a capital de Portugal, na cidade que outrora tinha sido, em séculos passados, contudo concebida para evitar outra catástrofe, modernizando-a, para acompanhar a evolução urbanística que a Europa Ocidental estava a desenvolver.

O primeiro plano apresentado, foi de Gualter da Fonseca²⁶ e Pinheiro da Cunha²⁷, Este plano foi apresentado em 1755 e incidia na reconstrução de Lisboa, tal e qual como ela era, mas com ligeiras melhorias, aproveitando os entulhos das ruínas para elevar a cota da cidade cerca de três metros, fator comum na maioria das propostas. Contudo, neste plano já existia a tentativa de ligar as duas colinas de Lisboa e transformar as ruas outrora estreitas em ruas mais largas, regularizando-as.

²⁴ Manuel da Maia, nasceu em 1677. Foi engenheiro mor do reino, teve a sua formação em engenharia militar. [...] “Aos dez anos de idade aluno da aula das fortificações de Lisboa, Manuel da Maia em breve seria promovido a coronel de infantaria [1718], após ter concluído o levantamento da cidade por ordem da Secretaria da Guerra, o que o habilitava, a par com os seus vastos conhecimentos teóricos, como o maior especialista do urbanismo da capital” [...] (Barreiros, 2001, p.32)

²⁵ Duque de Lafões, regedor da Justiça. Foi intitulado pelo rei D. João V.

²⁶ Gualter da Fonseca, engenheiro militar Português, responsável pelo primeiro plano de reconstrução da cidade de Lisboa.

²⁷ Pinheiro da Cunha, engenheiro militar Português. Este foi responsável pela primeira proposta de desenho da cidade de Lisboa, depois do terramoto, juntamente com Gualter da Fonseca.



Ilustração 5 – “Planta n.º 1.º, Plano da cidade de Lisboa baixa destruída em que vão sinalizadas por linhas e pontinhos de tinta preta as Ruas traveças, e becos antigos, e sobre o mesmo plano se mostraõ em branco as Ruas melhoradas assim as largas, como as estreitas de mayor uso, como também sobre becos, e Ruas menores e desenhaõ novas ruas que se poderaõ ou escusar, ou abraçar ficando os lugares que os edificios occupaõ lavados de aguada preta; as igrejas dos Conventos, Freguesias e Ermidas vaõ sinaladas com aguada Carmim, e a divisão das Freguesias de côr azul” [...] (Fonseca, Cunha, 1755, p. 306)

O segundo plano, foi da autoria de Elias Sebastião Poppe²⁸ e José Domingos Poppe²⁹ em 1756. Este foi produto de um estudo, sobre a malha hipódamica³⁰ da cidade de Mileto³¹ e de todos os modelos idênticos a esse plano urbanístico. Desde a cidade Renascentista, passando pelas influências das cidades Barrocas, como as Bastides da Idade Media, do fim do século XIII, que tinham o intuito de colonizar território e fixar as pessoas nele. Nesta proposta, existe uma relação de continuidade da malha edificada e do território que teve uma grande influência dos engenheiros militares do reino, devido à sua malha reticular militar, presente nas cidades coloniais.

²⁸ Elias Sebastião Poppe, engenheiro militar Português. Responsável pelo segundo plano de reconstrução da cidade de Lisboa, juntamente com o filho.

²⁹ José Domingos Poppe, engenheiro militar Português. Filho de Elias S. Poppe. Responsável pelo desenho do segundo plano da reconstrução da baixa da cidade.

³⁰ Malha Hipódamica, é um sistema de planeamento urbano, onde existe uma planificação baseada em ruas largas que se cruzavam em ângulos retos. Neste tipo de malha, a forma regular e padronizada, proporciona maior rapidez na construção urbana, tornou-se uma mais valia a nível estético, permitindo aos arquitetos projetarem as cidades segundo padrões de simetria, criando espaços privados ou públicos que se encaixem nessa matriz ortogonal.

³¹ Mileto, foi uma colónia da Grécia antiga, atual Turquia. A cidade de Mileto, é conhecida pela sua malha Hipódamica, esta foi a primeira cidade a ser desenhada a partir de um ponto onde se privilegiava a funcionalidade da cidade.



Ilustração 6 – “Planta n.º 2.º, Plano da Cidade de Lisboa baixa arruinada em que vão de linhas pretas delgadas as ruas e travessas antigas, e em branco as ruas de novo escolhidas, os edifícios novos carmim claro, as igrejas com carmim mais forte, e a cruz, e a divisão das freguesias de azul”[...] (Poppe, Poppe, 1756, p. 307)

Na terceira proposta apresentada, a solução recaía sobre o alargamento das ruas. Neste plano, existe uma geometria exata, realizada por Eugénio dos Santos e Carvalho³² e António Carlos Andreas³³, onde acontece, pela primeira vez, uma tentativa de ligar as duas colinas e as duas praças, a partir das Portas de Santa Catarina³⁴. Nesta variante do plano, os engenheiros, mantêm a espacialidade da praça do Rossio e implantam ligeiras alterações no Terreiro do Paço.

³² Eugénio dos Santos e Carvalho, foi aluno da aula da fortificação de arquitetura militar. Foi um dos principais arquitetos responsáveis pela reconstrução da baixa Pombalina.

³³ António Carlos Andreas, engenheiro militar Português, responsável pelo plano terceiro, de redesenho da cidade de Lisboa, após o terramoto.

³⁴ Portas de Santa Catarina, é uma zona no centro de Lisboa, aqui é possível desfrutar de uma vista esplendida sobre a cidade de Lisboa. Outrora, esta zona, fazia a ligação entre a cidade e o campo, e daqui partiam as ligações do Cais do Sodré ao Príncipe Real.



Ilustração 7 – “Planta n.º 3.º, Plano da Cidade de Lisboa baixa destruída, em que vão sinaladas com punctuação preta todas as ruas, travessas e becos antigos, e as ruas escolhidas de novo com toda a liberdade se mostraõ em branco, e os sítios dos edificios novos de amarelo, e as igrejas e lugares se conservaõ sem mudança de carmim forte, e alfandega do tabaco, Baluarte do terreiro do Paço e sua cortina, que se devem derribar para restar formado o grande terreiro do Paço – vão lavados de huma agoada de carmim, como também algumas porções de edificios do arco do açougue té á entrada do Pelourinho, que taõ bem se haõ de derribar para complemento do mesmo terreiro do Paço com semelhante agoada e a divizaõ das freguesias com cor azul[...]” (Carvalho, Andreas, 1756, p. 308)

A quarta proposta foi da autoria de Gualter da Fonseca, realizada em 1758, que se centrou na ligação de todas as vias ao centro, da cidade, com o intuito de enaltecer o poder Real presente na Praça do Comércio. Quando Gualter da Fonseca, desenhou esta proposta, teve em consideração a ligação das duas praças e das duas encostas. Deste modo, permitiu, mais tarde, ligar o Rossio³⁵ e o Largo do Carmo³⁶, algo que não acontecia em nenhuma das outras propostas. Neste plano, houve a necessidade de tornar os quarteirões mais longos e métricos, acompanhando a forma dos quarteirões do Bairro Alto³⁷.

³⁵ Rossio, ou praça de D. Pedro IV, é uma praça repleta de caráter histórico situada no centro de Lisboa, a arquitetura envolvente remontam ao século XVIII, depois do terramoto de 1755. Na época, eram realizados nesta praça os autos de fé a mando da inquisição, aqui também eram enforcados quem tentasse pilhar os entulhos deixados pelo terramoto.

³⁶ Largo do Carmo, situa-se em Lisboa, mais propriamente na zona do Chiado. Outrora, no século XIV, existiu o convento do Carmo, nos dias de hoje, restam as ruínas deste.

³⁷ Bairro Alto, é uma localidade no centro de Lisboa. É um dos bairros mais típicos da cidade de Lisboa, com ruas estreitas e longas. O pavimento calcetado, confere-lhe uma maior rusticidade. Neste bairro, podemos encontrar, desde estabelecimentos comerciais, a ateliês ou lojas da moda, como também habitações, frequentadas por todas as idades, desde o jovem ao idoso. Durante o dia, vivesse um ambiente pacato e tranquilo, à noite tudo se transforma, tornando-se num dos mais frequentes lugares noturnos de Lisboa.



Ilustração 8 – “Planta n.º 4”, Formada ainda com mais liberdade sem atender a conservar as igrejas nos seus próprios sítios, nem outro algum edifício, como bem se descobre na delineação do antigo muyto mais fina” [...] (Fonseca, 1758, p. 310)

Dos seis planos propostos para a reconstrução de Lisboa, foi o quinto plano o mais promissor e conseqüentemente o plano usado. Porém, esse mesmo plano, ao longo do decurso dos trabalhos, foi sofrendo pequenas alterações, como por exemplo, o quarteirão que se situava entre a rua dos Fanqueiro e a rua da Madalena, passou de pequenos quarteirões para um só quarteirão, permitindo a ligação com a colina do castelo, tendo a funcionalidade de “muro estanque”.

Este quinto plano, ligou a praça espiritual de Lisboa à praça do Rei, fez a ligação entre a praça do Rossio e o seu poder espiritual, com o Terreiro do Paço e toda a sua imponência, conseguida pelos seus 120m x 140m, como também pelo simbolismo presente na estátua do Rei no centro geométrico da praça.

A Praça do Comércio, tornou-se na sede do império, através de uma estratégia de poder vinculada pela arquitetura envolvente, onde o respeito pela praça era primado. Neste plano, há o intuito de construir uma terceira praça, intitulada de praça do mercado, atual praça da Figueira. Esta, organiza a progressão da cidade para ocidente, a partir do seu centro, existindo uma coerência do eixo da cidade com a porta do mar e concludentemente, porta da cidade. No quinto desenho existe uma grande organização do espaço e do plano, onde subsiste o intuito de definir as áreas habitacionais, áreas comerciais, como também as áreas alfandegárias e marítimas.

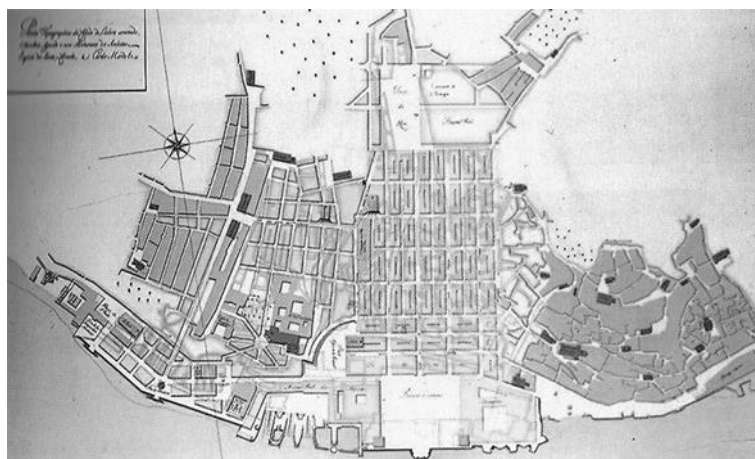


Ilustração 9 – “Planta de reconstrução de Lisboa. Aprovada em 1758” [...] (Mardel, 1758, p. 367)

A autoria deste plano, não está concretamente explícita, porém ao observarmos o baixo-relevo da estátua de D. José, no Terreiro do Paço, apercebemo-nos da riqueza simbólica empregue nessa. Deparamo-nos com um vasto conjunto de símbolos da Maçonaria³⁸, onde nos apercebemos da figura do arquiteto, estando esta a segurar os planos da cidade numa mão e na outra mão o compasso, que simboliza o círculo e o cosmos sobreposto ao esquadro que simboliza a matéria. Esta representação, leva-nos a concluir que o autor do plano de reestruturação da cidade de Lisboa, é Carlos Mardel³⁹, sendo que este era o único Maçom de toda a equipa destacada para redesenho de Lisboa. Neste tipo de representação simbólica, quando o compasso se sobrepõe ao esquadro é porque a imagem retrata um mestre, caso estivesse a retratar um aprendiz, seria o esquadro a estar interlaçado no compasso.

³⁸ Maçonaria, consiste numa sociedade discreta ou podemos afirmar, sociedade secreta. É uma sociedade universal e desconhece-se a sua origem, calcula-se que tenha cerca de 6 milhões de integrantes espalhados por todo o Mundo. Estes cultivam os princípios da liberdade, democracia, igualdade, fraternidade e aperfeiçoamento intelectual. A maçonaria, estrutura-se através de células, chamadas de lojas, ateliês ou oficinas. O seu principal símbolo é o compasso e o esquadro, representação do arquiteto.

³⁹ Carlos Mardel, arquiteto e engenheiro, viajou para Portugal cerca de 1763. Tornou-se sargento mor da infantaria de engenharia, mais tarde capitão e por fim atingiu o posto de Coronel. Este foi um dos principais arquitetos na reconstrução de Lisboa, após o terramoto. A sua primeira obra em Portugal, foi a o aqueduto das águas livre, mãe d' Água e o arco triunfal, no atual jardim das Amoreiras. Mais tarde desenhou o Palácio do Marquês de Pombal. Carlos Mardel, era mestre Maçónico e pertencia a loja Lusitana, que se centrava em estudos de arquitetura, música e geometria, era uma loja dedicada a acolher Maçons estrangeiros. Não existe certezas das suas origens, mas desconfia-se que tenha origens Húngaras e que passou por cidades como St. Petersburgo, Budapeste e Viena. A sua arquitetura era característica de cidades costeiras, onde o rio era o principal elemento modelador. Porém, não existe certezas do seu nome, existe sim uma possibilidade de *Mardel*, ser um derivado de *Martel*, nome fictício por ele escolhido, quando se iniciou na Maçonaria.

Em suma, toda a simbologia aponta para que Carlos Mardel, seja o responsável pela planta de requalificação da cidade de Lisboa, após o terramoto.

Por fim, existiu um sexto plano, em 1756, da autoria de Elias Sebastião Poppe, onde as ruas eram abundantemente mais largas, tornando os quarteirões quadrangulares, formando um desequilíbrio no plano. Neste desenho as duas colinas e as duas praças estavam ligadas entre si.

Todos os seis planos apresentados, ao Marquês de Pombal e ao rei D. José⁴⁰, foram importantes para definir uma linguagem urbana. Todos eles, formaram um todo, do qual saiu uma cidade nova, em que pela primeira vez na História de Portugal, uma cidade foi pensada, programada e edificada de raiz, levando outras cidades Portuguesas a seguir o mesmo exemplo, como foi o caso da cidade de Vila Real de Santo António⁴¹, como a sua malha geometricamente desenhada.

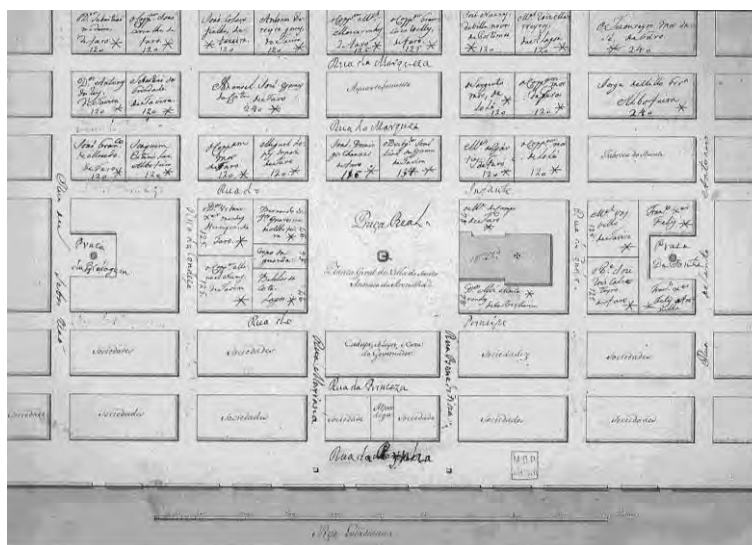


Ilustração 10 – “Planta Geral da Villa de Santo António de Arenilha” [...] (Autor desconhecido, 1775, p. 301)

A cidade de Lisboa, foi reconstruída com o intuito de resistir a futuros terremotos, sendo esse progresso possível, com um vasto desenvolvimento técnico, que levou à sistematização e pré-fabricação dos materiais usados, desde as vigas até à

⁴⁰ Rei D. José, foi um monarca Português e vigésimo quinto rei de Portugal, filho de D. João V e de D. Maria Ana de Áustria. Nasceu a 6 de junho de 1714 e faleceu a 24 de fevereiro de 1777.

⁴¹ Vila Real de Santo António, cidade situada no Sul de Portugal. Foi uma cidade construída de raiz, segundo o modelo militar e a malha hipódamica. Esta cidade, foi pensada para o desenvolvimento da indústria pesqueira e para o desenvolvimento das exportações das conservas. A sua localização geográfica, permitiu um maior desenvolvimento neste setor.

carpintaria. Desse modo, o desenvolvimento tornou-se mais rápido e eficaz, levando a uma maior poupança. Uma das principais inovações, desta arquitectura, foi a chamada “gaiola”.

A “gaiola” Pombalina, era construída em madeira e revestida em pedra. Esta estrutura, estava simplesmente apoiada nas paredes principais do edifício. Deste modo, caso ocorresse outro terramoto, as paredes principais podiam cair, mas a “gaiola” mantinha-se de pé, tornando o edifício mais elástico.



Ilustração 11 – “Interior de edifício Pombalino, em obras, no qual é visível a ‘gaiola’ de madeira”. (Appleton, 2005, p.11)

As lajes do edifício Pombalino, estavam apoiadas no ressalto existente nas paredes exteriores, desse modo, à medida que o edifício crescia em altura, a espessura das paredes exteriores, ia diminuindo, aumentando desse modo a área dos espaços interiores.

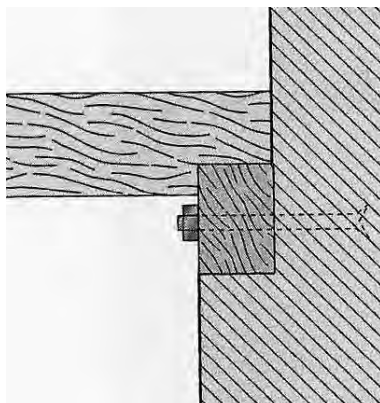


Ilustração 12 – “Frechal sobre dente da parede (segurado, carpintaria Civil)”. (Appleton, 2005, p.34)

A estrutura da “gaiola” estava ligada entre si, permitindo a fortificação das fundações, tornando o edifício mais resistente, visto que, o solo da Baixa Pombalina, era bastante rudimentar e instável, situação que depois do terramoto se agravou.

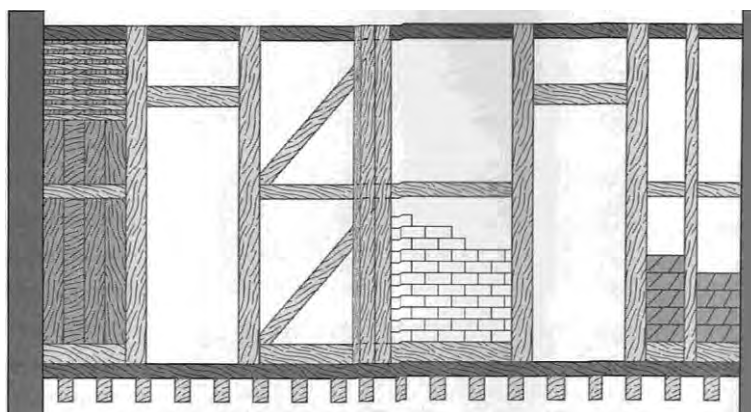


Ilustração 13 – “Diversos tipos de tabique (Segurado, Alvenaria e Cantaria)”. (Appleton, 2005, p.32)

A utilização da madeira, nos edifícios Pombalinos, deveu-se à grande experiência dos Portugueses, em construções marítimas, como o caso, da elaboração de caravelas. Porém, a construção de naus e a construção de edifícios capazes de resistir a terremotos, não se enquadram na mesma realidade. Contudo, a madeira, era a a matéria-prima que abundava em Portugal, logo, fazia todo o sentido usa-la.

A reconstrução da cidade de Lisboa, não se fez de um dia para o outro, apesar de todos os esforços e apoios da restante Europa, Lisboa demorou cerca de 100 anos a ser construída. Só em 1870, se terminaram todos os planos propostos.

A base desta nova cidade, centraliza-se entre o Terreiro do Paço e o Rossio, inspirado num princípio de cidade Barroca, onde havia primazia pelo espaço em função do movimento, ligando dois pontos eloquentes. Estas duas praças, geometricamente unidas, demonstravam o poder Real e o Absolutismo empregue através de uma escala adequada a esse poder. A praça do Comércio e os quarteirões adjacentes foram projetados geometricamente, através da composição Áurea⁴². As ruas longitudinais que fazem a ligação entre estes dois elementos arquitectónicos, são cortadas em ângulos rectos transversais, dando maior importância às três ruas nobres (rua Augusta, a principal artéria da cidade Pombalina, rua Áurea e rua da Prata) partindo do Terreiro do Paço e desembocando no Rossio.

Este traçado ortogonal, entre as praças fez a ligação entre a colina do Castelo de São Jorge e a colina de São Francisco, assemelhando-se muito ao plano de reconstrução da cidade de Londres⁴³, depois do incêndio de 1666, da autoria do urbanista Christopher Wren⁴⁴ e John Evelyn⁴⁵, tal como, ao plano de reconstrução da cidade de Turim⁴⁶, da autoria do engenheiro Carlo Di Castellamonte⁴⁷. Ambos os planos têm uma forte ligação com o rio.

Esta associação da ortogonalidade ao Iluminismo e ao Racionalismo⁴⁸, compreende-se numa intenção política de Pombal, ao querer demonstrar o seu poder Absolutista

⁴² Composição Áurea, ou também chamada de composição divina, baseia-se em princípios matemáticos e geométricos. Esta é a representação visual do número Phi, 3,14. Phi, é uma constante na natureza, espaço, física, matemática e arte.

⁴³ Londres, capital de Inglaterra e mais importante cidade deste País. Neste momento, é um dos principais centros económicos e financeiros de todo o Mundo. No passado, em 1666, Londres, foi destruída por um enorme incêndio, impulsionando a requalificação urbana desta cidade de raiz, tal como, sucedeu, anos mais tarde com Lisboa.

⁴⁴ Christopher Wren, foi projetista, astrónomo e arquiteto. Wren projetou a Catedral de São Paulo, considerada uma obra-prima da arquitetura Europeia. Este também foi responsável, pela reconstrução do centro de Londres, depois do incêndio que deflagrou a Capital Inglesa.

⁴⁵ John Evelyn, figura importante da História de Inglaterra, para além de ter sido escritor, foi também jardineira, tendo um papel fundamental da reconstrução de Londres depois do grande incêndio.

⁴⁶ Turim, cidade italiana, situada na província de Piemonte, no norte de Itália. Nos dias de hoje é uma cidade de cariz industrial. Foi alvo de uma requalificação urbanística marcante a nível Europeu, influenciando outras cidades, como Lisboa.

⁴⁷ Carlo Di Castellamonte, arquiteto e engenheiro militar, foi um grande influente do Barroco Piemontês. Estudou em Roma, instalando-se mais tarde em Turim, onde tornou-se assistente do arquiteto Ascanio Vitozzi.

⁴⁸ Racionalismo, é uma doutrina, baseada na confiança perante a razão. Esta reconhece, somente o que entende como lógico.

ao mesmo tempo que têm controlo sobre o Rei. Dando a ideia de que o Iluminismo está presente na sociedade portuguesa, manifestando um avanço cultural, social e científico, que já se sentia na restante Europa.

“A arquitectura subordina-se, assim ao urbanismo, como deve de ser, numa cidade moderna, pautada por princípios racionais de utência pratica e simbólica”. (França, 2005, p. 41)

Numa primeira abordagem, temos a sensação de que os edifícios Pombalinos, são monótonos e todos idênticos. Porém, a arquitetura Pombalina não é sempre igual, existe é uma regra dominante de repetição dos elementos semelhantes, levando até à exaustão a conjugação desses elementos, criando um variado número de soluções.

Os edifícios Pombalinos, variavam no tratamento das suas fachadas de uma forma hierarquizada, consoante a importância da rua. Assim sendo, existiam três tipologias de fachadas Pombalinas: as fachadas das ruas principais, as fachadas laterais e as fachadas das travessas.

[...] imóvel de lojas, de portas alternadas, mais largas e mais estreitas, primeiro andar janelas “rasgadas” (ou de sacada), segundo e terceiro andar de janelas de peitoril (ou de peito), quarto piso de águas – furtadas na prumada dos outros vãos e inserida na primeira de duas águas mardelianas, cantarias rodeando os vãos e em pilastra nos cunhais ou nas separações dos prédios, o resto da fachada em reboco ocre amarelo (“jalde”); no interior, numa tipologia de variedade insignificante, há escadas estreitas a partir de um átrio estrito, divisões articuladas mutuamente, geralmente sem corredor, sem fogões de aquecimento nem retretes, e com lambris de azulejo pobre, não figurativo, da fábrica pombalina no rato. (França, 2005, p. 42)

História de Portugal, como, Vasco da Gama⁴⁹, ou mesmo o próprio Marquês de Pombal. Aí, estão representados os heróis de Portugal. O arco reflecte o povo Português que abriu caminho para o mundo, demonstrando os seus valores e virtudes. Este, conduz à rua Augusta e conseqüentemente à praça do Rossio.

É ousado, classificar as tipologias dos edifícios com um estilo arquitectónico, porém podemos atribuir raízes Maneiristas⁵⁰ do século XVII, nesta arquitectura, como também Neoclássicas⁵¹ em oposição ao Barroco Joanino⁵², predominante na época anterior.

A cidade Pombalina, separa a cidade Lisboeta medieval⁵³ e Barroca da cidade moderna. O poder Absolutista da Praça do Comércio, e de toda a sua envolvimento rigorosa, disputa uma demonstração de poder Eclético⁵⁴, proveniente das construções sacras⁵⁵, que tiveram um domínio mais livre na sua realização. Contudo, não foi só nas construções sacras, que Lisboa conseguiu uma variante mais desprendida da arquitectura Pombalina. A construção de um templo, virado para as artes, como o teatro da ópera de S. Carlos, erguido em 1790, onde o estilo neoclássico predomina no edificado.

⁴⁹ Vasco da Gama, foi um navegador Português que descobriu o caminho marítimo para a Índia. Mais tarde tornou-se governador da Índia. Foi o terceiro filho de Dom Estêvão da Gama e Isabel Sodré. Pertencendo à nobreza Portuguesa, Vasco da Gama foi inicialmente destinado à vida eclesiástica, mas preferiu trocá-la pela carreira militar e pela navegação.

⁵⁰ Maneirista, foi um estilo arquitectónico, tipicamente Português. Baseava-se nos valores clássicos e naturalistas. Predominou, entre 1500 e 1600, tendo a sua origem em Itália. Em Portugal, teve o seu apogeu no século XVII.

⁵¹ Neoclássicas, deriva do termo Neoclassicismo. Foi um movimento literário e artístico, baseado nos princípios estéticos do Classicismo Francês, que predominou na Europa no séc. XVIII, em oposição ao movimento Barroco e ao Romantismo.

⁵² Barroco Joanino, foi uma vertente artística do Barroco, existente em Portugal, durante o reinado de D. João V. O Barroco Joanino, foi marcado pela grandeza e ostentação e excesso decorativo. A arquitectura Joanina, foi uma corrente artística centrada na demonstração do poder económico, caracterizada por uma estética exagerada.

⁵³ Medieval, esta palavra deriva, dos tempos da idade Média. Refere-se a um conceito medievo.

⁵⁴ Poder Eclético, é um conceito Filosófico, em que baseia o poder na procura do saber Este pensamento surgiu entre 1833 e 1848.

⁵⁵ Sacras, deriva da palavra sagrada. Nesta situação, está a referir-se a uma arquitectura sagrada. A arte sacra, foi predominante nos séculos XV e XVI.

Mais tarde, pode-se afirmar, que a culminação de todos os fatores, que decorreram ao longo dos anos, em que Lisboa, levaram ao desenvolvimento de passeios públicos, convidando o lisboeta a implantar novos hábitos no seu dia-a-dia, algo que depois do terramoto ainda não tinha sido conseguido, devido a uma cidade traumatizada durante gerações, pela catástrofe que a abalou.

Em suma, pode-se dizer que, se conseguiu fazer e refazer uma cidade, à imagem de uma política Absolutista, mas que dava primazia ao desenvolvimento da economia e cultura do povo. Dando uma grande importância aos burgueses, que tornaram possível um sonho utópico⁵⁶, de uma cidade modernista, simbolizando uma política urbanística funcional, que deu um novo retrato à capital.

⁵⁶ Utópico, deriva do conceito de utopia. Este, baseia-se num pensamento futurista e de impossível concretização, um sonho. Utopia, retrata a cidade ideal, a vida ideal. Esta palavra, foi criada a partir das ideias Gregos. Lugar, não – lugar, algo que não existe.

2.2. Requalificação e Tempo

Requalificação e tempo, incide sobre o desenvolvimento da cidade de Lisboa, pensando no Homem e no seu bem-estar social. Após a catástrofe de 1755 que levou anos a recuperar.

Durante século XIX, o mundo viveu uma era de revoluções, partindo do continente Europeu e expandindo-se até ao lado Ocidental do globo. Porém, uma série de mudanças vieram a acontecer pelo mundo.

Com o fim, das revoltas, surgiu a consolidação e triunfo das democracias liberais, de origem burguesa e cada vez mais democráticas, impulsionadas pelo sufrágio⁵⁷.

A ascensão da classe burguesa, foi um reflexo da própria evolução da sociedade. As classes sociais distinguem-se pelo nível sócio-cultural e profissional e menos pelo estatuto de nobreza⁵⁸, como acontecia em séculos passados.

No início do século XIX, a burguesia teve um papel mais ativo e revolucionário, vindo a substituí-lo por uma atitude mais ordeira e conservadora, defensora das leis vigentes e da moral. Mudando o modo de viver nas cidades, vindo a alterar os conceitos de vivência em sociedade. O crescimento económico, social, político, demográfico e cultural desenvolveu-se nas cidades, alterando o estilo de vida dos habitantes, enquanto no campo a vida estagnava.

As cidades deste século eclodiram num “boom” de vivências e pessoas, tornaram-se centros cosmopolitas, símbolos de um modernismo vigente.

O desmedido avanço nas ciências, permitiu um grande desenvolvimento nos transportes, conseqüentemente nas emigrações, tornando mais fácil e acessível as comunicações, partilhando desta maneira, conhecimentos, culturas e experiências.

⁵⁷ Sufrágio, é uma forma de manifestação de interesses dos indivíduos, na vida pública e na sociedade política. Em suma, é o direito ao voto.

⁵⁸ Nobreza, a palavra nobreza, deriva de um conceito, existente desde o reinado de D. Afonso VI. O estatuto Nobre, adquiria-se através de linhagem, descendência. Os nobres, tinham mais privilégios em relação ao povo.

O avanço nas ciências foi fruto de um racionalismo laico⁵⁹ e positivista, em oposição aos conceitos e valores religiosos e metafísicos, baseados exclusivamente nas leis da lógica e em fatos comprovados pela experimentação.

Durante o século XIX Portugal viveu períodos de alguma instabilidade, marcada pela ditadura de João Franco⁶⁰, pela contestação republicana, pelo regicídio⁶¹, pela implantação da república, pela intervenção na 1ª Grande Guerra Mundial e por fim, pela implantação do Estado Novo. Todas estas mudanças causaram alterações nos Portugueses, e consequentemente a arquitectura também sofreu influências destes estigmas.

Em 1850 Lisboa, tinha acabado de sair de uma guerra civil de 30 anos e o estado anunciava as suas regras políticas para um desenvolvimento industrial e civilizacional do País. Com isso, iniciou-se a construção de estradas e caminhos-de-ferro, com a intenção de desenvolver um mercado, em detrimento do progresso agro-pastoril.

Modernizar as cidades portuguesas foi um desejo das elites culturais, mais do que uma intencionalidade. Porém, a cidade continuava marcada por uma influência setecentista Pombalina.

No conjunto da programação Pombalina de Lisboa, a decisão de fundar o *Passeio Público* foi um gesto simbólico que reforçava, e particularmente representava, o paradigma de modernidade de todo o projecto. De facto, se para todas as peças maiores do plano é possível apontar-se uma genealogia imediata – as *places royales* seiscentistas para a Praça do Comercio, logo o Bairro Alto para o xadrez rigoroso das artérias da Baixa, a tradição do palácio maneirista para o módulo arquitectónico adoptado – o mesmo não acontece com o passeio publico que, na Lisboa pouco cosmopolita, com uma memória e pratica longínqua dos jardins escondidos de raiz muçulmana, foi uma novidade absoluta e um signo inicial.

O Marquês terá contactado com esses recentes espaços de convivencialidade aristocrática em Viena e Londres, onde eles já existiam, e tudo leva a supor que terá sido por iniciativa sua que Lisboa foi dotada desse acto de civilização. Com ele, pelo menos intencionalmente, reforçava-se um entendimento da cidade como espaço interclassicista de vida colectiva que, sendo gesto iluminado do estado que pretende o

⁵⁹ Racionalismo laico, é o conceito que denota a ausência de envolvimento religioso em assuntos governamentais.

⁶⁰ João Franco, nasceu em 1855, foi um dos políticos mais dominantes na fase final da monarquia constitucional Portuguesa. Formou-se em direito pela universidade de Coimbra. Teve vários cargos judiciais, subindo rapidamente na carreira política. Foi ministro e secretário dos negócios estrangeiros.

⁶¹ Regicídio, conceito referente ao assassinato do rei, neste caso, refere-se ao assassinato de Rei D. Carlos.

melhor para os seus súbditos, na verdade, sibilantemente anunciava o seu futuro democrático, onde todos (nobres e burgueses, naturalmente) se misturavam independentemente de genealogias antigas e recentes. (Moita, 2004, p. 425)

Estado Português aceitou a uma postura socialmente mais romântica. Reflexos disso foram os Passeios Públicos, já manifestados pelo arquiteto Reinaldo Manuel⁶², durante o período Pombalino, reflexo de um urbanismo Iluminista, para que, deste modo, a cidade pudesse ter um espaço público qualificado, onde todos os extractos sociais pudessem usufruir desse lugar.



Ilustração 16 – “Av. Da Liberdade” [...] (Christino, 1883, p. 429)

Elevando a cidade de Lisboa, à modernização oitocentista, já existente nas restantes capitais Europeias e tão aguardada pelos políticos Portugueses. O Passeio Público veio beneficiar de um sentido decorativo, empregue nas calçadas, com desenhos organicistas, provenientes de influências deixadas pela arte Pombalina. Contudo, este espaço lúdico também beneficiou da presença, já existente, do teatro D. Maria I, tendo sido uma forte influência do poder Absoluto em Portugal, porém a iniciativa da construção do teatro em pouco afetou os Lisboetas, pois a estrutura do teatro era o oposto da cidade modernista e à cultura Iluminista.

Este efeito do romantismo liberal propôs novos hábitos aos Lisboetas, que conheceram Passeio Público, e dele fizeram uma constante. O traço romântico da cidade organizava-se a partir de uma série de manchas verdes, dinamizando a cidade moderna, fazendo-a fluir.

⁶² Reinaldo Manuel dos Santos, foi arquiteto e engenheiro militar. Esteve presente na realização do convento de Mafra, como aprendiz. Foi responsável pelas igrejas dos Mártires e de S. Nicolau, pelo Chafariz das Janelas Verdes e do Passeio Público.

Rebaixaram-se muros, ergueram-se portões, plantaram-se árvores, segundo uma simétrica francesa, abriu-se um lago e, no topo norte, a celebrada cascata. Nesse palco curto ocorreram as primeiras experiências de iluminação a gás e realizaram-se frequentes quermesses ou saraus musicais com fins próprios de uma cultura que queria também civilizar pobres e marginais [...] (Moita, 2004, p. 407)

O Passeio Burguês, em meados de oitocentos, veio a proporcionar um equilíbrio dinâmico e civilizacional, de que Lisboa tanto carecia.



Ilustração 17 – “Passeio Público de Lisboa” [...] (Sem dados, 1840, p. 426)

Aconteceu em Portugal um novo culto pela natureza, em paralelo com a expansão tecnicista.

Os Passeios Públicos tornaram-se lugares boémios e de passeio, onde se transmitiam opiniões, partilhavam-se conhecimentos e onde se convivia socialmente.

Os novos jardins da cidade de Lisboa vieram valorizar as zonas altas da cidade, criando cenários de contemplação sobre Lisboa como também de refúgio. Esses espaços tornaram-se no melhor do urbanismo romântico, para além de conseguirem refletir todo o esplendor da cidade de Lisboa e da sua arquitetura.

Mais tarde, depois de desenvolvido o Passeio Público, deliberou-se, transforma-lo, num boulevard⁶³ Parisiense. Sendo esse foi influenciado pelo urbanismo Francês.

⁶³ Boulevard, o conceito de Boulevard, deriva dos Franceses. Designa um tipo de via, caracterizada pela sua enorme largura, com preocupações urbanísticas e paisagísticas, pensando sempre primeiro no percurso pedonal.

Deste modo, em 1886, surgia assim, a Avenida da Liberdade, que unia as duas principais zonas da cidade, a oriental e o seu centro urbano e a ocidental, margeada pelo rio Tejo, tendo a Avenida 24 de Julho a função de distanciar fisicamente o rio, da faixa cidadina de Lisboa.

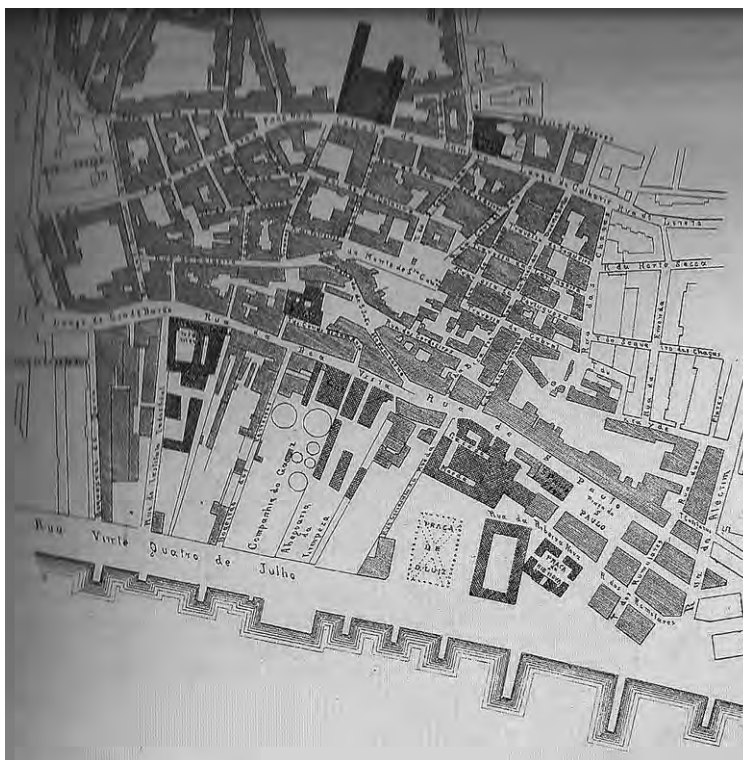


Ilustração 18 – “Planta da Freguesia de Santa Catarina [...] (Newton, 1888, p. 449)

As consequências mais evidentes desta interpretação urbanística dos Boulevards resultaram numa ortogonalidade de desenho básico analogamente as vias, contrastando com uma mancha verde, que sombreava os passeios, ludibriando a pobreza das fachadas.

A Avenida de Liberdade viria a estruturar as “Avenidas Novas” da cidade de Lisboa. Estas estavam organizadas pelo eixo estruturante da Avenida Ressano Garcia, atual Avenida da República. A ortogonalidade transmitida nestas avenidas era articulada por ruas transversais, segundo um xadrez operativo, vindo este mais tarde a ser designado por Nuno Portas⁶⁴, de “urbanismo de grau zero⁶⁵”, devido à definição básica

⁶⁴ Nuno Portas, arquiteto Português. Licenciou-se pela Escola Superior de Belas Artes no Porto em 1959, depois de ter frequentado a Escola Superior de Belas Artes de Lisboa. Escreveu para a revista *Arquitetura*, vindo mais tarde a dirigi-la. Em 1962, entrou no laboratório nacional de engenharia civil, vindo a coordenar o grupo de Arquitetura, Habitação e urbanismo.

e rigorosa da malha estruturante, que repetidamente em amplos quarteirões dava a hipótese de se concretizar uma arquitectura livre e aberta.

Mais tarde, com a realização desta, foram destronadas as grades do Passeio Público, dando lugar, ao Parque da Liberdade. O intuito seria dotar a cidade de um conceito de modernidade, com a implantação de zonas verdes, com funções estéticas, vocacionadas para um novo tipo de lazer, de cariz familiar e uniformizado.

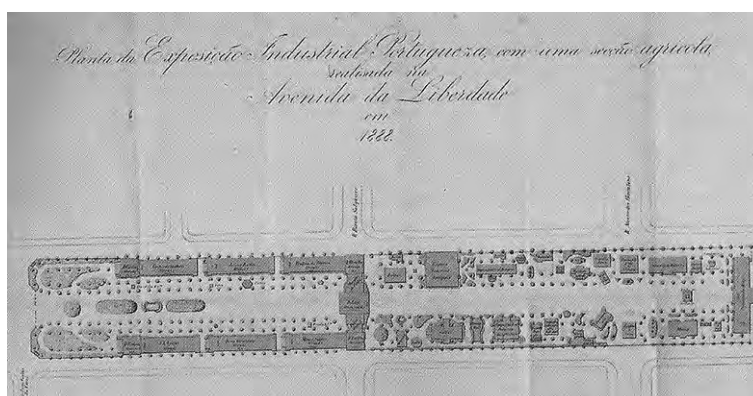


Ilustração 19 – [...] “secção agrícola realizada na Avenida da Liberdade” [...] (Sem dados, 1888 p. 435)

⁶⁵ “Urbanismo de grau Zero”, é a expressão usada pelo arquitecto Português, Nuno Portas, para definir um tipo de arquitectura urbana, centralizada na simplicidade do traçado e da malha urbana que a constrói.

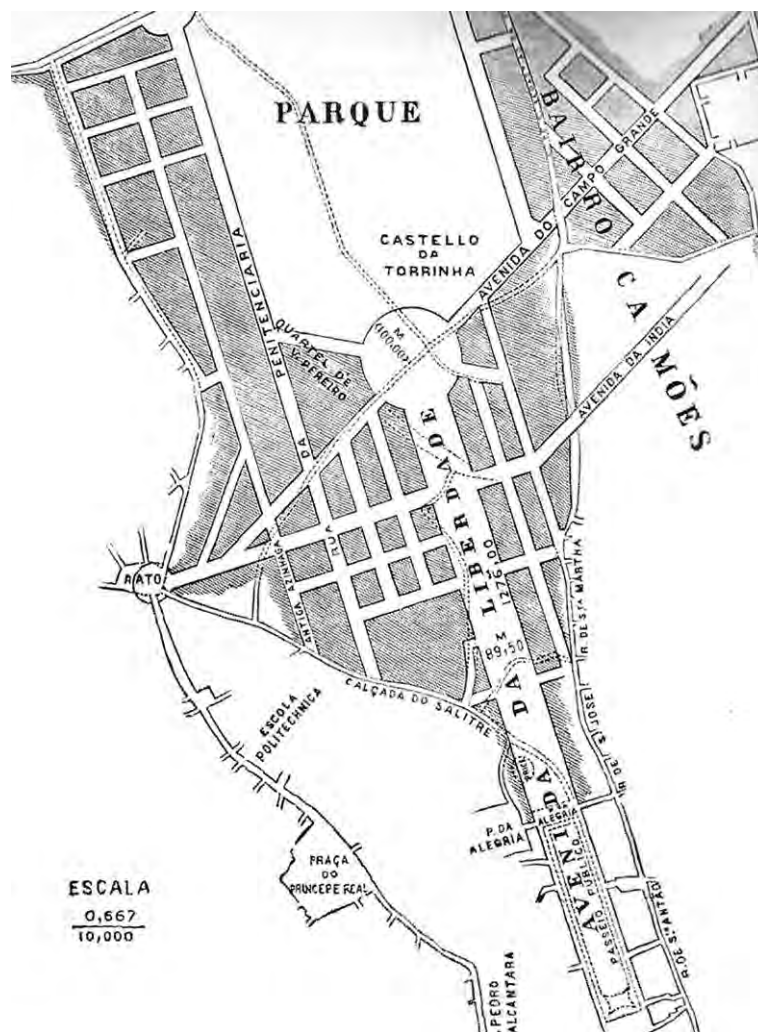


Ilustração 20 – “Plano da Avenida da Liberdade”. (França, 2005, p. 64)

Para a realização desse projeto foi aberto um concurso público internacional, ao qual concorreram artistas de toda a Europa, sendo ganho pelo arquiteto Francês, Henri Lusseau⁶⁶.

Todavia, as Avenidas Novas foram um excesso, para uma cidade que, figurativamente, cabia toda entre o Chiado e a Rua do Ouro e onde as zonas da moda burguesa, eram a Lapa e o Príncipe Real, mantendo-se até aos dias de hoje.

As Avenidas Novas foram um desejo futurista de uma cidade atualizada pela ascensão da burguesia e pelas inovações tecnicistas da época. Porém, as gerações seguintes não idolatraram este conceito, considerando-o um ato de esbanjamento

⁶⁶ Henri Lusseau, arquiteto Francês. Responsável pelo desenho dos jardins da Liberdade.

financeiro e aristocrático, característico do espírito ostensivo e luxuoso da corte de D. Carlos⁶⁷.

Na primeira década do Estado Novo⁶⁸, durante a 2ª Guerra Mundial⁶⁹, as Avenidas Novas adquiriram o estatuto de Bairro da alta burguesia, com lojas e pastelarias especializadas e cinema.

A Avenida da Liberdade foi o resultado de uma estratégia urbanística precisa, em que Frederico Ressano Garcia⁷⁰ foi o responsável pela sua realização. Esta representava uma parte de um projecto global, que se viria a expandir para as Avenidas Novas.

Esta integrou o Passeio Público como um troço do Boulevard e alargando as faixas de circulação.

Em suma, a Avenida da Liberdade instalou-se nos hábitos da cidade de Lisboa, sendo um reflexo da civilização contemporânea, alargando os rituais cosmopolitas dos Lisboetas com a projecção de um Passeio Público.

⁶⁷ D. Carlos, foi o penúltimo Rei de Portugal. Nascido em Lisboa, filho do Rei Luís I de Portugal e da princesa Maria Pia de Sabóia. Subiu ao trono em 1889. Denominaram-no de *O Diplomata*, devido a inúmeras visitas que fez pelas cortes Europeias, também foi chamado de *O Mártir* por ter morrido assassinado.

⁶⁸ Estado Novo, é o nome dado ao regime político autoritário e corporativista do Estado Português que vigorou em Portugal durante 41 anos desde 1933 até 1974, tendo sido derrubado pela Revolução do 25 de Abril. O conceito, Estado Novo, assinalou a entrada numa nova era. Neste sentido, o Estado Novo encerrou o período do Liberalismo em Portugal.

⁶⁹ 2ª Grande Guerra Mundial, foi o conflito mundial que perdurou de 1939 e 1945, envolvendo a maioria das nações de todo o mundo. Foi a guerra mais abrangente da história, com 100 milhões de militares. Esta guerra também ficou marcada pelo grande número de ataques a civis, bem como o holocausto. Foi a única em que se utilizaram armas nucleares, tornando-se no conflito mais brutal da humanidade, com 70 milhões de mortos.

⁷⁰ Frederico Ressano Garcia, foi um engenheiro, professor e político. Destacou-se por ter dirigido a expansão e renovação urbana da cidade de Lisboa. Devem-se a Ressano Garcia o planeamento e construção da zona metropolitana de Lisboa como a Avenida da Liberdade, a Praça Marquês de Pombal, a Avenida 24 de Julho, os bairros de Campo de Ourique e da Estefânia e a Linha de Sintra.



Ilustração 21 – “Lisboa – Avenida da Liberdade, vista tirada do centro da Avenida na direcção Norte” [...] (Cristino, s.d., p. 426)

“A Grande moda em Lisboa é fazer! Fazer-se a Avenida a partir das seis horas como se faz a Rua do Ouro às quatro da tarde, como se faz o chiado as cinco”. (Moita, 2004, p. 432)

Em oposição a esta nova realidade de urbanismo pensado, a câmara de Lisboa não colocava entraves ao edificado que ladeava a avenida, à semelhança do que aconteceu nas Avenidas Novas.

Os edifícios, não se cingiam a regras, os prédios foram-se erguendo segundo tipologias tipo palacete com dois andares, ou com quatro ou cinco andares, para torná-los mas rentáveis. Não existiu rigor representativo nas fachadas, multiplicando-se assim um leque de estilos Eclétistas⁷¹, que reflectiam a fraca capacidade de investimento do burguês.

A Avenida da Liberdade representou a democratização de uma sociedade. Foi o reflexo das vivências dos Lisboetas de um tempo cultural em si desajustado. Por um lado, o passado presente, por outro, o futuro longínquo.

Esta também foi um reflexo de um urbanismo romântico, preocupado com o bem-estar do Homem e sua ligação com a natureza. Tornou possível a convivência entre as diferentes classes sociais, no mesmo lugar. Conseguiu organizar a expansão de uma cidade de um modo organizado e funcional. Ligou a cidade velha à cidade nova, onde conseguiu fundir o Tejo com estas.

⁷¹ Eclétistas, método e conceito filosófico ou científico que procura a conciliação entre teorias distintas. Na arte, este conceito, pode simplesmente referir-se à liberdade de escolha, daquilo que achamos melhor, sem nos prendermos a nenhum conceito estereotipado.

A Avenida da Liberdade, as Avenidas Novas e conseqüentemente os Passeios Públicos, projetados para a cidade de Lisboa, foram pensados para um futuro de uma cidade cosmopolita em constante crescimento, levando à expansão do traçado original.

2.3. Requalificação e Pluralismo

No início do século XX, Portugal vivia num regime Fascista⁷², todavia, através do comércio colonial e da emigração, Portugal manteve-se forte e conseguiu ultrapassar as perturbações vindas da Europa, como o nazismo⁷³ na Alemanha e a 2ª Guerra Mundial, como também a guerra civil em Espanha. Porém, a cultura e artes foram as mais condenadas e pouco compreendidas pelo público e pela classe política. A arte em Portugal continuava a sofrer um desfasamento cronológico e ideológico em relação a restante Europa Ocidental.

[...] “a palavra mais desconsiderada é a palavra artista [...] desconsiderado, desprestigiado, falido e posto de fora de cena e da vida, como dizia, em 1933, Almada Negreiros”. (Pinto, Meireles e Cambotas, 2002, p. 90)

Em 1900, Lisboa teve um novo arranque na cultura e nas artes, saindo de uma período de pobreza e estagnação económica, para tornar-se numa capital dinamizada pelos avanços na tecnologia, que levaram ao desenvolvimento dos portos de Lisboa e à construção de ferrovias, ajudando assim a impulsionar Lisboa.

Com as Avenidas Novas, desde a Avenida da Liberdade até ao Campo Grande⁷⁴, passando por Picoas⁷⁵ e pela avenida da República, Lisboa teve um novo ímpeto urbanístico, impulsionado pelo engenheiro Ressano Garcia. Todavia, entre crises internas e externas, Lisboa continuava com um papel secundário no panorama Europeu.

⁷² Fascista, este termo deriva da palavra Fascismo, este foi um regime político totalitário, de extrema-direita. Surgiu em Itália por Mussolini, cerca de 1919. Este resumiu a doutrina a uma simples regra: "Tudo para o Estado, nada contra o Estado, nada fora do Estado."

⁷³ Nazismo, foi um movimento nacional-socialista Alemão. Foi uma ideologia praticada pelo Partido Nazista da Alemanha, formulada por Adolf Hitler, e adotada pelo governo da Alemanha de 1933 a 1945, ficando este período conhecido como o Terceiro Reich.

⁷⁴ Campo Grande, localidade no centro de Lisboa. Retratada, pela sua grande estação metropolitana, albergando, comboios, metros e estação de camionagem.

⁷⁵ Picoas, é uma zona no centro de Lisboa. Esta tem bastante movimento durante o dia, devido ao grande número de escritórios. A estação de metro de Picoas foi inaugurada em 1959, sendo uma das mais antigas de Lisboa.

Lisboa capitalista nasceu com certezas que Fontes infundira na pátria constitucional e conforme uma necessidade social e económica, e simbólica também. Assim acontecera já no tempo de Pombal, com um terramoto a favor – e, tal como ali se verificará depois, na passagem de setecentos para oitocentos, também na urbe da transição dos séculos seguintes, o capitalismo nacional, sempre fruste, degradou a imagem da cidade em arquiteturas miseráveis. Rapidamente, então, os “gaioleiros” e os “pato bravos” encheram Lisboa, abafando quaisquer veleidades de gosto num não – valer – a – pena mercantil. (França, 2005, p. 81)

Nos anos 40 o poder político começou a ter uma maior preocupação ao nível das artes. As obras com um carácter turbulento e sem objectivo, foram proibidas por Oliveira Salazar⁷⁶. Este criou o cargo de Secretário Nacional de Informação, Cultura Popular e Turismo – SNI, dirigido por António Ferro⁷⁷, tendo este, implantado as ideologias do Estado Novo: Deus, Pátria e Família. Servindo-se das artes para propagar estes valores, impondo assim, uma arte nacionalista.

Para atingir este fim, em 1940, António Ferro, organizou a primeira exposição mundial Portuguesa, fazendo a ligação entre a arte e o poder político.

[...] mas acção de Pacheco, em Lisboa e nas obras Públicas, foi breve posta prova pela exposição do Mundo Português que, em 1940, teve um profundo papel ideológico na vida nacional e da “capital do império”. Animada por ele e dirigida por Cortinelli Telmo⁷⁸ (com o principal pavilhão projectado por Cristino) foi uma brilhante empresa de todas as artes, fim do modernismo que se processara na arquitetura portuguesa desde há quarto de século – e, para além do seu imediato impacte na vida da cidade espectadora dum arquitetura precária de festa, a exposição acarretou transformações na Praça do Imperio, defronte dos Jerónimos quinhentistas, e um plano de grandes construções oficiais (palácio do ultramar, ministérios) que desde 1951, foi sonho

⁷⁶ Oliveira Salazar, foi umas das personagens mais marcantes na história de Portugal. Foi político nacionalista e professor catedrático da Universidade de Coimbra. O seu percurso político iniciou-se como Ministro das Finanças em 1926. António de Oliveira Salazar instituiu em Portugal o Estado Novo, mudando toda a organização política do país, dirigindo o destino de Portugal. Apoiou-se na doutrina social da Igreja Católica. Salazar orientou-se para um corporativismo de estado, com uma linha de acção económica nacionalista. Esse seu nacionalismo económico levou-o a tomar medidas de protecção e isolamento de natureza fiscal, tarifária e alfandegária para Portugal e suas colónias.

⁷⁷ António Ferro, escritor, jornalista e político, nasceu em 1895, em Lisboa, e morreu em 1956. Frequentou o curso de Direito. Desde cedo ficou ligado ao Movimento Modernista, juntamente com personalidades como Mário de Sá-Carneiro, José de Almada-Negreiros e Fernando Pessoa. Publicou no início da sua carreira, a *Teoria da Indiferença*, manifestação do Modernismo Futurista, composta por uma longa colecção de aforismos paradoxais. Foi o principal impulsionador da revista *Orpheu*.

⁷⁸ Cortinelli Telmo, arquiteto e cineasta Português, nasceu em 1897, em Lisboa. Licenciou-se em Arquitetura pela Faculdade de Belas Artes de Lisboa. Enquanto estudava arquitetura, dedicou-se também ao cinema. Muito jovem tornou-se conhecido pela qualidade das suas obras, em 1922 desenhou o Pavilhão de Honra, da Exposição do Rio de Janeiro. Sete anos mais tarde foi escolhido para conceber o Pavilhão de Portugal na Exposição de Sevilha de 1929. Em 1940 foi designado Arquiteto-Chefe da Exposição do Mundo Português, que teve lugar em Lisboa, tendo este sido o ponto máximo da sua carreira.

incansável de Cristino da Silva⁷⁹, imaginado em vão para toda a zona de Belém. (França, 2005, p. 99)

Esta exposição, tal como a EXPO' 98, veio impulsionar uma cultura mais abrangente desenvolvendo a arquitetura e urbanismo em Portugal.

O avanço da arquitetura em todo o País foi liderado por António Ferro e por Duarte Pacheco⁸⁰, ministro das Obras Públicas e Comunicações. Tornaram-se no pilar do regime, um liderou a estrutura cultural, outro a estrutura física. Este plano urbanístico, foi da responsabilidade de Duarte Pacheco e do seu consultor urbanista, Étienne de Gröer⁸¹, chamado propositadamente para conceber o plano, marcado por radiais que convergiam nos arruamentos da cidade de Lisboa.

[...] uma outra cidade começou a nascer ali, como projecto ordenador, corrigido e melhorado durante os anos 40 – nova etapa após a pombalina e a dupla etapa das avenidas novas, que levavam já sessenta ou cerca de quarenta anos. (França, 2005, p. 93)

A partir de 1950, após o fim da 2ª Guerra Mundial, a cultura ocidental sofreu um “boom”, que estimulou a intelectualidade e o interesse pelas artes e cultura. Em Portugal, esse desenvolvimento artístico foi feito um pouco à margem do regime. Contudo, no fim, acabou por adotar algumas das regras que a ditadura do Estado Novo impunha. Nesta época, o desenvolvimento da cidade de Lisboa para os subúrbios foi inevitável, vindo a crescer ainda mais nos anos seguintes.

Nos anos 50 e conseqüentemente nos anos seguintes, a expansão descontrolada de Lisboa tornou-se um flagelo, e a capital tornou-se no reflexo de uma sociedade de presença tradicional, com dificuldade em acompanhar o Modernismo. Deste modo, surgiu, uma arquitetura nacionalista, com regras rígidas, imposta pelo Estado Novo.

⁷⁹ Cristino Silva, arquiteto Português nascido em 1896, em Lisboa, e falecido em 1976. Desenhou o Pavilhão da Honra e de Lisboa na Exposição do Mundo Português de 1940. Executou também os projectos do Café Portugal do Rossio, do Teatro Capitólio, da Praça do Areeiro, entre outros. Teve um papel importante na concepção do monumento aos Descobrimentos. Mais tarde tornou-se professor de Arquitetura na Escola de Belas Artes de Lisboa.

⁸⁰ Duarte Pacheco, formou-se em engenharia electrotécnica no Instituto Superior Técnico de Lisboa, onde mais tarde se tornou professor e depois director. Ensinava a cadeira de matemáticas gerais. Em 1928, com 29 anos, ocupa pela primeira vez um cargo político, ministro das Obras Públicas.

⁸¹ Étienne de Gröer, foi arquitecto urbanista. Contratado em 1948 por Duarte Pacheco, para ajudar a realizar um plano urbanístico para Lisboa.

A arquitetura do Estado Novo tinha um estilo único, com as suas tipologias e modelos oficiais para todas as construções públicas. Era dominada pela construção de novos bairros, como foi o caso do bairro de Alvalade e o bairro de Campolide, tendo estes inovado pela sua concepção espacial.



Ilustração 22 – “Vista aérea do bairro de Alvalade (plano de Faria da Costa, 1948), mostrando diversidade tipológica do programa social, expresso na arquitectura. Coexistem os «blocos em altura» característicos da «Carta de Atenas» corbusiana (propagada pela Europa depois da II Guerra Mundial), com as moradias geminadas, ainda vinculadas à «cidade jardim» anglo-saxónica.” (Moita, 1948, p. 503)

Nos anos 60, foi inaugurada a ponte sobre o Tejo, prolongando assim a cidade de Lisboa até ao distrito de Setúbal⁸², no mesmo tecido urbano. Os arquitetos Keil do Amaral⁸³, Teotónio Pereira⁸⁴, Nuno Portas e Fernando Távora⁸⁵, foram os grandes nomes de referência dos anos 60.

À saturação da “pequena Lisboa”, com os seus problemas económicos de alojamento, respondem as possibilidades teoricamente ilimitadas dos seus arredores não já bucólicos mas transformados em núcleos de dormitórios de rendas mais acessíveis, sem olhar à qualidade da habitação cumulativa, com graves defeitos sociais. (França, 2005, p. 106)

Na década de 70 aconteceu um acentuado desenvolvimento urbanístico, devido a um grande número de encomendas públicas, fazendo-se uma nova ligação entre a arquitetura, o urbanismo e o meio físico. Após a revolução do 25 de Abril⁸⁶, surge um grande ímpeto criativo devido à ação de alguns jovens arquitetos, como o caso de Souto Moura⁸⁷ e Siza Vieira⁸⁸.

⁸² Setúbal, cidade Portuguesa, localizada na faixa costeira do centro de Portugal. Pertence à região de Lisboa e é conhecida pela sua especialidade gastronómica, o “choco Frito”, entre outros pratos de peixe. Setúbal, é uma cidade portuária, de carácter industrial, ligada ao mar. O seu pequeno centro histórico recebeu recentemente uma intervenção urbanística, com o intuito de requalificar a cidade. Fazendo a ligação à vila de Tróia. Setúbal, aproveita a seu vínculo com o rio Sado e todo o seu estuário, para desenvolver um turismo onde se aposta na união com o mar.

⁸³ Keil do Amaral, destacou-se pela forma peculiar que investiu na arquitetura, entre 1940 e 1950. Assumiu projectos de grandes obras públicas, do regime fascistas, mas sem nunca se identificar com este nem com os padrões do Estado Novo. Manteve-se distante em relação à ortodoxia do Estilo Internacional, em busca de uma ‘terceira via’, capaz de conciliar a racionalidade moderna com a arquitetura tradicional.

⁸⁴ Teotónio Pereira, é um arquiteto Português. Formou-se na Escola Superior de Belas Artes de Lisboa. No seu currículo, pôde juntar numerosas obras realizadas, como o caso, do edifício do aqueduto das águas livres, a igreja do sagrado coração de Jesus, realizada juntamente com o arquiteto Nuno Portas, que lhes valeu o premio Valmor em 1975. Teotónio Pereira, recebeu também o premio Valmor, no ano de 1967 e 1971.

⁸⁵ Fernando Távora, foi arquiteto Português estabelecido no Porto, licenciado pela Escola de Belas Artes do Porto em arquitetura no ano de 1952. Foi membro da Organização dos Arquitectos Modernos. Tornou-se criador de uma nova lógica de construção, dando grande importância à paisagem original, utilizando-a como elemento de ligação à arquitetura.

⁸⁶ Revolução do “25 de Abril”, ou também chamada de revolução “dos cravos”. Foi um golpe de estado, que ocorreu no dia 25 de Abril de 1974 contra o regime Fascista de António Oliveira de Salazar. Este golpe de estado terminou com o regime ditatorial existente desde 1933. Foi conduzido pelo movimento militar das forças armadas, composto por militares, que mais tarde foram apelidados de capitães de Abril.

⁸⁷ Souto Moura, arquiteto formado pela Escola Superior de Belas Artes do Porto, este iniciou a sua carreira no ateliê de Álvaro Siza Vieira, no Porto. É um dos mais importantes e influentes arquitetos do século XX. O seu nome é reconhecido em Portugal e pelo Mundo fora. Ganhou recentemente o premio Pritzker em 2011 (oscar da arquitetura), levando o seu nome além fronteiras.

Nos anos 80 Instalou-se uma nova ordem urbana. Ao mesmo tempo que esta inovou, também se dissipou. Lisboa sofria de um gosto forte por cores berrantes, empregues em variados locais, desde murais aos edifícios públicos, marcando um estado de espírito de euforia colectiva. Nesta década aconteceu uma explosão de construções, em toda a Lisboa e arredores, impulsionada pela liberdade de expressão proveniente da revolução do “25 de Abril”, contudo, se a arquitetura do Estado Novo era rígida e controlada, esta foi o oposto. Talvez, com o intuito de fazer esquecer a opressão sentida no passado.

Esta expressão gerou-se sem antecedentes prévios de planeamento, levando Lisboa a uma desorganização em termos urbanísticos. A única construção planeada e aplicada, foi o Serviço de Apoio Ambulatório Local, ou seja, o SAAL. Com o intuito de recuperar e reinstalar a população que habitava os bairros degradados por todo o País.

Nesta década, paralelamente a uma acentuada terciarização das Avenidas Novas, reaparecem as quintas como um processo de urbanização privativo. Contudo, nos anos 80, a cidade vai buscar a sua sedução a fragmentos isolados de construções, com grande impacto urbanístico, como é o caso do edifício da Gulbenkian, o edifício das telecomunicações em Picoas, a obra de ampliação da casa dos Bicos, e talvez, o mais revelador de todos, o complexo das Amoreiras, de Tomás Taveira⁸⁹, de uma arquitetura Pós-Modernista vinculada, pela sua grande escala e impacto em Lisboa.

⁸⁸ Álvaro Siza Vieira, é um dos principais arquitetos contemporâneos Português, nasceu em Matosinhos em 1933. Conhecido internacionalmente devido aos mais inúmeros prémios ganhos por todo o mundo, inclusive o Nobel da arquitetura, o premio Pritzker em 1992. A sua arquitetura tem primazia por uma ligação forte com o lugar e a envolvente, de linhas fortes e concisas, as suas obras são “esculturas” na paisagem.

⁸⁹ Tomas Taveira, arquiteto Português, formou-se na Escola Superior de Belas Artes de Lisboa, obteve uma pós-graduação em Planeamento Regional e Urbano, pelo Massachusetts Institute of Technology, nos Estados Unidos. Este, lecionou na Califórnia, em State Polytechnic University e na Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa. É um seguidor do estilo Pós-Moderno.



Ilustração 23 – “A polémica reconstrução dos dois pisos superiores da «Casa dos Bicos», antiga casa palaciana do século XVI (por José Daniel Santa Rita, António Miguel e Maia Macedo, 1982-93 [...])” (Moita, 1982-1993, p. 512)



Ilustração 24 – Fundação Gulbenkian, jardim exterior da fundação. (Ilustração nossa, 2011)



Ilustração 25 – “Torre de escritórios, centro comercial e habitações nas Amoreiras [...] Do arquiteto Tomás Taveira. (Moita, 1994, p. 513)

Todavia, nos finais dos anos 80 os problemas de reabilitação em Lisboa continuavam presentes. Era necessário repensar as funções dos centros históricos e equilibrar as áreas exclusivas a serviços com as áreas de lazer. Porém, o grande problema da cidade de Lisboa continuava a ser a sua gestão e desenvolvimento urbanístico. Para agravar esse problema, Lisboa sofre, em 1988, um grande incêndio, que viria a destruir todo um núcleo histórico, o Chiado.

Este local era uma das mais emblemáticas zonas comerciais e de passeio na cidade. Foram usados todos os meios possíveis e impossíveis para se estancar o incêndio e diminuir os estragos, contudo os Armazéns do Chiado desapareceram e a Baixa Lisboa ficou para sempre alterada, levando mais de dez anos para a sua reabilitação. Porém, Siza Vieira, como arquiteto responsável pela recuperação do Chiado, teve a preocupação de manter o desenho das fachadas, para deste modo manter uma ligação com o envolvente.

O problema agora é que já não consigo ver a cidade! Vejo peças! Falta-me a fé no que está para além da soma das partes! Não falo do desgaste natural, quase quotidiano: o desgaste, o envelhecimento, o desgosto, vê-se por toda a parte, mas o que vê ainda é menos grave: atalha-se como se pode, suprime-se aqui o que já não faz sentido, alarga-se ali onde havia um vazio, compõe-se, ajeita-se, resolve-se...embora quase sempre com mil dificuldades e sobretudo com muitos riscos, para salvar uma única perspectiva, quantas vezes não se põe em risco o conjunto! (Moita, 2004, p. 513)

Nos finais dos anos 80, enquanto a parte oriental da cidade de Lisboa pouco se desenvolvia, a zona ocidental promoveu espaços de lazer e de cultura, resultantes de uma nova política. O principal motor foi a construção do Centro Cultural de Belém, que veio a desenvolver um espaço em falência urbana e promover um espaço cultural de grande impacto e com uma forte relação com o rio e a outra margem.

Este foi da autoria V. Gregotti⁹⁰, depois de ter ganho o concurso internacional realizado em 1990. Esta obra é a imagem de uma arquitetura de vanguarda que se impõe à monumentalidade do Mosteiro dos Jerónimos, ao mesmo tempo que se liga a este pelos materiais similares usados em ambos os monumentos.

⁹⁰ V. Gregotti, arquiteto italiano, responsável pelo projecto do CCB em Lisboa e pelo Estádio Olímpico de Barcelona, como também, outros projectos de renome. Este afirma, que é possível transformar todos os vazios excedentes da matéria edificada, procurando intervir sem interferir, sendo esta a base da sua arquitetura.

Gregotti defende que a paisagem deve de ser trabalhada à escala do território, tendo comprovado essa afirmação com o CCB. A notável maneira que utilizou para trabalhar a envolvente, através da manipulação deste pequeno “objecto”, o CCB, conseguiu torná-lo parte da macroestrutura, que é o estuário do Tejo e as suas margens.



Ilustração 26 – “Centro Cultural de Belém, Vittorio Gregotti e Manuel Salgado (Riscos), 1992, Lisboa” [...] (Tostões, 1992, p.100)

Por fim, na década de 90, Lisboa encontrava-se intensamente suburbanizada, dependendo do sistema viário para se manter fluida. Contudo, a rede viária de Lisboa não era suficiente para o progresso que esta cidade vinha a adquirir ao longo do século. Com isto, teve início uma nova acção política para “salvar” Lisboa do seu tráfego. Esta acção, de cariz socialista, definiu um plano estratégico arrojado com ligação ao Plano Director Municipal⁹¹. Esta atuação tinha como objetivo concentrar a linha de cintura viária de Alcântara⁹² a Sete Rios⁹³ e do Areeiro⁹⁴ a Chelas⁹⁵, estimular a recuperação do centro histórico da cidade e desenvolver uma ligação entre a

⁹¹ Plano Director Municipal, é um elemento do Plano Municipal de Ordenamento do Território, ou seja, é um documento regulamentar do planeamento e ordenamento do território de um certo município em Portugal. O PDM é elaborado pela Câmara Municipal e aprovado em assembleia municipal. No PDM, está definida a organização municipal do território, onde se estabelece a referenciação espacial dos usos e actividades do solo municipal, através da definição de classes e categorias relativas ao espaço, identificando as redes urbanas, viárias, de transportes e de equipamentos, de entre outras.

⁹² Alcântara, é uma localidade da cidade de Lisboa. Está situada na margem ribeirinha de Lisboa.

⁹³ Sete Rios, é uma localidade na capital de Portugal. Está inserida no centro urbano de Lisboa. Em sete rios, encontra-se uma das principais estações ferroviárias da cidade, como também o Jardim Zoológico desta.

⁹⁴ Areeiro, Localidade do concelho de Lisboa, situada entre a localidade da Alameda e de Roma.

⁹⁵ Chelas, é uma zona da freguesia de Marvila em Lisboa situada na parte oriental da cidade.

periferia e o centro desta de forma harmoniosa, criando espaços verdes e equipamentos públicos.

No cenário da arquitetura, ao longo desta década, pode se afirmar que sofreu tendências que marcaram o urbanismo de Lisboa, e conseqüentemente o habitante desta. A década de 90 foi marcada por uma arquitetura que se voltou para a renovação urbana. Tentou recuperar pequenos “pedaços” da cidade, começando pela pequena escala. Sofreu influências estatais, essencialmente nas encomendas públicas.

No entanto, no final nos anos 90, Lisboa sofreu uma grande mudança, tanto a nível cultural e turístico, como também a nível, económico e político, onde a arquitetura foi o principal impulsionador deste sucesso, vivido por todo o mundo.

A realização da EXPO'98 em Portugal foi uma mais valia, não só para a cidade de Lisboa como para o País em geral, bem como para a arquitetura mundial, “[...] com os seus pavilhões programados (“master-plan” de Vassalo Rosa⁹⁶, controle final de Manuel Salgado⁹⁷) – numa dinâmica arquitectural em que colaboram numerosos profissionais portugueses e estrangeiros, a apreciar o seu termo”. (Lisboa: Urbanismo e Arquitetura, SOBRENOME, 2005, p. 108)

A EXPO'98 realizou-se de 22 de Maio a 30 de Setembro de 1998, "Os Oceanos, um Património para o Futuro", foi o tema central da exposição. Esta contou com a presença de 145 países e organizações internacionais, onde recebeu cerca oito milhões de pessoas vindas de todo o mundo.

Ocupando uma área de 60 hectares, na zona oriental de Lisboa, estendendo-se ao longo do rio Tejo por cinco quilómetros, a EXPO'98, conseguiu dotar a cidade de melhores comunicações, acessos e facilidades, como por exemplo, a Ponte Vasco da Gama, de 14km, que fez mais uma ligação entre as duas margens do Tejo, a estação

⁹⁶ Vassalo Rosa, arquitecto e urbanista licenciado pela ESBAL, com especialização em planeamento urbanístico. Foi Assessor, no domínio do Urbanismo do Parque EXPO 98 e director de serviços de planeamento e gestão urbanística deste.

⁹⁷ Manuel Salgado, arquitecto Português, Licenciou-se pela Escola Superior de Belas Artes de Lisboa em 1968. Entre 1972 e 1983 foi director do departamento de urbanismo e director técnico de uma empresa pública de projectos, em Lisboa. Mais tarde, tornou-se professor Catedrático da disciplina de Projecto do curso de arquitetura do Instituto Superior Técnico.

do Oriente, que albergou central de camionagem, metropolitano e linhas férreas para todo o país, como também, estacionamentos, zonas comerciais, restauração, cinemas, e hotéis de apoio a todo o parque expo. Por seguinte, tinha como o objectivo principal atrair a comunidade internacional para um projeto de reflexão comum, os *oceanos*, ficando na memória de todos, da cidade, do País e do Mundo, e houve a preocupação que não caísse em esquecimento, como aconteceu com muitas EXPO's, como a EXPO'92 em Sevilha, que após á sua realização caiu no completo abandono, verificando-se uma tentativa falhada de requalificar a área onde se realizou.

Com esta exposição, Portugal pôde demonstrar ao Mundo que a arquitetura Portuguesa disponha de uma grande capacidade de realização, com qualidade construtiva, e estética urbanística.

O plano para EXPO'98, centrava-se na utilização da frente ribeirinha para uma valorização urbana e qualificação ambiental da cidade. Este plano arriscou em repor o natural desenvolvimento do rio em harmonia com o edificado da cidade, voltando a ligar a cidade com o rio.

Este plano tornou-se num pretexto para a requalificação de uma zona degradada e desqualificada, outrora zona industrial. Para tal, foi necessário valorizar a paisagem natural conseguida pelo estuário do Tejo, onde se integraram parques verdes e jardins de lazer, como também estruturas urbanísticas e edifícios arrojados, como o Pavilhão do Conhecimento dos Mares, de Carrilho da Graça, onde a sua síntese formal e construtiva se destacou. O Pavilhão dos Oceanos, concebido pelo arquitecto Norte Americano Peter Chermayeff⁹⁸, o Pavilhão da Utopia, da autoria dos arquitetos François Confino⁹⁹ e Philippe Genty e o Pavilhão de Portugal e Praça de Portugal, do Arquitecto Álvaro Siza Vieira, foram concepções importantes, sendo este último umas das principais estruturas da EXPO'98 e um dos mais carismáticos edifícios realizados em Lisboa e em Portugal.

⁹⁸ Peter Chermayeff, arquiteto Norte Americano. Têm o seu ateliê localizado em Massachusetts, nos EUA. É especializado na construção e design de aquários de exposição, como o caso do Oceanário de Lisboa.

⁹⁹ François Confino, é um arquiteto Suíço, este nasceu em Genebra. Estudou na escola Politécnica de Zurique, e mais tarde emigrou para Nova Iorque, onde veio a lesionar na Universidade de Columbia, em NY.

EXPO'98, reconciliou o rio com a cidade. Demonstrou a sua capacidade arquitetónica, reflectindo uma cultura Modernista, pensando no futuro e no Homem na cidade.

Esta exposição conseguiu ser um sucesso a nível mundial, não só pela organização estrutural como também por um conceito virado para o futuro. O grande objetivo foi conseguir, mesmo depois da exposição terminar, manter e dinamizar um lugar que outrora não passava de um espaço pantanoso.



Ilustração 27 – Parque das Nações, vista Este, para a ponte Vasco da Gama, do passeio marítimo. (Ilustração nossa, 2011)

Após terminada a EXPO'98 projetaram-se zonas de serviços, polos empresariais, espaços públicos e áreas habitacionais, levando o conceito de bairro Lisboeta a outra escala. A organização tipológica foi conseguida e um novo lugar surgiu.

O Pavilhão de Portugal e a Praça de Portugal foram projetados para unir um local de exposições, no decorrer da EXPO'98, tentando-se que após o seu término, pudesse ser conciliável com outras funções. Essa, foi uma das grandes dificuldades do edifício, pois não se sabia qual o programa a que este se destinaria no futuro.

[...] “agrada-me muito mais que seja para actividades culturais, porque pode ser utilizado pelo público, enquanto como Palácio do Governo deixaria de ser do uso público” [...] (Vieira, 1998)

Porém, se todo o programa funcional do projecto foi uma questão preponderante, o método para a realização do edifício tornou-se numa questão de extrema importância.

O pavilhão de Portugal tem como conceito “uma folha que assenta em dois tijolos”, ou seja, dois volumes separados construtivamente, unindo-se entre si, através de uma pala projectada por cima de uma praça central, destinada a cerimónias e eventos.



Ilustração 28 – 1998 Portugal Pavilion, Lisbon, Portugal. (Vieira, 1998)

O Pavilhão de Portugal tornou-se o símbolo da EXPO'98 devido à famosa pala que cobre a Praça Cerimonial de 325 metros quadrados, realizada em betão pré – esforçado¹⁰⁰. Da autoria de Siza Vieira em parceria com o Engenheiro Segadães Tavares¹⁰¹. Sendo a pala, construída em betão pré – esforçado, era natural que fosse uma “escultura” pesada, mas pelo contrário, esta é de extrema leveza e flexibilidade, algo impensável de se fazer em betão, sendo este um material tão rude e bruto. Porém, conseguiu-se realizar o proposto. A pala demonstra influências Árabes e historicismo de Portugal.

¹⁰⁰ Betão pré – esforçado, começou a ser desenvolvido no século XVIII, porém, só obteve sucesso quando o francês Eugène Freyssinet, conseguiu desenvolver um método de ultrapassar a fraca resistência à tração que o betão possui. Este tipo de betão permite realizar vãos mais extensos, melhorando os elementos estruturais do edifício.

¹⁰¹ Engenheiro Segadães Tavares, é um engenheiro civil Português, nasceu em Luau, em 1944. Licenciou-se no Instituto Superior Técnico de Lisboa, onde mais tarde veio a leccionar. Ao longo da sua carreira, recebeu inúmeros prémios, pelas obras realizadas. Uma das suas principais obras, foi a construção do Pavilhão de Portugal, em parceria com Siza Vieira.

Quando fui ver a pala pela primeira vez não me admirei grandemente. Os esquiços, os desenhos rigorosos, as maquetes... Nada nos dá garantias sobre o que vai dar uma ideia depois de construída. Pensei sempre que a pala deveria produzir um impacto muito grande. Quando cheguei ao recinto e finalmente vi a pala, achei naturalíssimo. Não me impressionou nada. Era o que pretendia, mas não estava seguro de o ter conseguido. (Vieira,2007)

O que me faz impressão na pala é o facto de um objecto que deveria ser feito com materiais leve ser feito de betão e ter um ar perene. O facto de ser de betão - contra natura - é o que produz a surpresa. (Moura, 2007)



Ilustração 29 – 1998 Portugal Pavilion, Lisbon, Portugal. (Vieira, 1998)

O projecto de Siza é formado por dois corpos que se unem através de uma pala suspensa por um conjunto de cabos de aço. Estes dois volumes verticais formam um pórtico juntamente com a pala. Um dos volumes é caracterizado pela abertura regular de vãos nas suas fachadas. Porém, no lado oposto, realçam-se as janelas de sacada do piso superior. O edifício encontra-se posicionado estrategicamente, fazendo uma ligação física e visual com a cidade e o rio Tejo.

Siza Vieira, ao projetar o Pavilhão de Portugal, teve a intensão de ligar-se a temas do passado, como a ideia do Passeio Público ribeirinho do século XIX combinando o passado histórico com a modernidade.

[...] Por sua vez, Kenneth Frampton, numa das mais completas monografias sobre o arquitecto português, alude à escala monumental do Pavilhão de Portugal, onde, segundo este autor, Siza fez confluír duas imagens imperiais antitéticas. Mas as referências a arquitectos como Le Corbusier, Oscar Niemayer, a Giuseppe Terragni ou mesmo ao programa da Nova Monumentalidade de 1943 [...] (Frampton, 2000, p. 54-55)

Se, por um lado, se observam padrões à tradição clássica nos pórticos e ritmos das janelas de um dos corpos do edifício, por outro lado, a organização interna em função de um pátio relembra os claustros conventuais. Já a “folha de betão” que une os dois corpos, tornando-se o elemento mais emblemático desta obra, faz a própria obra, transformando-a numa volumetria discreta, no êxtase da arquitetura Moderna.



Ilustração 30 – 1998 Portugal Pavilion, Lisbon, Portugal. (Vieira, 1998)

Mais tarde, este projecto de Siza Vieira recebeu, o premio Leca da Construção 1998, o Secil de Arquitectura 2000 e o Valmor, atribuído pela Câmara de Lisboa.

Com o fim dos anos 90 surge também o fim de um milénio, marcando o final de uma era e o início de outra. A arquitetura Portuguesa, está no seu exponente máximo, com capacidade para transformar o território de um modo produtivo e conciso.

O final da década de 90 tem se revelado a emergência de uma nova potente geração que começa a surpreender com obra construída: Manuel Aires Mateus e Francisco

Aires Mateus (1964), António Maria Portugal e António Maria Reis, os ARX, Inês Lobo (1966) e Pedro Domingues, Cristina Guedes e Francisco Vieira de Campos, João Mendes Ribeiro, José Adrião, João Pedro falcão de campos (1961), Fernando Reis Martins, Ricardo Bak Gordon (1967), Paula santos, Paulo David (1959) e João favila (1966), entre muitos outros. No quadro da produção erudita, onde se enquadra o trabalho desta juventude, continuidade podia ser uma das palavras - chaves da década de 90, apesar das condições de forte mudanças que tem caracterizado Portugal. De facto, é patente uma vontade de continuidade com os autores marcantes da geração anterior, Eduardo Souto Moura, João Carilho da Graça, ou Manuel Graça Dias, que tem exercido influência determinante. Mas também, e para além de Siza, com as figuras referencias que vem dos anos 50, de Távora a Teotónio, de Tainha e Byrne, no quadro do que designo por uma tradição Moderna.

Aliás, a recente revelação e valorização da produção moderna portuguesa dos anos 50 veio de algum modo alterar as referências da nossa cultura arquitectónica. Na verdade, a manifesta potência de algumas obras radicalmente modernas repôs a visão estimulante de um passado recente. E, sobretudo, articulou um sentido de continuidade na arquitetura Portuguesa, alimentando a radicalidade com a verdadeira originalidade no que ela significa de redução: às origens e às raízes, a uma autenticidade radical, a arquétipo sem renunciar à História.

Como se manifesta essa modernidade que busca na tradição uma continuidade com o que designo por tradição moderna? Certamente na relação com a natureza – as raízes, quer sejam topográficas, quer sejam natureza já construída -, mas também, justamente, numa exigência construtiva que respeita o carácter dos materiais, que entende que cada material tem a sua expressão própria. Afinal, numa tradição que entende a construção como a ciência primeira da arquitetura, como o seu instrumento técnico e, nessa medida, o seu limite. E, finalmente, numa retoma – surpresa da radicalidade dos ‘Verdes Anos’. Uma convocação da herança moderna que funciona, não tanto por mimetismo, mas mais como conformidade tranquilizadora de uma competência de edificar, construindo em continuidade uma tradição moderna. Restanos desejar que seja possível voltar a fazer cidade, com habitação e equipamento, para que as novas gerações possam cumprir o legado dos ‘Verdes Anos’, em que a diversidade e a qualidade da encomenda permitiram confirmar a capacidade da juventude de então, para continuar a tradição de pragmatismo que caracteriza a melhor arquitetura portuguesa de sempre. (Tostões, 2009, p. 127 – 132)

Efetivamente, o século XX, foi um século de grandes mudanças na história da humanidade, ficando lembrado, na arquitetura, por impulsos políticos, culturais e económicos. A transição de um milénio para outro fez-se de uma forma progressiva, levando o Homem a uma adaptação crescente e constante.

3. (RE) Qualificação e Território

3.1. Requalificação e Programa Guggenheim de Nova Iorque

Quem sobe a 5ª Avenida, à esquina da rua 89, vindo da baixa Nova-Iorque, passando pelo Central Parque, não podia ter desfecho mais inesperado. Deparamo-nos com um edifício sublime, considerado um dos maiores ícones da arquitetura moderna. A sua arquitetura organicista¹⁰² fá-lo sobressair no seio do edificado.

Inserido no coração de Nova Iorque, longe da natureza, perto do Homem, interliga-se com o espaço e a envolvente ao mesmo tempo que se destaca na paisagem urbana.



Ilustração 31 - "View of the from above". (Sewing, 2004, p. 38)

Frank Lloyd Wright, foi um dos principais impulsionares do movimento modernista, tendo iniciado a sua carreira na "Escola de Chicago"¹⁰³. O seu trabalho baseou-se em muito no desenho de moradias privadas, fundamentalmente localizadas no campo.

¹⁰² A arquitetura orgânica ou organicismo foi uma escola de arquitetura moderna influenciada pelas ideias de Frank Lloyd Wright. Desenvolveu-se por todo o mundo, chegando à Europa, onde desenvolveu-se essencialmente na Finlândia, com o arquiteto Alvar Aalto. O conceito do organicismo foi desenvolvido através das pesquisas de Frank Lloyd Wright, que acreditava que uma casa deve nascer para atender às necessidades das pessoas como um organismo vivo. Esta arquitetura é considerada um contraponto à arquitetura racionalista influenciada pelo "International style" de origem Europeia.

¹⁰³ Escola de Chicago, é a expressão referente a escolas e correntes artísticas, de pensamento de diferentes áreas, no século XX que ficaram conhecidas por serem discutidas e desenvolvidas na cidade norte-americana de Chicago.

Wright, procurou aproveitar a natureza circundante, adicionando ao edificado uma nova visão organicista e funcional juntamente com uma nova conceção estética do espaço interior, projetado sobre o exterior, ou seja, os seus projetos desenvolviam-se de dentro para fora, pensando primeiro na relação do Homem com o espaço.

Ao falar da sua arquitectura sobressai inevitável e imediatamente o conceito da atmosfera, um ambiente, uma disposição do espaço construído que comunica com os observadores, habitantes, visitantes e, também com a vizinhança, que os contagia, (Zumther, 2006, p. 6).

Mais tarde, essa abordagem arquitetónica sobre a habitação levou a uma melhor compreensão dos espaços públicos e da sua relação com o ser humano. O dinamismo empregue nas suas obras, tornou-as num sistema vivo, coerente e ao mesmo tempo autónomo. Conseguiu passar essas ideias para espaços de carácter público, fazendo a ligação entre interior e o exterior, pensando primeiro no Homem.

No Início do século XX, a arquitetura procurou rumos mais humanos e sensíveis, teve uma maior preocupação com o ambiente e um maior respeito pelas tradições locais, tanto a nível do uso de materiais como das técnicas construtivas. Podemos afirmar, que os aspetos internacionalistas e as preocupações ambientais, tanto estéticas como ecológicas, caracterizaram esta corrente artística vivida no início do século XX.

Frank Lloyd Wright, rejeitou os historicismos¹⁰⁴ do seu tempo, valorizou a relação entre o artesanato e a indústria, com a utilização dos materiais tradicionais em cada região, bem como as conceções espaciais e estéticas baseadas na pureza das linhas horizontais e no equilíbrio entre volumes, construídos em perfeita integração com o meio envolvente.

A sua convicção era de que os edifícios influenciam profundamente as pessoas que neles habitam, e por esse motivo o arquiteto é um modelador de Homens.

Em arquitetura, há dois modos necessários de ser autêntico. Pode-se ser autêntico de acordo com o programa e autêntico de acordo com os métodos de construção. Ser autêntico de acordo com o programa é cumprir exata e simplesmente as condições impostas pela necessidade; ser verdadeiro de acordo com os métodos de construção e

¹⁰⁴ Historicismos, é um termo que aborda fenómenos culturais humanos. O termo remete a uma "historicização" fundamental de todo o pensamento acerca dos seres humanos, sua cultura e seus valores. Os historicismos constituem, assim, a base de uma visão de mundo tipicamente moderno ocidental.

empregar os materiais de acordo com as suas qualidades e propriedades [...] As questões puramente artísticas de simetria e forma aparentemente são apenas condições secundárias na presença de nossos princípios dominantes. (Eugène Viollet – le- Duc, Frampton, 2003, p. 69)

Frank Lloyd Wright, conseguiu através da arte transformar a técnica industrial. Este, afirmava que [...] “a máquina podia ser utilizada inteligentemente, de acordo com suas próprias leis, como agente de abstração e purificação”[...] (Frank Lloyd Wright, História Crítica da Arquitetura Moderna, 2003, p. 64)

[...] “com o decorrer da sua carreira, a sua arquitetura veio a tornar-se mais racional e menos metafísica [...] a natureza dos Materiais”[...] (Frank Lloyd Wright, Architectural, 1928, p. 61)

Em 1943, Frank Lloyd Wright, conseguiu cativar Guggenheim com um conceito pouco convencional para a realização do museu Guggenheim em NY. Peggy Guggenheim¹⁰⁵, encomendou o museu, onde pretendia criar um espaço para a exposição de arte “não objetiva” e promover a educação artística. O objetivo era projetar um edifício tão vanguardista como as obras que este iria acolher no futuro. Porém, este teve um processo tumultuoso, só em 1956 se conseguiu iniciar a construção do mesmo, devido a alterações nas condições do local, leis de construção, à subida dos preços dos materiais de construção e até mesmo à alteração do programa do museu.

Frank Lloyd Wright faleceu em 1959, estando a obra quase completa, faltando somente alguns pormenores finais. Contudo, nem Solomon nem Wright, tiveram a oportunidade de ver o projeto realizado. Em Outubro desse mesmo ano o museu foi aberto ao público.

Todavia, o Guggenheim de Nova Iorque, foi descrito por muitos, como o reflexo do espírito audacioso dos seus fundadores, como também pelo génio arquitetónico de Frank. Tornando-se um dos principais marcos da arquitetura Americana e do movimento moderno.

[...] “não há melhor lugar para presenciar arte e arquitetura juntas [...] (Richard Armstrong, Nova Iorque, s.d.)

¹⁰⁵ Peggy Guggenheim, era a esposa de Solomon Guggenheim e Baronesa Von Rebay.



Ilustração 32 – “The spiral ramp in the interior”. (Sewing, 2004, p.38)

O Museu Guggenheim de Nova Iorque, também conhecido como “Templo da Não-Objetividade”, tornou-se um “landmark”¹⁰⁶ na paisagem desta cidade. A sua arquitetura não se classificava como uma arquitetura pessoal e neutra em toda a sua estrutura, mas sim como um arquitetura arbitrária. Resultando de um projeto totalmente adaptado ao seu programa funcional, como também, à sua finalidade artística e escultural. Foi projetado para criar impacto numa paisagem diversificada, como também desenhado para satisfazer as necessidades do principal usufruidor deste espaço, o visitante do museu.

As suas formas curvas em betão armado e as formas orgânicas do próprio edifício, fazem-nos lembrar a natureza, levando-nos a sair da realidade da cidade cosmopolita que é NY. Contrastando com a geometria rígida da arquitetura modernista, o Guggenheim de Nova Iorque e todo o seu design pouco ortodoxo, compila uma paisagem citadina, onde as ruas se abrem para a contemplação do museu e onde a natureza liga-se com esse.

Enquanto o edifício estava em construção, foi enviada uma carta ao director administrador do museu, assinada por uma longa lista de artistas reclamando que as paredes inclinadas e o chão em rampa seriam inadequados para a exposição de pintura. «Porque pensam que as paredes do Solomon R. Guggenheim são ligeiramente inclinadas para fora? São ligeiramente inclinadas porque o doador e o seu arquitecto acreditavam que as pinturas colocadas nas paredes ligeiramente inclinadas para trás seriam vistas segundo uma melhor perspectiva e estariam mais bem iluminadas do que se estivessem direitas. Esta é a característica principal do nosso edifício e foi a hipótese sobre o qual o museu foi concebido. Esta ideia é nova mas sã, e pode estabelecer um precedente muito valioso». (WRIGHT, 2004, p. 70)

¹⁰⁶ Landmark, é uma expressão inglesa, usada para retratarmos um ponto de referência na paisagem. Neste caso em concreto, na paisagem de Nova Iorque.

“Frank Lloyd Wright, estava a agregar a pintura no edifício, tentando criar uma síntese, realizando um “casamento” entre a pintura e a arquitetura, algo eu nunca havia existido”. (Wright, Nova Iorque, s.d.)

O Guggenheim de Nova Iorque, destaca-se pela leitura e expressão espacial pouco ortodoxa e pela forma irreverente como Frank Lloyd Wright conseguiu resolver o programa funcional do museu. Este foi inovador e extravagante para a época. Mesmo tendo sido alvo de duras críticas no início da concepção do mesmo, no final, este tornou-se um ícone da arquitetura do século XX.

Wright, mudou a forma como vemos o mundo, como o vivemos. Depois do Guggenheim, quem dá a mínima importância para a arte nos museus, se o próprio museu não for espectacular? (Wright, Nova Iorque, s.d.)

Frank Lloyd, utiliza no Guggenheim, conceitos, ao qual eram recorrentes nos seus projetos, como por exemplo, as formas puras, como o círculo e o triângulo, metamorfoseando-se em formas geométricas límpidas, como o cilindro, o cone helicoidal e o prisma. O Guggenheim de Wright, é caracterizado pela utilização de vários atributos recorrentes por este, na maioria dos seus projetos, como o caso da utilização de amplos espaços fechados cingidos por varandas, como acontece no interior do Guggenheim de NY

Estes elementos estão presentes em todos os momentos do edifício, seja, definindo a matéria ou espacialidade de um ambiente ou através de pormenores construtivos que se fazem relacionar com a estrutura do edifício, formando um todo, desde o desenho em planta, até ao detalhe da luz incidente no projeto, dando ao espaço a proporção necessária para a compreensão de todas as formas, equilibrando todos os volumes.

No Guggenheim de Nova Iorque, Frank Lloyd Wright, tentou transmitir todas as suas obras e conceitos num só projeto.

Ao longo da sua carreira, Frank foi perseguido, por certas formas, mais concretamente a “espiral”. Este tentou usa-la constantemente nos seus trabalhos, como foi o caso, da

garagem que projetou para Edgar kauffmann¹⁰⁷ em Pittsburgh¹⁰⁸, até que finalmente ele e a “espiral” tiveram a hipótese de brilhar com a projeção do Guggenheim de NY.

Architecture often achieved a strong sculptural effect when it translates just one formal idea, but that in a logically consistent manner. The idea of an ascending ramp, a spiral as the body of a building, familiar from the architecture of Mesopotamia for example, was pursued in modern times by both le Corbusier an Frank Lloyd wright. (Sewing, 2004, p. 38)¹⁰⁹

A ideia projetual para o museu Guggenheim, consistia num percurso realizado do topo do edifício para o piso térreo, para tal, o elevador é usado até ao último piso e o percurso faz-se descendentemente, em torno do pátio central, assim sendo, quando termina-se a exposição, encontrar-nos-íamos próximos da saída. Esta abordagem , é oposta às tradicionais tipologias funcionais, presentes em outros museus, aqui, faz-se a conexão com todos os espaços de exposições, serpenteando o átrio central, possibilitando viver uma experiencia entre a arquitetura e arte no mesmo lugar.

¹⁰⁷ Edgar kauffmann, nasceu a 1885, em Pittsburgh. Estudou na universidade de Yale um ano, antes de se tornar aprendiz na arte do retalho. As suas formações levaram-no à Marshall fiel, em Chicago, as Galerias lafayette, em Paris, bem como a Karsstadt, em Hamburgo, na Alemanha. Aos 28 anos, já geria a loja Kauffmann, tendo triplicado as suas vendas de 10 milhões para 30 milhões, entre 1913 e 1920.

¹⁰⁸ Pittsburgh, é uma cidade Norte-Americana, situada no estado da Pensilvânia. No final no século XIX, tornou-se o maior centro siderúrgico, sendo na época o maior produtor de aço do mundo. Tendo sido caracterizada como “cidade de Aço”. Na actualidade, Pittsburgh, é a cidade Americana com maior produção de equipamento robótico do mundo, a seguir ao japão. Esta também, é a zona do país com maior centro de ensino universitário, principalmente no campo da medicina.

¹⁰⁹ “A Arquitetura muitas vezes alcança um forte efeito escultural quando se traduz apenas uma ideia formal, mas que de uma forma logicamente consistente. A ideia de uma rampa ascendente, uma espiral como o corpo do edifício, esta familiarizada com a arquitetura Mesopotâmia, como por exemplo, foi o perseguido nos tempos modernos por Corbusier e Frank Lloyd Wright”.

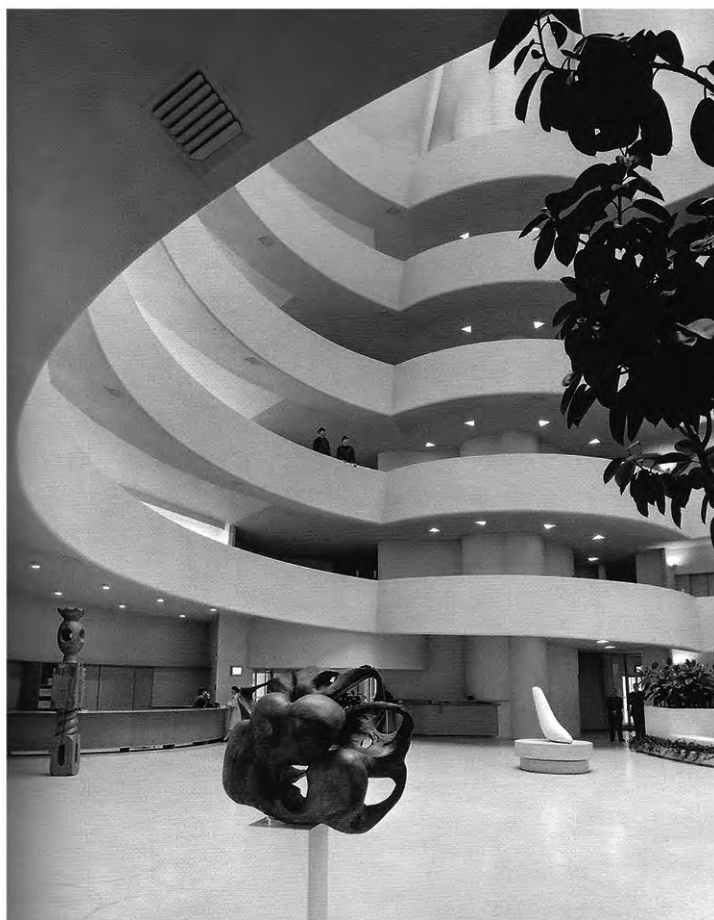


Ilustração 33 – Fotografia interior do Museu Guggenheim de Nova Iorque, vista do piso térreo. (Pfeiffer, 2004, p. 71)

Esta lógica pouco convencional, permitiu-lhe o estatuto de museu de vanguarda, mas também “museu espetáculo”, tal como o seu irmão mais recente, Guggenheim de Bilbao, projetado por Frank O’ Gehry. Ambos os museus, transformaram o conceito dos museus e a forma como vemos a arte. O museu já não é um mero recetáculo para ver arte, mas sim arte em si própria, na sua forma mais pura. Sendo a arquitetura, ao contrário de qualquer outro tipo de arte, a conexão direta entre o Homem e uma conexão espiritual a que chamamos de arte e que não conseguimos-la explicar através de meras palavras.

No caso em concreto dos Guggenheim, a estratégia de marketing¹¹⁰ por de traz dos edifícios, está presente em todos os projetos com o conceito de “museu espetáculo”,

¹¹⁰ Marketing, é o nome dado à ciência usada para determinar que produtos ou serviços poderão interessar aos consumidores. A finalidade do marketing é criar valor e satisfação no cliente, gerindo relacionamentos lucrativos para ambas as partes.

desde o Guggenheim de Nova Iorque, passando pelo de Veneza¹¹¹ e Berlim¹¹², tal como o de Bilbao, acabando no museu Guggenheim de Abu Dhabi¹¹³. Esta estratégia de marketing, veio a possibilitar ao máximo, a demonstração da habilidade arquitetónica expressa nos “museus espetáculo”.

O acesso ao Guggenheim, é feito através de uma escadaria que remete o visitante para um patamar mais elevado, localizado num espaço semipúblico, um espaço de transição entre o exterior do edifício e o interior do mesmo. Quando entramos no edifício, sentimos o efeito causado pelo átrio e toda a sua iluminação natural conseguida através da clarabóia em cúpula. Esta iluminação só é conseguida através do espaçamento entre as vigas horizontais, estas criam um ritmo estimulante e um contraste entre cheios e vazios. A iluminação natural neste museu, foi uma peça crucial de todo o projeto, pois devido à luz natural presente no interior do museu, a matéria é vislumbrada de um modo mais natural, sofrendo uma metamorfose constante de jogos de claro/escuro, derivada da maneira como o sol incide no edifício durante as várias horas do dia e as diferentes estações do ano. Quando a luz incide nas telas, tornando-as menos fastidiosas, conseqüentemente, o público, aprecia de melhor o momento.

The sculptural attraction of the atrium and its outer shell correspond not only to social ideas As representative of an "organic architecture" wright also endows forms with natural imagery: the flow of the concrete ramps, unhindered by any support, was compared by him to an unbroken ocean wave; the body of the building, of smoothed, almost silky concrete, to an eggshell. Was he familiar with the ancient religious significance of the spirambol of eternal development? (Sewing, 2004, p. 41)¹¹⁴

¹¹¹ Veneza, cidade Italiana, situado no norte de Itália. Foi uma das mais importantes cidades da Europa, devido à sua forte potência comercial a partir do século X. É considerada património Mundial da UNESCO, devido à grande quantidade de monumentos históricos e a sua forte ligação com a água. É também umas das cidades mais turísticas da Europa e do Mundo.

¹¹² Berlim, é a capital da Alemanha, e maior cidade deste país. Berlim, foi também a capital do reino da Prússia. Após a 2ª Guerra Mundial, Berlim, foi dividida por um muro, em Berlim Ocidental e Oriental. Em 1990, a capital voltou a estar unida com a queda do muro de Berlim.

¹¹³ Abu Dhabi, é a capital do Emirados Árabes Unidos e maior estado deste. Esta é banhada por 400km de mar. situando-se no Golfo Pérsico.

¹¹⁴ “A atração escultural do átrio e a sua camada externa, correspondem não só as ideias sociais. São a representação de uma “arquitetura orgânica”, Wright, também favorece as formas como imagem natural: o fluxo das rampas desimpedido de qualquer suporte, foi comparado por ele, a uma ininterrupta onda do mar; O corpo do edifício, suave, quase como seda de betão para casca de ovo. Estava ele familiarizado com o significado religioso da espiral como símbolo do eterno desenvolvimento?”

No Guggenheim de NY, existe uma hierarquia espacial, conseguida através da circulação em redor de um espaço. Esta solução tipológica vai em oposição, à tradição racionalista dos museus de planta livre, usada nos inícios do século XX. Não sendo menos funcional, o planeamento do programa do edifício de Wright, valoriza o átrio central. Este tem um pé direito total, aumentando a projeção da rampa em espiral, dando uma sensação de liberdade onde a proporção entre o homem e a massa volumétrica é desproporcional ao mesmo tempo que se torna confortável e acolhedora.

Durante o percurso, as conexões visuais com o edifício e as obras, vão-se alterando, mas a ligação com o átrio é uma constante durante o percurso.

Esta configuração, em que a circulação se faz através de uma rampa continua, possibilita uma maior mobilidade e uma perceção permanente do espaço, desde o piso térreo até à última tribuna, onde esta se destaca, pela luz natural projetada, devido aos painéis de vidro da cúpula que a remata, tornando o edifício mais leve e sublime.



Ilustração 34 – Fotografia interior do Museu Guggenheim de Nova Iorque, vista central da cúpula. (Sewing, 2004, p. 40)

Podemos afirmar, que a rampa do Guggenheim, é o seu elemento mais eloquente, e que melhor expressa todo o organicismo presente nas obras de Frank Lloyd Wright, como se de uma metáfora trata-se. Com isto, até que ponto, não podemos considerar a espiral em rampa, como umas das principais obras de arte do museu? A arquitetura tornou-se aqui, a protagonista das experiências vividas quando habitamos este espaço.

O objetivo de Wright, ao projetar a rampa em espiral, foi proporcionar aos visitantes, um percurso fluido, com a constante presença da luz natural, retratando, os ateliês de arte, onde as pinturas são realizadas com a variação da luz congénita, tal como no próprio museu.



Ilustração 35 - Fotografia Interior, pormenor da rampa do Guggenheim de Nova Iorque, Frank Lloyd Wright. (Reichol; Graf, 1999, p.165)

Em suma, um museu, independentemente de ser considerado em si, uma obra de arte, uma peça de apreciação arquitetónica, em primeiro lugar tem de cumprir a sua função. Enquanto museu, cumprir um programa funcional.

Este, convida o usuário, à observação das obras de forma satisfatória e harmoniosa, neste caso, coincidindo com um percurso sugerido para possibilitar uma maior proximidade entre o Homem e a matéria. Wright, idealizou esse percurso, através de um deslocamento vertical, como anteriormente referido. Este deslocamento vertical descendente, foi o mote para o desenvolvimento do projeto de Álvaro Siza Vieira, para a fundação Iberê Camargo, no Brasil. Esta ideia crucial, de ambos os projetos, parece incidir, na atração entre o visitante e o átrio central, que no caso do Guggenheim, conta com 30 metros de altura, evidenciado pela rampa que nos leva involuntariamente a percorre-la como se de um automatismo se trata-se.

O bem-estar do visitante, é a principal preocupação para a programação do espaço. No Guggenheim de Frank, o usuário, consegue ter sempre presente uma visão geral da proporção do edifício, dando a sensação de liberdade e orientação do mesmo. Fazendo do Guggenheim de Nova Iorque, um completo, funcional e etéreo museu, que para além de seguir a sua função, realça as peças do museu como sendo as suas principais características.

Mais tarde, em 1969, existiu a necessidade de realizar uma adição ao projeto do museu de Frank Lloyd Wright. Havia uma carência, na articulação entre o Guggenheim com o contexto edificado e urbano. Porém, Wright, antes de falecer, tinha desenhado essa articulação como pano de fundo entre o museu e o edificado em redor. Essa composição arquitetónica reconciliava a geometria cartesiana de Manhattan¹¹⁵. Mas foi Gwathmey and Siegel¹¹⁶, que realizou a adição de matéria ao museu. Podemos considerar esta adição como uma intervenção contemporânea na arquitetura moderna, que respeitou e reforçou as qualidades do edifício já existente. Ligando veementemente a malha urbana ao projeto.

Apesar da adição ao museu Guggenheim de Nova Iorque, ter sido realizada por um outro arquiteto, os autores, foram ao encontro dos desenhos deixados por Frank Lloyd Wright, antes de falecer, onde já havia a uma intenção de ligar o museu com geometria cartesiana da cidade de Nova Iorque, e onde o volume adicional, viria a realçar os atributos do corpo central do museu.

¹¹⁵ Manhattan, é considerado o centro de Nova Iorque, tendo sido, fundada em 1683. Abrigando alguns dos principais edifícios marcantes, na história da arquitetura moderna, tais como, o Empire State Building, Chrysler Building, Museu de Guggenheim de NY, entre outros. Porém, toda a sua geometria urbana, faz alusão à geometria da Baixa Pombalina, mas levada a uma escala de maior impacto visual, tanto das avenidas principais, como também, do parque verde da cidade, o Central Parque, um dos mais belos e complexos parques urbanos do mundo. A arquitetura em Manhattan, foi fruto de uma autoconsciência modernista, conseguida através dos programas funcionais dos próprios edifícios.

¹¹⁶ Gwathmey and Siegel, é um ateliê de arquitetura, formado em 1968, que produz também Design, urbanismo e arquitetura de interiores, sediado em Nova Iorque. Gwathmey and Siegel, completou mais de 400 projetos, nas mais variadas vertentes por todos os EUA como também pelo mundo.



Ilustração 36 - Fotografia o Guggenheim de NY. Adição de Gwathmey and Siegel. (Guggenheim Museum)

Esta adição à obra de Frank Lloyd Wright, descreve-se também como uma conexão entre os dois corpos através de um terceiro elemento formal que reforça a identidade de ambos, sendo esse o plano vertical envidraçado que delimita a circulação e possibilita a ligação visual entre ambos como se de um estímulo visual se trata-se.

Este novo prisma rectangular, com dez andares de altura, revestido em pedra calcária, assente numa estrutura metálica, abrigando, quatro espaços de exibição, escritórios, teatro, restaurantes. Completa o conceito de Wright, para uma torre que alberga-se os estúdios e apartamentos dos artistas, deixando o corpo principal a funcionar exclusivamente como espaço de exposição.

Podemos concluir que a análise entre as relações estéticas e funcionais e entre as duas edificações modernas, o suplemento de Gwathmey and Siegel, veio qualificar o primeiro museu, dando-lhe a ligação com o envolvente carenciada inicialmente, tornando-o numa obra-prima da arquitetura moderna.

Ao longo dos anos que os museus têm vindo a adquirir um papel de extrema importância na caracterização das cidades modernas, tornaram-se marco urbanos nas cidades cosmopolitas, sobressaindo do contexto urbano circundante, estes equipamentos públicos resultam de uma manifestação positiva e prestigiada, presente nos casos em estudo, tanto no Guggenheim de Nova Iorque, como no de Bilbao e também na fundação Iberê Camargo em Porto Alegre, atuando na paisagem como se

de um objecto singular se trata-se contrastando com o seu tecido citadino, reforçando, neste sentido, o papel de referencial e chamariz urbano, de foco cultural e de lazer.

3.2. Requalificação e Cidade, Guggenheim de Bilbao

No passado, a cidade de Bilbao, caracterizava-se por uma cidade industrial, porém, nos dias que decorrem, podemos afirmar que é uma cidade com forte caráter cultural e turístico, transformou-se num ícone mundial, virada para as artes e arquitetura. Para tal, o mote para o seu apogeu, foi a construção de um museu Guggenheim, projeto do arquiteto Frank O' Gehry¹¹⁷, que veio dinamizar uma cidade, outrora em declínio.

O museu tornou-se um sucesso não só no País Basco¹¹⁸, como em todo o mundo. Em três anos tornou-se o segundo museu espanhol com mais visitantes por ano, contudo não conseguindo suplantar o seu conterrâneo de Madrid¹¹⁹, museu do Prado¹²⁰, ficando ainda assim, bem à frente do seu “irmão mais velho”, Guggenheim de Nova Iorque.

O Guggenheim abriu ao público em 1997, mas a sua história começa em 1991. Na época, as fábricas de Bilbao fechavam uma atrás da outra, a economia estava num período decrescente, era necessário uma mudança na cidade, para um futuro promissor. Para tal, foi “encomendado” um museu Guggenheim, para com isso, conseguir-se dinamizar a cidade, tornando-a numa cidade voltada para as artes e seus artistas, transformando-a num centro cultural, como não havia em nenhuma cidade espanhola, ao mesmo tempo que nunca se desligou das suas raízes, a indústria.

Contudo, construir um simples museu, não seria suficiente para elevar Bilbao ao estatuto de cidade qualificada, era necessário fazer a diferença na paisagem urbana.

¹¹⁷ Frank O' Gehry Arquiteto Canadiano, nascido em Toronto, 28 de Fevereiro de 1929. Mais tarde naturalizado Americano. Estudou arquitetura na universidade do sul da Califórnia, especializando-se em design na universidade de Harvard. Trabalho em diversos ateliês de arquitetura, mas em 1962 criou a sua própria empresa, onde desenvolveu projetos de grande inventividade para edifícios públicos. Este é caracterizado pelo seu estilo vanguardista. Considerado um dos mais emblemáticos e provocantes Arquitetos deste século. Tornou-se um dos fundadores do desconstrutivismo, na década de 70, onde essa tendência, rompe com as tradições físicas e se prende as emoções geradas pela Obra. Os seus projetos tornaram-se marcos na arquitetura contemporânea, impulsionados pela utilização de diferentes materiais e formas num mesmo conceito. Em 1989, Gehry, venceu o premio Pritzker.

¹¹⁸ País Basco, é uma comunidade autónoma Espanhola. Localizada no Norte de Espanha.

¹¹⁹ Madrid, é a capital de Espanha e a sua maior cidade. Esta localizada no centro do País. Esta juntamente com a cidade de Lisboa, em Portugal, é um dos principais centros económicos e Políticos da Península Ibérica, devido à sua localização geográfica.

¹²⁰ Museu do Prado, é um dos mais importantes museus de Espanha e do Mundo. Localiza-se em Madrid, tendo sido mandado construir por Carlos III. Este alberga inúmeras e valiosíssimas coleções, de pintura e escultura, espanhola, francesa, flamenga, alemã e italiana.

O habitante local teria de voltar a sentir o conforto da cidade de Bilbao, outrora sentido, como também era necessário chamar a atenção dos turistas, para que desse modo, conseguisse-se sustentar um projeto tão monumental, como o Guggenheim de Bilbao.

O projeto do museu Guggenheim, foi parte de um esforço conjunto para revitalizar Bilbao, conseqüentemente a economia, a cultura e o habitante desta cidade no norte de Espanha. Este sucesso foi conseguido, pelo “Mayor”¹²¹ da cidade de Bilbao, Iñaki Azkuna¹²², tendo este sido distinguido pela World Mayor Project em Janeiro de 2013, como o melhor perfeito do mundo, pela maneira como transformou e melhorou a cidade de Bilbao e os seus habitantes.

“Until recently Bilbao was a blank spot on the tourist map” [...] ¹²³ (Reichold, Graf, 2004, p. 178)

Bilbao, no passado não era mais do que uma cidade do norte de Espanha¹²⁴, os turistas que percorriam Bilbao, levavam na memória uma cidade cinzenta e pouco dinâmica que não tinha explorado todo o seu potencial urbanístico. Com a construção de um museu Guggenheim, Bilbao conseguiu atingir um outro “status” de cidade, Frank Gehry conseguiu levar esta cidade espanhola a fazer parte de roteiro turístico museológico tornando-a num marco cultural.

La ciudade industrial otrora en decadência recibío un fuerte impulso com este edificio. En el primer año atrajo a 1,3 millones de visitantes y llevó a muchas ciudades del

¹²¹ [...] “Iñaki Azkuna, Mayor of Bilbao, Spain, has been awarded the 2012 *World Mayor Prize*. It has been said that Bilbao’s transformation from a declining industrial city in Spain’s northern Basque Province to an international centre for tourism and the arts has been sparked by two events: the opening of the Guggenheim Museum in 1997 and the election of Iñaki Azkuna as mayor two years later. The World Mayor Commendation has been awarded to Lisa Scaffidi, Lord Mayor of Perth [...] (World Mayor, 2013)

¹²² Iñaki Azkuna, é presidente da Câmara municipal de Bilbao. Principal responsável pelo desenvolvimento cultural e urbanístico desta cidade. Licenciado em medicina, especialista em cardiologia e radiologia. Em 1989, foi nomeado secretário-geral da Presidência do Governo Basco, onde se manteve no cargo durante dois anos, mais tarde assumi-o o cargo de director do departamento de saúde do governo Basco, mantendo-se até 1999. Nesse mesmo ano, foi eleito presidente da câmara de Bilbao. Em 2013, recebeu o premio de melhor perfeito do mundo, como forma de reconhecimento do trabalho realizado pela cidade de Bilbao, ao longo dos anos.

¹²³ “Até recentemente Bilbao era um lugar branco no mapa...”

¹²⁴ Espanha, é um país Europeu, membro da união Europeia. Está situado na Europa Meridional, península Ibérica. Este faz fronteira com Portugal e França. A comunidade espanhola de arquitetura, é uma referência no mundo contemporâneo, Arquitectos como Gaudí, Santiago Calatrava mudaram a maneira de ver a arquitetura no espaço, conseqüentemente, levaram o nome de Espanha, ao mais alto patamar da arquitetura.

mundo a imitar el «efecto Bilbao» com contruccioncs similares. El cielo sobre lo que antes era un yermo terreno urbano se refleja ahora en un brillante paisaje de edificios esculturales¹²⁵. (Matheuwsen, 2004, p. 75)

Outrora, seria impensável, que esta cidade pudesse ter um papel tão importante na História da arquitetura mundial, como tem nos dias de hoje. O que se conseguiu com a construção de um museu Guggenheim, só foi possível pela conjugação de vários fatores. O fato de ser um museu “Guggenheim”, foi bastante importante para o sucesso deste projeto, mas a relação deste com a cidade, ao mesmo tempo que se imponha nesta, foi a inovação, que fez deste museu um marco na arquitetura Mundial.

Frank Gehry conseguiu dar o mote para fazer-se de Bilbao um sucesso arquitetónico, elevou a outro nível a arquitetura desta cidade, longe do que os nossos olhos estavam habituados, passamos a ver Bilbao com os cinco sentidos. Com isto, houve um grande desenvolvimento urbanístico, onde foram várias as novas infra-estruturas, e equipamentos públicos, que levaram a uma maior preocupação para com o habitante e turista pedonal que percorriam as ruas de Bilbao. Com um novo carácter, esta cidade preocupou-se em rentabilizar as suas qualidades naturais apostando num urbanismo preciso virado para o turismo.

[...] ”é uma maldição as pessoas querer um edifício Bilbao? Sim, já me ligaram para criar o efeito Bilbao em outras cidades do mundo” [...] (Gehry, 2002)

[...] “Efeito Bilbao “ tanto foi uma dádiva como uma praga, as pessoas ficaram de tal modo ligadas ao edifício, que pareciam hipnotizadas com a estrutura e com o êxito, que “choviam”, pedidos de outras cidades, de outros políticos, para criar um edifício Bilbao, para construir uma Bilbao, em outro lugar do mundo”[...] (Gehry, 2002)

O “efeito Bilbao” foi vantajoso para Bilbao e para a arquitetura, mas não poderia acontecer em outro lugar do Mundo, ao contrário do que parece ao primeiro contacto com a cidade.

[...] a questão de construir numa democrática, é bastante interessante, porque isso criar o caos e se conseguirmos com que um conjunto de pessoas se respeitem

¹²⁵ “A cidade industrial que outrora se encontrava em decadência, recebeu um forte impulso com este edifício. No primeiro ano atraiu 1,3 milhões de visitantes e levou a muitas cidades do mundo a imitar o “efeito Bilbao” com construções semelhantes. O céu sobre o que antes era um terreno urbano agora é uma brilhante paisagem de edifícios esculturais”.

mutuamente e conseguirem trabalhar a partir de uma das outras, pode ser que consigam criar modelos sobre como construir secções de cidades sem recorrer a um só arquiteto” [...] (Gehry, 2002)

A arquitetura existe desde que o homem existe, desde que o homem sentiu a necessidade de se abrigar da própria natureza e das suas intempéries. Todavia, a preocupação com a cidade e o conceito de urbanismo, surgiu muito depois, emergiu como uma ciência humana, uma ciência que visa a preocupação entre o homem e o meio que este habita. Isso só se torna possível quando vivemos numa cidade democrática. Com isso, podemos criar espaços e lugares com um carácter humano sem termos de recorrer a um só arquiteto para projetar uma cidade inteira, podemos recorrer a uma ou várias equipas que em conjunto consigam projetar algo, mas que no final esse algo se transforme num só projeto

Bilbao, é um caso desse tipo sucesso, algo que começou por uma necessidade de recuperar uma cidade perdida na industrialização, transformou-se num museu que levou a reabilitação de uma cidade inteira, em que todos os elementos estão ligados entre si.

“The museum in Bilbao leads to a new era in building”¹²⁶. (Gehry, Foster, 1999, p. 19)

Apesar da (Re) qualificação da cidade Bilbao ter-se feito de um modo específico para um contexto generalizado, conseguiu promover uma nova cidade, (Re) qualificando e concretizando novos espaços e lugares.

“If the architecture is as good as in Bilbao, fuck the arts!”¹²⁷ (Gehry, Foster, 1999, p. 18)

Se toda a arquitetura fosse tão boa como é a arquitetura do Guggenheim de Bilbao, não necessitaríamos de um recetáculo para ver arte, o próprio edifício seria a obra de arte, porém, nem todas as obras de arte são qualificáveis da mesma maneira. O Guggenheim de Bilbao tornou-se no museu – espetáculo, exatamente por isso, a exposição começa no edifício, o museu começa quando entramos na cidade vindos de norte, por qualquer uma das pontes que ladeiam o rio Nervion¹²⁸, avistando a estrutura

¹²⁶ “O museu de Bilbao lidera uma nova era de edifícios”.

¹²⁷ “Se toda a arquitetura fosse tão boa como Bilbao, que se dane as artes”.

orgânica que se funde com o Rio. Poderíamos dizer que as obras do interior são um reflexo de toda a genialidade deste Guggenheim, porém, também essas mesmas obras são uma peça fundamental para toda esta vivência em volta de Bilbao. Dentro do museu, podemos encontrar grandes artistas que à semelhança de Gehry também eles deixaram a sua marca no mundo. As exposições deste mudam frequentemente e são essencialmente trabalhos do século XX. O ponto alto do edifício Guggenheim, são as formas curvilíneas de titânio, o ponto alto das exposições é a instalação permanente, *The Matter of Time*, uma série de esculturas em aço, desenhadas por Richard Serra¹²⁹.

O objetivo do Guggenheim e de qualquer projeto de Frank O. Gehry destaca-se pela sua exuberância e genialidade. À primeira vista parece-nos mais uma escultura gigante, que interfere na visão sobre a cidade, mas à medida que fazemos os percursos que nos levam até ao interior do Museu, apercebemo-nos do contrário.

Como pode haver uma ligação tão forte com a envolvente, sendo um volume tão destinto do já o existente? o que é certo, é que essa ligação existe de um modo harmonioso, contrastando com a percepção que temos num primeiro contacto com o projeto de Gehry.



Ilustração 37 - Exterior do Museu Guggenheim de Bilbao, vista lateral, de Frank Gehry. (Ursprung, Ruby, 2004, p.19)

¹²⁸ Nervion, é o rio que banha a capital do país basco, Bilbao. Este nasce na província de Álava, perto da cidade de Burgos.

¹²⁹ Richard Serra, escultor Norte-americano, muito importante no pós-Guerra de grandes influências minimalistas. As suas obras são principalmente realizadas em aço.

“Bilbao is Beautiful and inventive, wich is a more than enough, to satisfy me”¹³⁰, (Gehry, Foster, 1999, p. 26)

Independentemente de todas as críticas feitas ao museu, independente de todos os custos, Bilbao foi e é um edifício bastante bem conseguido que superou-se a si mesmo com o decorrer da sua construção, conseguiu que a sua função prevalece-se sob a sua forma.

Os edifícios de Gehry são ícones e ele próprio é uma lenda no seu próprio tempo. São poucos os homens que conseguem atingir esse “status” enquanto vivos. Se no início da sua carreira pensou que a arquitetura era um serviço, nos dias de hoje quando projeta, projeta para ser vivida.

“Gehry designed a sparkling art cathedral, wich within a very short time became a symbol of the Basque economic and spiritual renaissance”¹³¹ [...] (Reichold, Graf, 2004, p. 178)

Para além do Guggenheim ser um edifício gracioso, o que impressiona mais é a sua imponência e genialidade. A forma como interfere com o ser humano, a maneira como muda a vivência de quem habita aquele espaço, faz deste projeto uma obra com um valor incalculável, não me refiro a valores monetário, refiro-me, a algo para além do que se pode comprar, vivências e impressões que nos levam a um êxtase que perdurará na nossa memória.

Depois da concretização do Guggenheim, não foi preciso muito tempo para esta cidade se tornar num símbolo da economia do País Basco, tal como, símbolo de uma arquitetura renascentista desta nova era, levando a outro patamar a arquitetura do século XX.

Bilbao is one of the greatest archiverments of architecture in the twentieth century. Conceptually it combines a collision of unknow spaces with an overlay of anthropomorphius. Imagewise it is as sinuos as a school of fish, covered with the

¹³⁰ “ Bilbao é inventiva e bela, sendo mais do eu suficiente para me satisfazer.”

¹³¹ “Gehry desenhou uma catedral cintilante, que dentro de um curto espaço de tempo se tornará em um símbolo do renascimento económico e espiritual Basco...”

curvature of a Boccioni bottle. It is architecture of undefined invention an unlimited freedom¹³², (Gehry, Foster, 1999, p. 23)

As estranhas formas desta colossal estrutura, formam a sul um diálogo com a cidade, as janelas estão viradas para sul para que deste modo, quando fazemos um dos percursos do interior do museu, nos mantenhamos sempre ligados a cidade de Bilbao.

O urbanismo da cidade de Bilbao, faz realçar a exuberância do edifício. A norte, o edifício tem uma relação mais íntima com a natureza. A forma orgânica da estrutura, faz lembrar um peixe, elevando o conceito da obra ao mais alto nível projetual. Este conceito, só foi possível de concretizar com a ajuda de programas específicos e cálculos estruturais, levando alguns especialistas a questionar a possibilidade de execução do mesmo devido as suas formas complexas.

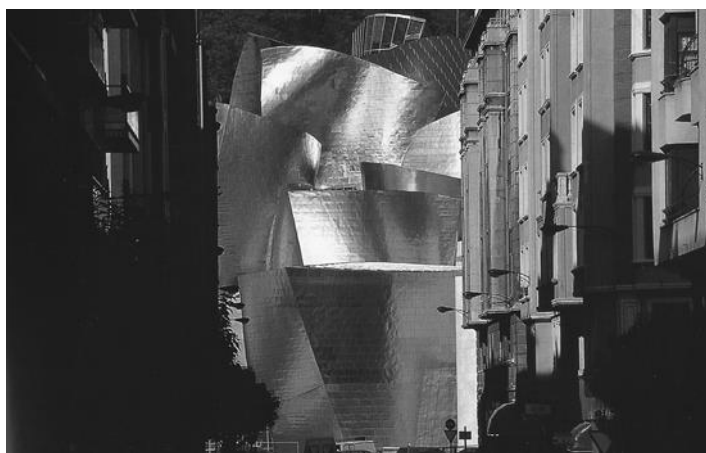


Ilustração 38 – “With its dynamic design and contrasting materials, the Guggenheim Museum has brought a new dimension to the cityscape of Bilbao”. (Reichold; Graf, 1999, p. 179)

“Bilbao looks as though it would make a dawn fine cathedral, like San Marco in Venice¹³³”. (Gehry, Foster, 1999, p. 62)

¹³² “ Bilbao é uma das maiores realizações da arquitectura do século XX. Conceitualmente combina uma colisão de espaços com uma sobreposição antropomorfa. Imaginem como é sinuoso como um cardume de peixes, coberto com uma curvatura de uma garrafa de Boccioni. É uma arquitectura de invenção indefinindo uma liberdade ilimitada”.

¹³³ “Bilbao faz-se parecer como a catedral, de San Marcos em Veneza”.

Comparar Bilbao à Catedral de San Marcos, em Veneza pode parecer um pouco exagerado, porém quando comparamos Bilbao a qualquer outro edifício que resistiu a História é equiparar Bilbao a algo que irá perdurar depois do homem.

Mas como podemos comparar arquitetura modernista de vanguarda com arquitetura Bizantina? A catedral de San Marcos, tal como o museu Guggenheim de Bilbao, foram e serão marcos na história da arquitetura mundial, em épocas e estilos diferentes. Todavia, ambos os edifícios têm uma relação muito forte e imponente com o exterior transformando, consequentemente quem habita aquele espaço. As praças antecedentes à entrada de ambos edifícios, deixam uma sensação de magnitude extraordinária, sem nunca nos sentirmos intimidados, ao contrário da praça de Tiananmen em Pequim¹³⁴ ou a Praça Vermelha em Moscovo¹³⁵, que devido ao seu enorme tamanho, nos causam uma sensação de claustrofobia e impotência, criadas propositadamente para elevar o poder do rei ou o poder político.

[...] “o mundo não vai durar assim tanto tempo para construirmos algo tão definitivo, então voltamos ao temporário?” [...] (Gehry, 2002)

O mundo tem um prazo de validade, todavia, todo o absoluto também o tem, contudo necessitamos de intensificar esse conceito? Porque não criar algo, que fique para além da nossa existência, algo que perdure para os nossos descendentes para que desse modo se faça História.

Os primeiros esboços do edifício foram feitos à mão, mas só com a ajuda de modelos 3D foi possível criar uma estrutura formada por curvas complexas e destorcidas, baseada num conceito desconstrutivista.

O edifício é rematado por placas de titânio, que juntas, fazem lembrar as escamas de um peixe, dando a identidade ao edifício, contudo, Frank Gehry, optou por usar as placas de titânio em vez de aço, porque na altura o preço do titânio por metro quadrado era bastante mais baixo em comparação com o aço, logo, os custos seriam

¹³⁴ Pequim, capital da China e a segunda maior cidade deste país. Está situada no norte deste país. Esta, só se tornou capital, em 1949, depois dos japoneses ocuparem a antiga capital, Nanquim. O nome Pequim, em mandarim, quer dizer “capital do Norte”.

¹³⁵ Moscovo é a capital da Rússia e a cidade mais populosa deste país. Moscovo é também a cidade mais a norte do hemisfério no planeta. Este é o centro político, económico, cultura e científico deste país.

mais reduzidos. Todavia, com o uso de placas de titânio a luz cinzenta da cidade de Bilbao refletia-se melhor, tornado a iluminação dentro do edifício mais aprazível, aumentando a sensação de conforto.

Visto do rio o edifício parece ter a forma de um barco, fazendo homenagem a antiga cidade portuária de Bilbao. A vista oposta faz lembrar uma flor com as suas curvas acentuadas e orgânicas proporcionadas pelo titânio. O átrio principal do edifício, com os seus 50 metros de altura e os três tipos de materiais diferentes (betão, vidro e titânio), faz a ligação com o exterior e o interior criando um espaço híbrido, onde acontece um culminar de sensações, causadas pelo modo como o espaço se desenvolve.



Ilustração 39 e 40 - Interior do Museu Guggenheim de Bilbao, de Frank Gehry. (Cerver, 2003, p. 272)

A complexidade exterior do edifício contrasta com a simplicidade das galerias interiores, em que as “personagens principais” são as obras expostas e não a estrutura do museu, sendo as salas de exposição idênticas a de outros museus, ou seja, inovou-se no exterior mas não na função básica do museu, que é conservar e expor obras de arte.



Ilustração 41 – Sala de exposições do Museu Guggenheim de Bilbao, de Frank Gehry. (Guggenheim de Bilbao, 2013)

Than what?¹³⁶ [...] quando Bilbao ficou terminado, olhei para ele e vi todos os erros, não eram erros, mas vi todas as coisas que teria modificado e por isso fiquei embaraçado. Levou bastantes anos até poder vê-lo de forma emocionalmente distanciada [...] (Gehry, 2002)

Depois de resolvermos todos os problemas, o que trazer de novo para o projeto? Creio que a questão que se coloca é quanto colocamos de nós num projeto? Gehry ao fazer esta afirmação, querará dizer que temos sempre de nos levar aos limites, atingir os nossos máximos, para que com isso, realizar-mos-emos a nós mesmo, que por sua vez, isso irá transparecer nos nossos projetos e no final realizar-nos-á. Bilbao mostra que se pode ter esse género de representação pessoal e ainda assim tocar todas as bases que são necessárias para se adequar na cidade.

For me, every day is a new thing. I approach each project with a new insecurity, almost like the finest project I ever did, and get the sweats, I go in and stand working, and I'm not sure where I'm going¹³⁷ [...] (Gehry, 2002)

¹³⁶ “E agora”, expressão usada por Frank Gehry em Ted talks 2002.

¹³⁷ “Para mim, cada dia é uma coisa nova. Eu abordo cada projecto com uma nova insegurança, quase como o melhor projecto que eu já fiz, recebendo os “doces” desse mesmo. Eu entro, fico a trabalhar e não tenho a certeza para onde vou.”

“The Bilbao Guggenheim museum is the most awesomely man-built space I have ever experienced”¹³⁸ (Gehry, Foster, 1999, p. 92)



Ilustração 42 – Museu Guggenheim de Bilbao, vista exterior com a envolvente, de Frank Gehry. (Cerver, 2003, p. 272)

É certo que o Museu Guggenheim de Bilbao, não faz a cidade de Bilbao, mas sem dúvida que sem ele, Bilbao, não seria Bilbao.

¹³⁸ “ O museu Guggenheim de Bilbao é o espaço mais impressionante que já experienciei”.

3.2. Requalificação e Lugar, Fundação Iberê Camargo

Lugar, é algo que o Homem define através dos seus sentidos. Requalificar esse mesmo lugar é reestruturar o próprio Homem e a sua visão perante o mundo e o espaço que habita.

Lugares, são áreas definidas ou indefinidas fisicamente, são uma parte do espaço que é ou podia ser ocupada pelo Homem. Vulnerável e transitória a Arte mistura a realidade concreta com a sua fração figurativa, logo a arquitetura não figura em apenas possuir a capacidade de remeter algo a si mesma, ela vincula-se à experiência, como um lugar que toma o corpo desta. Assim sendo, abstrair-se do mundo e funde-se com este, sendo um reflexo da realidade em que se inscreveu.

O Lugar-comum ao etnólogo¹³⁹ e àqueles dos quais fala é, precisamente, um lugar: o que ocupam os indígenas¹⁴⁰ que aí vivem, que aí trabalham, que o defendem, marcam os seus pontos fortes, vigiam fronteiras, mas nele detectam também o traço das potências ctónicas ou celestes, dos antepassados ou dos espíritos que povoam e animam a sua geografia íntima, como se o pequeno pedaço de humanidade que lhe endereça nesse lugar oferendas e sacrifícios fosse também a quintessência daquela, como se não houvesse humanidade digna desse nome a não ser nesse mesmo lugar do culto que lhe é consagrado. (Augé, 2005, p.39)

Podemos chamar de lugar, ao espaço que habitamos por conveniência, que por algum motivo nos fez habituar a tal, mesmo que indivíduos estranhos a esse mesmo lugar não o considerem como lugar. Só o ser humano que habita determinado espaço pode defini-lo com o Lugar, como o seu Lugar. Os habitantes locais, fazem parte desse mesmo espaço, são eles também o lugar em si. Por isso, quando requalificamos determinado local, estamos a mudar também os povos desse mesmo espaço. A arquitetura, metamorfoseia o meio envolvente, mas sobretudo transforma o Homem, pois é ele que a habita e que faz dela a arte, de todas as artes.

Se um lugar se pode definir como identitário, relacional e histórico, um espaço que não pode definir-se nem como identitário, nem como relacional, nem como histórico, definirá um não – lugar. (Augé, 2005, p.67)

¹³⁹ Etnólogo é quem estuda os fatos levantados pela ciência etnográfica no âmbito da antropologia cultural e social. Em suma, um etnólogo observa as diferenças entre sociedades.

¹⁴⁰ Indígenas, povo de determinado local com uma continuidade histórica na sociedade em questão.

Para a arquitetura a relação entre a natureza e a construção é decisiva. Esta junção é uma constante de qualquer projeto. Para Álvaro Siza Vieira, chega a tornar-se uma obsessão, levando as suas obras à exaustão, conseguindo atingir uma arquitetura que serve a todos os sentidos.

[...] o desenho não é para Siza uma linguagem autónoma; trata-se de tirar as medidas, de fixar as hierarquias internas do lugar que se observa, dos desejos que ele suscita, das tentações que induz; trata-se de aprender a ver as interrogações, a torna-las transparentes e penetráveis. Trata-se por fim de procurar por meio da escrita do desenho uma série de ressonâncias que progressivamente funcionem como partes de um todo, que mantenham a identidade das razões da sua origem contextual mas que ao mesmo tempo se organizem em sequências, percursos, paragens calculadas, que se alinhem através de diferenças discretas na direcção de um processo de diversidade necessária não ostentada, de escrita dos espaços e das formas do projecto. (Siza, 1998, p. 9)

Em suma, a arquitetura quando invade um determinado espaço, busca a superação desse espaço, como suporte de Arte, através da adoção de procedimentos práticos que encorajam a vivência de determinados lugares. A exposição pública dessa arte, valoriza o percurso feito até a concretização da mesma e não só o resultado final.

Siza Vieira projetou em Porto Alegre, o museu em homenagem a Iberê Camargo, para servir de casa as obras deste artista Brasileiro. Este museu, constrói-se entre a encosta e o rio, transformando-se à escala da paisagem. O volume branco, está engenhosamente inscrito na estreita banda de terreno que se desenrola entre a escarpa e a avenida paralela ao rio que ladeia a massa de água.

Um balé quase imperceptível, mas ininterrupto, tem lugar na superfície terrestre, e aqueles que falham em seguir os movimentos do coro ou dos solistas não podem tomar parte: Allegro, andante, adágio. (Vieira, 2008)

Esta obra pode ser descrita como uma grande escultura, devido à sua interligação com a montanha e a malha rochosa envolvente, deixando-nos a sensação de que as duas coisas se unem, formando uma só peça. Existe uma certa maleabilidade natural no edifício. A dinâmica das rampas que se dobram sobre a fachada em ângulos e sombras abruptas e a superfície branca que reflete a luz meridional, são fatores que condicionam toda a maneira como olhamos para o próprio edifício.

Tal como o museu Guggenheim em Bilbao, de Frank Gehry, o material usado foi alvo de um estudo aprofundado, para que deste modo, se transmitisse todo o potencial deste projeto com a implementação correta das matérias, para que com isso, o próprio edifício se realiza-se a si próprio, sem nunca destoar da paisagem nem do lugar envolvente.

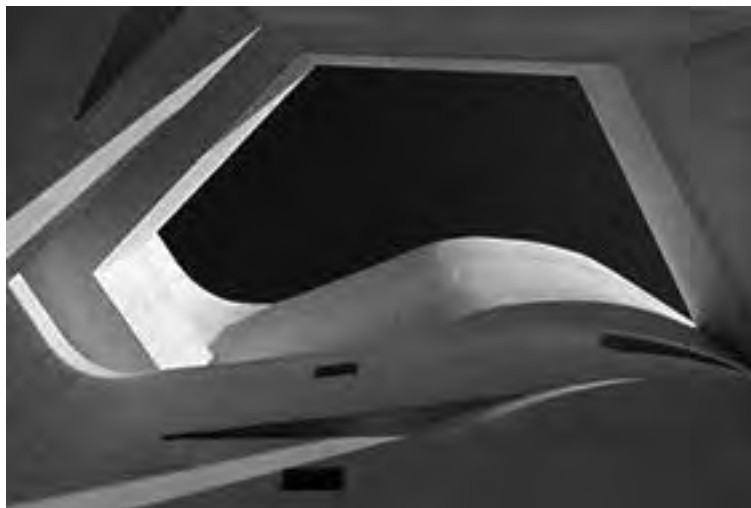


Ilustração 43 - Interior da fundação Iberê Camargo, vista do piso inferior. (Vieira, 2013)

A Fundação Iberê Camargo¹⁴¹ está de tal modo inserida na paisagem que se funde com o Lugar, ao contrário do Guggenheim de Bilbao, que sobressai na paisagem. Todavia, ambos os edifícios se realizam a si próprios de uma forma distinta mas funcional.

As obras de Siza Vieira e principalmente a obra em estudo, precedem de uma estratégia, de um conceito análogo ao “site-específico”¹⁴². Mais que obras criadas para existir num determinado lugar, são peças cujo significado principal emerge de uma relação indissociável com o lugar, não só em termos materiais, como também intelectuais. A fundação Iberê Camargo, define-se através de condições específicas do lugar e do programa, logo, não é entendida fora do contexto em que está inserida. A obra e a natureza perfazem a Arte.

¹⁴¹ Fundação Iberê Camargo, foi criada em 1995, com a sede na antiga moradia do artista, no bairro Naroai, para conservar, catalogar e promover obras de Iberê. Mais tarde a sede mudou-se para o bairro cristal, projetada pelo arquiteto Álvaro Siza Vieira.

¹⁴² O termo, sítio- específico faz menção a obras criadas de acordo com a atmosfera envolvente. Trata-se em geral de projetos planeados, num lugar certo e específico, em que os elementos esculturais dialogam com o meio circundante. Podemos afirmar que este conceito, se liga à ideia de arte ambiente, que marca uma tendência da produção contemporânea de se ligar ao espaço, seja um espaço de uma galeria de arte, um espaço natural ou mesmo uma área urbana.



Ilustração 44 – Fotografia exterior da fundação Iberê Camargo. (Vieira, 2013)

É nesta costura única entre o programa e o lugar que o trabalho de Siza Vieira afasta-se do gesto desinteressado que predomina em grande parte das obras arquitetónicas contemporâneas.

Nem toda a arquitetura é inseparável do lugar que ocupa. Não me refiro apenas às exceções constituídas por arquiteturas transitórias, estruturas móveis, mas à ideia de que as proposições arquitetónicas estabelecem padrões de relação distintos como espaço exterior. Uma condição prototípica e intercambiável, potencialmente generalizável, é o atributo claro de inúmeras contribuições ao acervo disciplinar da arquitetura, das peças de engenharia da urbe moderna *unité corbusiana*. Não se trata aqui, portanto, de reivindicar qualquer extremismo contextualista; é evidentemente possível fazer e refazer cidade, na acepção profunda do termo, a partir de elementos em grande parte permutáveis. (Dubois, 1998, p, 8)

Na fundação Iberê Camargo, Siza não procura criar algo novo, mas sim, transformar algo que já existe, numa realidade paralela, tornando-a indissociável do lugar, nascendo de um sistema de relações com a paisagem.

O lugar onde se funde a matéria com o ambiente, é duro, não só pela própria estrutura rochosa da montanha como também pela dinâmica criada pela estrada paralela à massa de água. Sendo o automóvel o principal fator de velocidade do território.

O edifício do museu, serve como um ponto antecedente à cidade de Porto Alegre, a robustez deste, confronta toda a realidade que o limita.

O terreno para a implantação da fundação Iberê Camargo, foi oferecido pelo governo local. Este, localiza-se num abeto, numa encosta, com um declive muito acentuado,

bastante pequeno e estreito. Como já referi, este terreno é marginado por uma avenida com bastante movimento, estando paralelo ao rio, onde a vista sobre o mesmo é soberba.

Dado que, o terreno para a construção do museu, não era o mais harmonioso para uma estrutura paralela à linha de água, este foi projetado para se realizar em altura, para que desta maneira a requalificação do lugar se faça em harmonia com o existente.

O edifício da Fundação, organiza-se como um sistema de espaços que se constroem em função do percurso que vai aliando alternadamente a passagem pelas salas de exposição e a descida em diagonal pelas rampas. Neste edifício, em sintonia com o Guggenheim de Nova Iorque, projetado por Frank Lloyd Wright¹⁴³, a circulação pelo espaço não tem somente um carácter de união entre espaços, mas sim, uma sequência ordenada de eventos memoráveis.



Ilustração 45 - Interior da fundação Iberê Camargo, vista do piso intermédio. (Vieira, 2013)

É caracterizado por um grande espaço central, ladeado de salas fazendo um “L”, havendo um percurso ascendente ou descendente contínuo que é garantido pela rampa no interior desse abeto que é iluminado superiormente e outra rampa no exterior que se “desprende” do próprio volume. (Vieira, 2008)

¹⁴³ Frank Lloyd Wright, arquiteto Norte Americano de ascendência Gaulesa, nascido em 1867. Em Richland Center, Wisconsin. Wright, influenciou a arquitetura moderna com suas ideias e obras. É considerado um dos arquitetos mais importantes do século XX. A sua obra mais conhecida é a Casa da Cascata, em Mill Run, Pensilvânia.



Ilustração 46 – Fotografia interior, zona de exposição da fundação Iberê Camargo. (Vieira, 2013)

O panorama para o exterior, é controlado através do interior, permitindo múltiplos pontos de vista. Porém, também existem espaços contínuos definidos por paredes cegas, criando uma suspensão de sensações relacionadas com a ligação interior / exterior, onde impera a sensação de rua estreita que só é aliviada pela existência de algumas janelas posicionadas estrategicamente. Com isto, o arquiteto consegue controlar as ligações com o exterior, entre o homem que habita o espaço e a natureza envolvente no lugar.

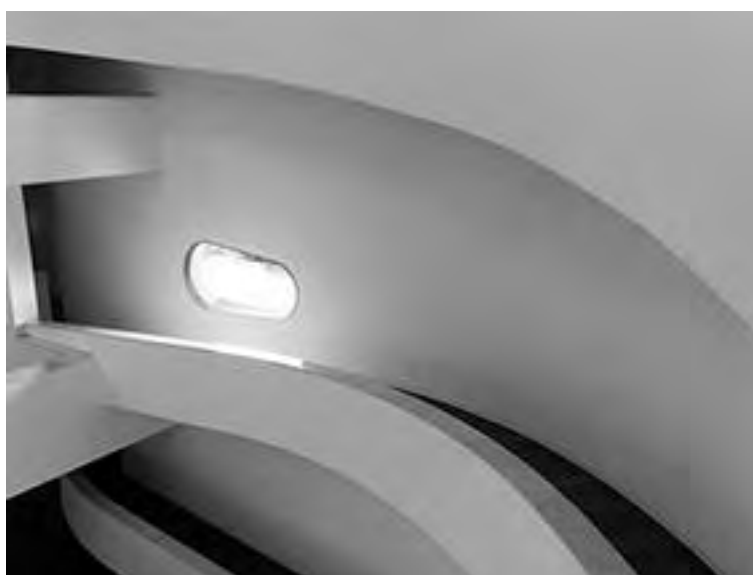


Ilustração 47 – Fotografia interior, pormenor do vão, da fundação Iberê Camargo. (Vieira, 2013)

A grande dificuldade foi conciliar as necessidades do museu, incluindo os problemas base de um museu, como os acessos como também o problema do estacionamento. Estes, foram resolvidos com a construção de estacionamento subterrâneo, de baixo da própria estrada, para que com isso o trânsito se mantivesse e continua-se a fluir. (Vieira, 2008)

Os grandes projetos formam-se a partir das grandes dificuldades, tornando a arquitetura dominante e cheia de emoções. A transmissão de sentimentos e desordens para quem habita este lugar é conseguida, pelo drama criado pelo próprio lugar e o conceito de museu vivo.

A forma do edifício é uma continuação da encosta, moldando-se o edificado com a encosta, formando um anfiteatro entre a fachada posterior e a colina intensificando a ligação de ambos os elementos.



Ilustração 48 - Interior da fundação Iberê Camargo, vista do exterior, fachada principal. (Vieira, 2013)

Siza, consegue que a variedade espacial deste projeto se organize com maior liberdade no plano do solo, através de um plano vertical da fachada deste. O remate entre o edificado e a paisagem acontece de um modo neutro e flexível, algo que no Guggenheim de NY foi difícil de conseguir. O museu de Frank Lloyd Wright, tornou-se um ícone da arquitetura, porém, podemos afirmar que a Fundação Iberê se tonou um ícone da arquitetura moderna.¹⁴⁴

¹⁴⁴ Arquitetura Moderna, é a designação dada para o conjunto de movimentos e escolas arquitetônicas que vieram a caracterizar a arquitetura produzida durante grande parte do século XX.

O autor, conseguiu “cozer” o programa e o lugar, num só espaço harmonioso e funcional. Neste projeto Siza, não só exhibe os seus recursos artísticos como também a sua sensibilidade como construtor de Lugares.

Estes três casos, de estudo museológicos, realizados em épocas, contextos e lugares distintos, têm um fator em comum, são marcos urbanos nas cidades onde se encontram.

Ambos os museus, enquadram-se no meio onde se inserem e abordam a envolvente com particularidades distintas, mas com objetivos iguais. Proporcionam uma vivência cultural e multifacetada ao homem que habita estes espaços.

A nível da cidade, o Guggenheim de Bilbao de Frank O’ Gehry, destaca-se na paisagem ao mesmo tempo que se encontra inserida e ligada com a mesma, proporcionando uma requalificação de toda a cidade de Bilbao. Ao nível do Lugar, o Museu de Álvaro Siza Vieira, interliga-se com o lugar, fundindo-se com a montanha rochosa e a massa de água que limita o espaço envolvente. Fazendo, deste modo, uma introdução a quem chega à cidade de Porto Alegre. Por fim, ao nível do programa, o Guggenheim de Nova Iorque, além de ser um marco arquitetónico, a sua projeção do interior para o exterior, através do programa alternativo, tornaram-no num projeto marcante, onde a forma segue a função.

Por fim, podemos afirmar que estes três museus, são ícones da arquitetura mundial, ambos conseguiram atingir os seus propósitos, ao mesmo tempo que são “esculturas” em exibição.

4. Requalificação e Projeto

4.1. Projeto e Lugar

O trabalho final da cadeira de projecto, teve como objectivo a concretização de um programa funcional, estruturado pelos docentes da cadeira, que consistia na realização de uma praia fluvial, um complexo de piscinas municipais e dois hotéis, de duas e cinco estrelas. Tendo como intuito, de requalificar a frente ribeirinha da cidade de Lisboa, incidindo na área que liga o Cais do Sodré a Santa Apolónia.



Ilustração 49 – Fotografia panorâmica, tirada da margem sul sobre Lisboa. Vista desde Cais do Sodré até Santa Apolónia. (Ilustração nossa, 2011)

Uma reflexão sobre esta área, levou-nos a concluir, que desde o século XVIII, existe a preocupação em dinamizar e requalificar a frente rio de Lisboa, estando esse parecer, sempre presente nos planos de urbanismo da cidade. Atingindo o sucesso, ou mesmo, ficando por pensamentos utópicos. Lisboa têm na sua margem, a sua maior “insígnia” paisagística.

Este é um território, com potencialidades singulares, no entanto, ainda não podemos chamar a essa área, um lugar único, pois, acontecem momentos em que a necessidade de requalificação é uma premissa.

Como projeto, utilizamos o espaço público, para o redesenho do nexu urbano, para assim, estabilizar o território, servindo-nos, da paisagem como elemento primário no dia-a-dia de quem habita aquele espaço, para com isso, este, deixe de ser um simples vazio, transformando-se num lugar.

Foi necessário criar uma estratégia arquitetónica, pois toda a faixa costeira de Lisboa, comporta-se de maneira diferente. Essa estratégia, focou-se numa abordagem substancial entre o rio e a cidade, e as consequências de ambos. Do nosso ponto de vista, podemos afirmar, que existem vários modos de ver e conhecer Lisboa.

Entre o Caís do Sodré e Santa Apolónia, os percursos são infinitos, como o resultado da arquitetura.

As ligações físicas entre o rio, a cidade e o Homem, podem ser descritas através de percursos. Os caminhos realizados para atingir o fim, são diferentes, conseguindo assim, o despoletar de interesses variados, por parte dos narradores.

Ao fazermos o percurso entre Santa Apolónia e o Cais do Sodré, deparamo-nos com uma permanente ligação com o rio, porém, essa ligação nem sempre é visual, chegando a ser interrompida fisicamente. Este percurso, de nascente para poente, faz-se com o rio, todavia, se quisermos manter uma ligação visual constante com este e o seu estuário, podemos sempre, fazer uma abordagem vinda do interior da cidade para seu exterior, abordando o Tejo e a cidade de Lisboa, levando-nos a conhecer o rio de uma outra perspetiva. A descida, vinda do Largo de Camões até ao Cais do Sodré, poderá ser a proposta mais interessante. No entanto, a travessia do rio Tejo feita de barco, é algo que nos marca, pois a vista conseguida do Tejo, perante Lisboa e as suas colinas é estonteante. Aí, conseguimos sentir a verdadeira natureza da cidade, apercebemo-nos da magnitude da sua arquitetura.

A estratégia utilizada, para a concretização do projeto e todo seu programa funcional, consistiu numa metamorfose entre o espaço envolvente e o próprio programa, transformando o território, num espaço qualificado, que por sua vez, se caracteriza como lugar de vivência. A implantação de todo o programa funcional entre a Praça do Comércio e Santa Apolónia, conetando o projeto final de curso, com o futuro terminal de Cruzeiros de Carilho da Graça, foi uma ação propositada.

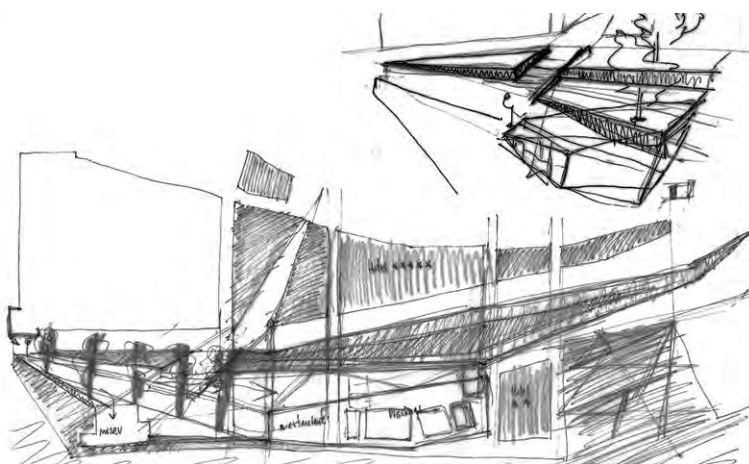
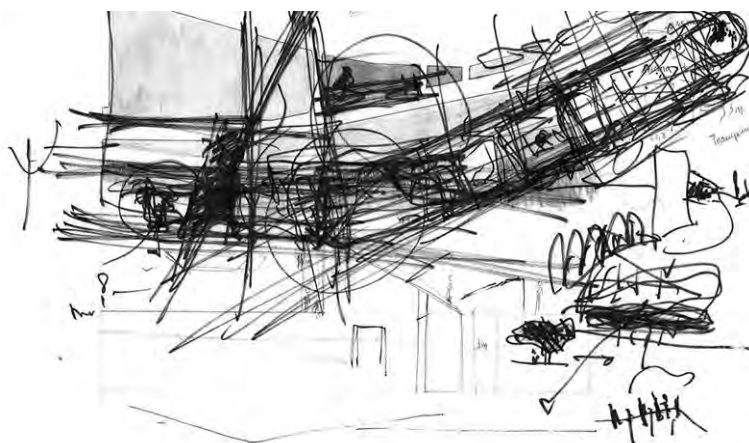


Ilustração 50 – Esboços projetuais, linhas modeladoras do espaço. (ilustração nossa, 2011)

O intuito desta acção, foi conseguir dinamizar uma área com algumas carências urbanísticas, do ponto de vista do peão, melhorando, o desenho urbano, os corredores verdes, as vivências entre o Homem e o rio, como também as relações com a outra margem, atribuindo-lhe um carácter mais apelativo de usufruto público. Este gesto teve a intenção de aliviar a tensão, nesta área da cidade.

Ao aliar, o programa funcional, o objetivo foi chegar a todos os públicos-alvo, tal como, os residentes locais, os turistas, os usuários da piscina municipal, como também os futuros hóspedes de ambos os hotéis.

É importante realçar que, quem habita diariamente este território, é a sua alma.

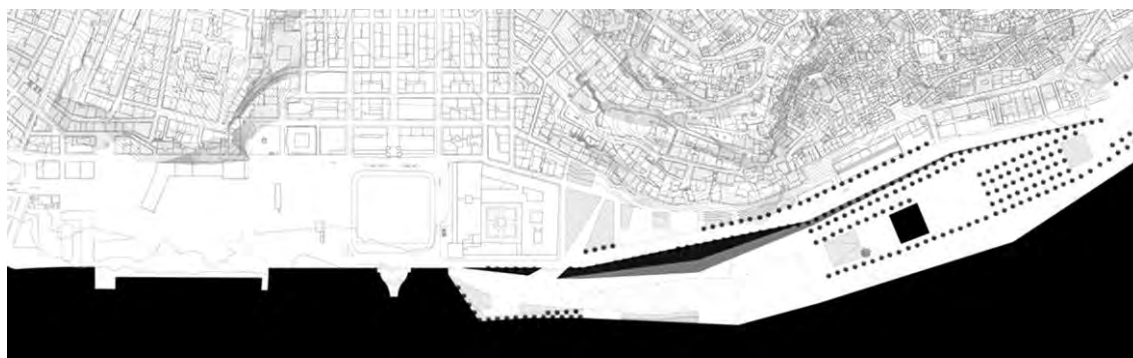


Ilustração 51 – Planta de implantação do projeto, desde o Cais de Sodré até Santa Apolónia. Edificado, proposta e áreas verdes. Requalificação urbana. (Ilustração nossa, 2011)

As ligações visuais com a outra margem do Tejo, foram o mote do projeto. A intenção de ligar as duas margens visualmente, em pontos estratégicos do território, levou à modelação da linha costeira, fazendo com que as ligações fossem uma presença constante. Deste modo, a Praça do Comércio, intensifica a analogia entre esta e à grande praça que é o rio, analogia essa, presente desde o século XVIII.

As influências do Projeto de Manuel Tainha¹⁴⁵, a Agência Europeia de Segurança Marítima (A.E.S.M.)¹⁴⁶, o Centro Europeu de Informação Jacques Delors¹⁴⁷ (C.I.E.J.D.) e o Observatório Europeu de Drogas e Toxicodependência (O.E.D.T.)¹⁴⁸, Projetado na zona do Cais do Sodré, requalificando aquela área em declínio, condicionaram as linhas e as ligações entre o projeto e a cidade, assim como, o projeto de requalificação

¹⁴⁵ Manuel Tainha, arquiteto Português, nascido em Paço de Arcos em 1922. Licenciado em arquitetura pela Escola Superior de Belas Artes de Lisboa (ESBAL), em 1950. É autor de diversas obras de valor reconhecido, algumas das quais premiadas. Dos seus prémios, destacam-se o Prémio Valmor e Municipal de Arquitetura de 1991 pelo edifício da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, o Prémio Nacional de Arquitetura, para Edifícios Isolados e o Prémio Jean Tschumi 2002 instituído pela União Internacional dos Arquitetos. Este, desempenhou o cargo de Professor da disciplina de Projeto na Universidade Técnica de Lisboa e na Universidade de Coimbra. A partir de 1993, leccionou na Universidade Lusíada de Lisboa.

¹⁴⁶ A.E.S.M., é a Agência Europeia de Segurança Marítima, da União Europeia. Encarregue de reduzir o risco de acidentes e poluição marítima, ajudando na aplicação de legislação da Comunidade Europeia. Está sediada em Lisboa, tendo sido fundada em 2002.

¹⁴⁷ C.I.E.J.D., Centro de Informação Europeia Jacques Delors, é uma agência Europeia, que visa à divulgação da UE proactivamente pela ação conjunta da unidade de Informação e Comunicação.

¹⁴⁸ O.E.D.T., Observatório Europeu da Droga e da Toxicodependência. Foi criado em 1993 e inaugurado em 1995 em Lisboa. O OEDT existe para fornecer à UE e aos seus Estados membros uma imagem objetiva dos problemas Europeus relacionados com droga e uma base científica sólida para sustentar o debate sobre esta matéria. Atualmente, oferece aos ministérios dados que estes necessitam para formularem leis e estratégias esclarecidas.

da Ribeira das Naus¹⁴⁹. Todavia, a metamorfose entre o projeto e o futuro terminal de cruzeiros de Carilho da Graça e o rio Tejo, foi um ponto crucial para o seu desenvolvimento, o objetivo último.

O projeto desenvolve-se a partir de uma ideia, que condiciona as vistas, estabelecendo uma ligação entre Lisboa e o rio. Para tal, a existência de percursos qualificados é crucial para o sucesso desta intervenção.

Ao percorrermos a Praça do Comércio, deparamo-nos com uma enorme vastidão em sintonia com a grandiosidade do rio, no entanto, com a aproximação ao rio, encontramos uma alternativa a algo tão imponente. Onde terminam as arcadas Estes do edifício que ladeia o Terreiro do Paço, começa visualmente um lugar com diferente sentido sobre Lisboa. Inicia-se um percurso de contemplação da cidade, em todas as suas vertentes.

A diferença altimétrica durante o percurso, é intencional, para que com isso, possamos “jogar” com as marés, criando dinamismo ao lugar. Controlando, deste modo, as ligações com o Tejo e a outra margem, à medida que nos liga ao peculiar cenário de Alfama com todas as suas fachadas coloridas.

A avenida que ladeia o projeto, têm um ritmo constante salientado pela circulação automóvel, tornando a velocidade uma constante do território. Porém, o ritmo persistente, causado pela implantação de choupos, proporcionam um clima, mais tranquilo, ao mesmo tempo que promovem “jogos” de sombra e luz na avenida.

Durante a “estadia” neste lugar, deparamo-nos com corredores verdes, proporcionados pela malha de árvores implantadas, com o intuito de criarem um “véu” que promove no indivíduo a necessidade progressiva de descobrir o lugar.

As ligações com a Casa dos Bicos¹⁵⁰, acontecem naturalmente ao mesmo tempo que se dissimulam pelo edificado.

¹⁴⁹ Ribeira das Naus, é um espaço em Lisboa, de caráter militar. A sua existência, está ligado à fábrica naval que operou naquele lugar, e que terá produzido ao longo de séculos, embarcações de diversos tipos. O conceito da requalificação da Ribeira das Naus, articula a produção das Naus, com as rotas marítimas universais. É a partir da tensão entre o espaço e a geografia do território, que se configurou o desenho proposto. A arquitectura deste lugar consiste na união dos elementos antigos com a contemporaneidade.

A ligação ao futuro terminal de cruzeiros de Carilho da Graça, é intensificada, pelo percurso realizado junto ao rio, em que o edifício das piscinas municipais interage visualmente com o terminal. Sendo este, possível de percorrer, os vínculos criados tornam-se cruciais na compreensão deste projeto.



Ilustração 52 – Alçado Sul do projeto de intervenção. Fachada Sul das piscinas municipais, hotel de duas estrelas e praia fluvial. (Ilustração nossa, 2011)

A praia fluvial, é um elemento fundamental do projeto, a sua construção foi projetada a partir de socalcos, com cerca de 50 cm cada um, com o fim, de conseguir jogar com as marés, que variam dois metros, da maré cheia para a maré vazia. A maneira como este espaço de estar se posiciona, alarga os nossos horizontes, dirigindo o nosso olhar, para o estuário do Tejo. Esta praia, proporciona o conforto necessário, levando o indivíduo, abstrair-se da cidade que o envolve.

Como complemento, deste espaço fluvial, acontecem as piscinas municipais, aumentando a ligação entre a água e o edificado.

Os acessos, fazem-se pedonalmente, priorizando este percurso, como parte da arquitetura. Aqui, podemos optar, pela maneira como acedemos ao espaço público. As sensações vividas, são distintas entre si e os ritmos criados, são conseguidos de maneira diferente por cada indivíduo.

¹⁵⁰ Casa dos Bicos, ou casa de Brás de Albuquerque, localiza-se em Lisboa a oriente do Terreiro do Paço, esta foi, uma das obras mais emblemáticas do estilo gótico em Lisboa. É um exemplo único de arquitetura civil lisboeta, pelo fato da sua fachada estar revestida de pedra aparelhada em forma de diamante. A casa foi construída em 1523, a mando de D. Brás de Albuquerque, filho natural do governador da Índia, Afonso de Albuquerque. Sendo destinada para a sua habitação. Os "bicos" demonstram uma clara influência Renascentista Italiana. Na realidade, o proprietário da Casa dos Bicos mandou-a construir após uma viagem a Itália, onde terá visto pela primeira vez o Palácio dos Diamantes ("dei diamanti") de Ferrara e o Palácio Bevilacqua, em Bolonha. Na sua planta inicial existiam duas fachadas de pedra cortada em pirâmide e colocadas de forma desencontrada, onde sobressaltavam dois portais Manuelinos, com dois andares nobres. Sendo a fachada menos importante, a que encontrava-se virada para o rio. Com o terramoto de 1755, desapareceram os dois últimos andares. A família Albuquerque vendeu-a em 1973, tendo sido utilizada como armazém e sede de comércio de bacalhau, durante largos anos. Em 1983, foi reconstruída e reposta a sua volumetria para servir de local de exposições. Hoje, funciona a Fundação José Saramago, acolhendo a biblioteca do escritor prémio Nobel da Literatura.

Em suma, o projeto final de curso, centra-se nas condicionantes do espaço público enquanto elemento modelar de espaço e lugar. O lugar acontece, desde que o Homem, sente que é o Lugar de pertença.

4.1. Projeto e Programa

O programa funcional, para o projeto final de curso, consistiu no desenvolvimento de uma praia fluvial, um complexo de piscinas municipais e dois hotéis de duas e cinco estrelas, modulando a cidade.

Na realização dos equipamentos públicos, foi crucial definir o público – alvo, deste modo, direcionei o projecto para aqueles que já habitam este espaço, todavia, os indivíduos que vem a descoberta de Lisboa, tornam-se um público a ter em atenção.

Estes equipamentos, tem o objectivo de qualificar o lugar. Porém, constatamos, que é a camada jovem, a maior interessada nestes espaços. O simples fato de o programa estar ligado com o rio, torna todo ele mais interessante e sobretudo estimulante.

Os equipamentos públicos, estão organizados, por espaços públicos, semi-públicos e espaço privados. Deste modo, podemos unir dois conceitos distintos, que normalmente opõe-se, o lazer e a atividade física.

Ao desenvolver a praia fluvial, tivemos em conta as linhas do território, onde esta se iria projetar. Iniciamos o projeto de uma maneira complexa, com linhas rígidas, direccionando as vistas para pontos chaves do território, porém a tensão existente seria grande. Dessa maneira, voltamo-nos para linhas mais simples e compactas, aumentando a sensação de conforto. Ao criar vários socalcos onde variam os ângulos.

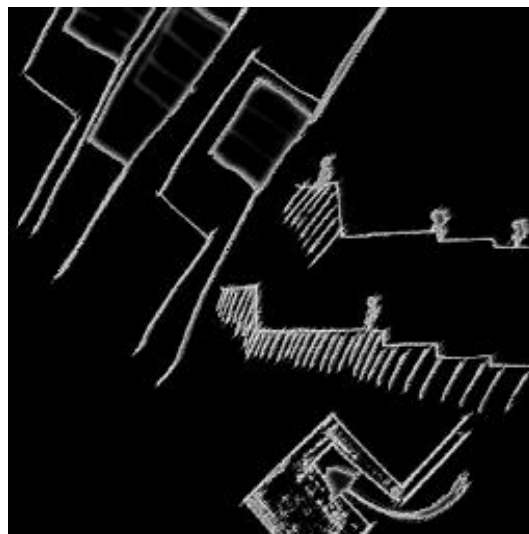


Ilustração 53 e 54 – Esboços conceptuais da proposta da praia fluvial. (Ilustração nossa, 2011)

Em relação à estrutura das piscinas, cingimo-nos às pré – existências do local, e às relações com o rio, resultando numa estrutura compacta, que surge do pavimento, tornando-se uma continuidade deste, podendo ser percorrida, fazendo parte de um percurso do lugar.

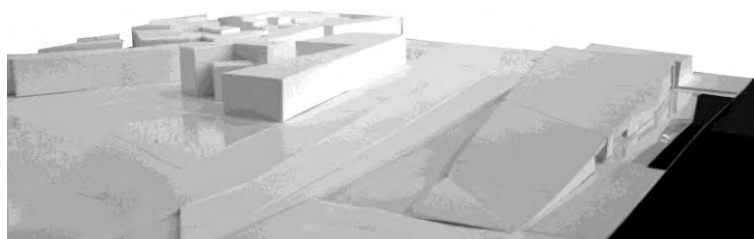


Ilustração 55 – Maquete 1:500, pormenor das piscina municipais. (Ilustração nossa, 2011)

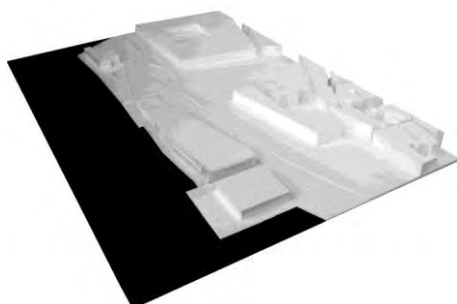


Ilustração 56 e 57 – Maquete 1:500, projeto de requalificação urbana, praia fluvial, piscinas municipais e hotéis de duas e cinco e estrelas. (Ilustração nossa, 2011)

Esta estrutura, surge em analogia com o futuro terminal de cruzeiros de Lisboa, de João Luís Carilho da Graça, em que este pretende, no seu projeto, que o edifício pareça flutuar no Tejo.



Ilustração 58 – Lisbon's cruise terminal, Lisbon, Portugal 2010. (Carrilho da Graça Arquitectos e FG+SG, 2010)

Estando o volume das piscinas, implantado num espaço público, condicionando a comunhão com o rio, a solução para a contemplação do território, recaiu por uma cobertura percorrível ascendente, em que no final, ocorresse um momento de observação do território.

Como já sublinhei, o projeto desenvolveu-se a partir de linhas bases, existentes no território, provocadas pelos volumes dos armazéns existentes na área. O nosso principal impulso, foi criar uma malha natural e estrutural, condicionando a vista sobre o rio. Assim sendo, o individuo poderá ir à descoberta do espaço. O véu arbóreo, plantado, serve para criar um ritmo constante, transformando toda a maneira de ver o lugar.

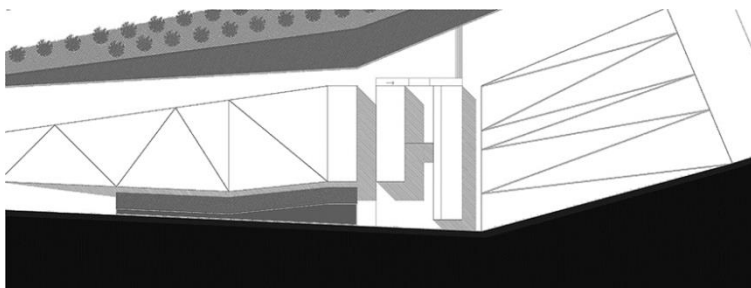


Ilustração 59 – Desenho em planta das piscinas municipais, hotel de duas estrelas e praia fluvial, da esquerda para a direita. (Ilustração nossa, 2011)

Na organização do espaço, do edifício público, optamos por dividir este em quatro áreas distintas, a área específica, área de lazer, área técnica e área exterior, formando uma unidade.

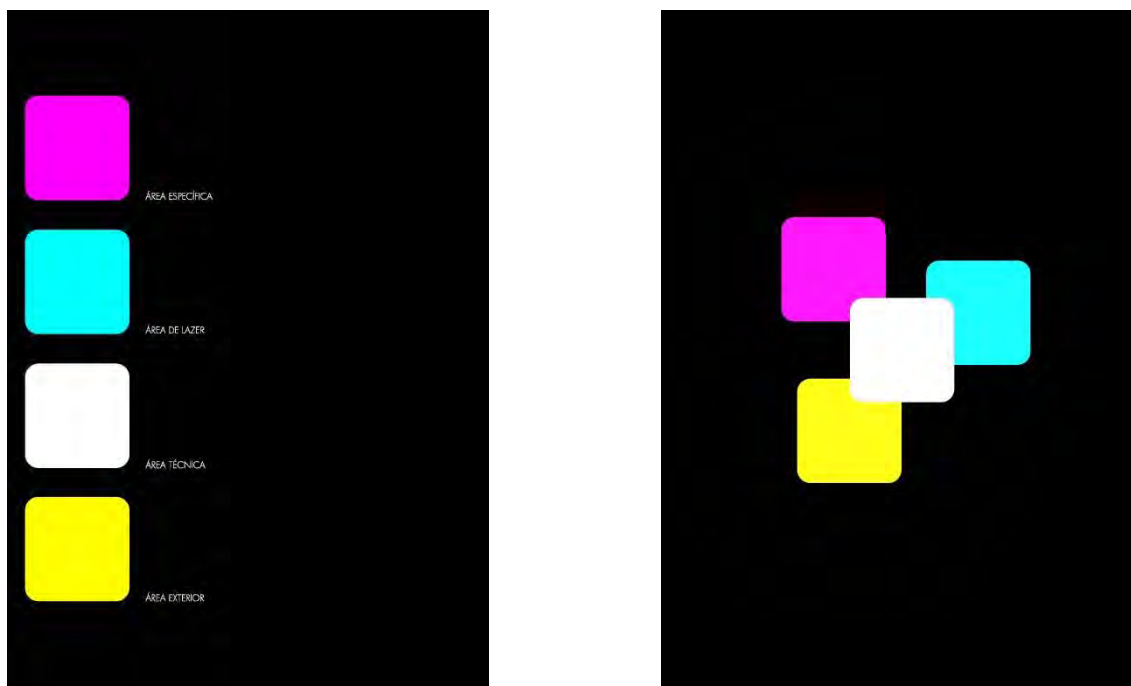


Ilustração 60 e 61 – Diagramas conceptuais, organização do espaço. (Ilustração nossa, 2011)

Na área específica encontramos a piscina de 25 metros, a piscina das crianças, a piscina de hidroginástica, a piscina de saltos para a água e a piscina de lazer, como também os balneários, o banho turco e a sauna e ginásio. Na área de lazer, existe uma esplanada, um bar e um restaurante, área de lixos, dispensa e copa, como também um espaço destinado à leitura. Na área técnica encontramos, a receção, a tesouraria, sala de reuniões, gabinete da administração, arrecadação e i.s.

Por fim, no espaço exterior, existe uma piscina exterior e um solário, como também, uma área destinada a desporto livre e a praia fluvial.

Em relação aos hotéis de duas e cinco estrelas, foram desenhados para diferentes públicos-alvo, tendo conceitos e programas distintos.

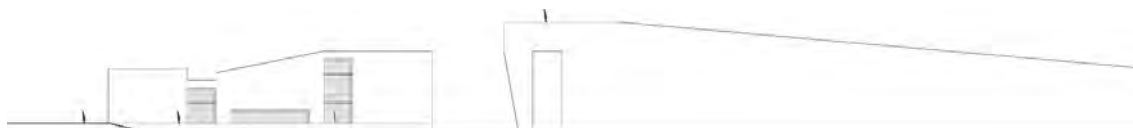


Ilustração 62 – Desenho em alçado Norte do hotel de duas estrelas e piscinas municipais. (Ilustração nossa, 2011)

O hotel de duas estrelas, tem como “target”, jovens que estejam de visita a Lisboa, procurando conhecer a cidade e a sua vida. Todavia, o hotel também poderá funcionar como complemento do equipamento público, podendo vir a ser usado por atletas que venham treinar no complexo desportivo.

O conceito deste hotel centra-se num espaço comum de união entre os hóspedes, sendo possível, transmitir as qualidades do território e proporcionar um bem-estar a quem usufrua deste, sem necessitar de sair da sua área de descanso. Uma varanda comum a todos os quartos é o elemento de ligação entre os hóspedes, o hotel e o rio.



Ilustração 63 – Desenho em alçado Este do hotel de duas estrelas e praia fluvial. (Ilustração nossa, 2011)

O hotel organiza-se, através de um átrio central, com um pé direito total. No centro desse átrio, existem dois volumes. O primeiro prolonga-se ao limite da laje, estando destinado às I.S. e arrumos, porém no andar superior, existe uma área de lazer para os funcionários, como também, o gabinete do gerente. O segundo volume, é destinado aos hóspedes, neste encontra-se a cozinha, a dispensa e o frigorífico. A particularidade deste módulo, é que pode aceder-se ao topo, através de uma escada lateral. Neste espaço, podemos contemplar a vista sobre o Tejo proporcionada pela transparência da fachada Sul. A área de refeições encontra-se, junto do segundo volume, usufruindo da mesma vista. Porém, se quisermos um contacto mais directo com o rio, o hotel proporciona uma área exterior privada, que faz a perfeita ligação entre o edificado e a natureza.



Ilustração 64 – Desenho em alçado Sul do projeto do hotel de duas estrelas e praia fluvial. (Ilustração nossa, 2011)

Este hotel é constituído por 99 quartos duplos, de 22,5 metros quadrados e ambos com casa de banho privativa, todos os quartos usufruem de uma varanda exterior comum a todos com 2,45 m de largura e o comprimento total do hotel.

De todos os equipamentos, o hotel de cinco estrelas, foi o menos desenvolvido. Sendo que a ideia conceptual foi distinta do hotel de duas estrelas, pois este, foi desenhado para um público mais maduro.

Se o hotel de duas estrelas se encontrava virado para a cidade e para o rio, este procura encontrar-se dentro de si, projetado para o interior, proporcionando mais privacidade e conforto aos hóspedes.

Ou seja, a disposição do hotel realizar-se-ia, em torno de um pátio, para onde os quartos se posicionavam. A ligação com a cidade fazer-se-iam através dos corredores de acessos aos quartos, onde as aberturas na estrutura proporcionariam vistas sobre a cidade, ao mesmo tempo, que as moldurariam.

A forma do hotel foi moldada para se adaptar ao lugar, onde a velocidade e a tensão são uma constante. Porém, a tensão é aliviada, através de áreas verdes, conseguindo dar ao habitante a tranquilidade necessária para usufruto do lugar.

Na área onde acontece a intervenção, existem espaços desprovidos de vida e de ligações, acontecendo por mero acaso. A ideia principal, recai sobre a ligação com o lugar, para tal, propomos uma ligação visual, e conseqüentemente física, recorrendo a uma dinâmica entre o Campo das Cebolas¹⁵¹ e o projeto.

O programa funcional dos equipamentos públicos, parte de uma premissa constante na arquitetura, pensar na arquitetura projetada para o Homem, e para o seu bem-

¹⁵¹ Campo de Cebolas, outrora foi um local de paragem de camionetas, que faziam os seus percursos por Lisboa. Porém, atualmente esta zona, na cidade de Lisboa, em frente ao património cultural da Casa dos Bicos, é um lugar de estar, com um forte carácter turístico, devido à sua proximidade com a Baixa, Alfama, e o centro histórico de Lisboa. Aqui a oferta gastronómica é bastante variada, como também os percursos em descoberta de uma Lisboa carismática.

estar, transformando assim a sua vivência em sociedade. Esta foi, sem dúvida a principal intenção, do projeto final de curso, projetar algo, que mudasse aquele lugar, transformando as suas carências em atributos, que por sua vez transformarão o habitante e a maneira como interage em sociedade.

4.2. Projeto e Detalhe

Realizar um projeto de arquitetura, é alcançar o esgotamento do detalhe. É a constante elaboração de planos, esboços, linhas e conceitos, levados até à exaustão.

Todos os projetos que o arquiteto realiza, são sempre influenciados pelas suas vivências, pela cultura a que está sujeito e a aquela que vai adquirindo ao longo de anos de formação e vivências sociais. Este, também, sofre influências da escola ou corrente, com que mais se identifica, naturalmente.

O trabalho final, recaiu sobre uma requalificação urbana da cidade de Lisboa, através da ligação entre o edificado e o existente. Usando equipamentos para modular o espaço.

As marés foram uma grande condicionante para a elaboração do projeto. O edificado encontra-se a 5 metros da linha do mar, porém a variação destas, variam entre os 2m e os 2,5m consoante a zona. Logo, este fator, tornou-se uma condicionante da projeção do espaço edificado. Tendo sido, fundamental para o sucesso do desenho urbano.

Ao desenvolvermos o trabalho, deparamo-nos com uma complexa linha costeira. Esta, sofre quebras na continuidade ao longo da costa, tornando toda a faixa costeira, repleta de saliências e reentrâncias, fazendo com que a tensão existente no território, seja grande. Deste modo, a abordagem utilizada, foi simplificar a linha costeira, levando a uma continuidade do edificado, tornando o projeto fluído. Todavia, a abordagem inicial, partiu de uma variedade de estudos, levados à exaustão. Foram necessárias várias tentativas para chegar a um fim.

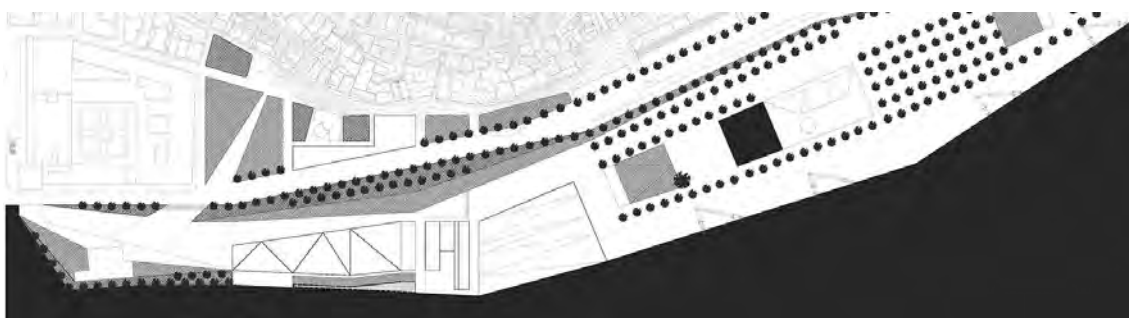


Ilustração 65 – Desenho em planta, pormenor das alterações da faixa costeira. (Ilustração nossa, 2011)

No desenho dos corredores verdes e espaços de lazer, tivemos a especial atenção à volumetria existente. Qualificamos o Campo de Cebolas, promovendo a extensão da malha verde em oposição ao espaço existente.

A área verde proposta para o Campo de Cebolas, têm a intenção de fundir duas zonas verdes separadas por um limite físico, a avenida. Fazendo uma ligação visual entre, o terminal fluvial dos barcos do Barreiro e a Casa dos Bicos. Propomos o deslocamento, da estação fluvial do Barreiro¹⁵², situada no Terreiro do Paço, para o Cais do Sodré, onde já existe uma estação fluvial, para que deste modo, possa-se juntar as duas estações fluviais e todos os serviços. Desta maneira, sugerimos, que a antiga estação fluvial, se transforme em museu fluvial, aproveitando o edifício, que remota a 1932.

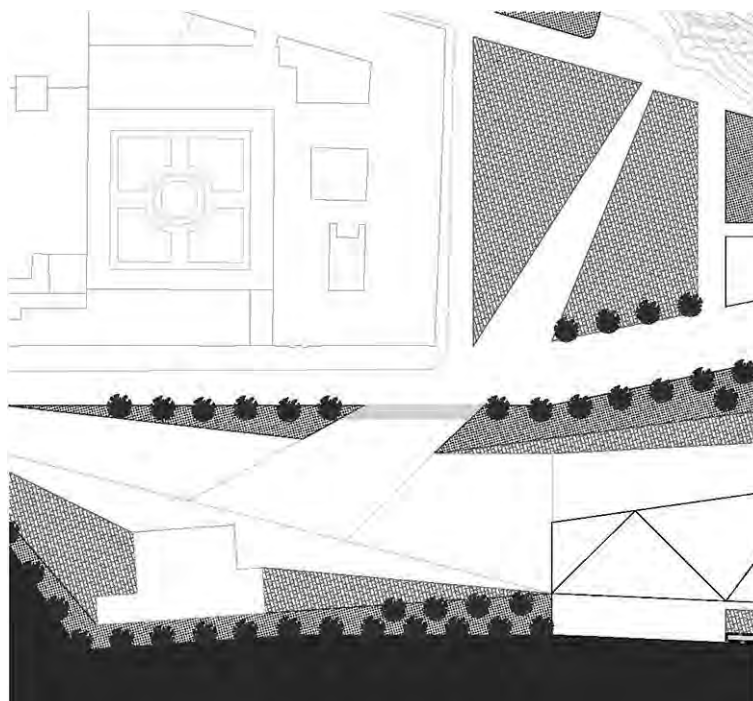


Ilustração 66 – Desenho em planta, pormenor jardins Campo Cebolas, áreas verdes e estação fluvial. (Ilustração nossa, 2011)

A praia fluvial, esta, projetada para sul. Com oito patamares de cinquenta centímetros, descendo quatro metros até ao nível do mar. Quando nos sentarmos, conseguimos direccionar o nosso olhar para diversos lugares. Assim, cada individuo vê o lugar como o entende.

¹⁵² Barreiro, cidade Portuguesa, pertencente ao distrito de Setúbal. Está ligada a Lisboa, pelas carreiras fluviais que fazem a ligação entre estas duas cidades. Cidade com um vasto estuário do Tejo. É uma cidade de grande carácter industrial.

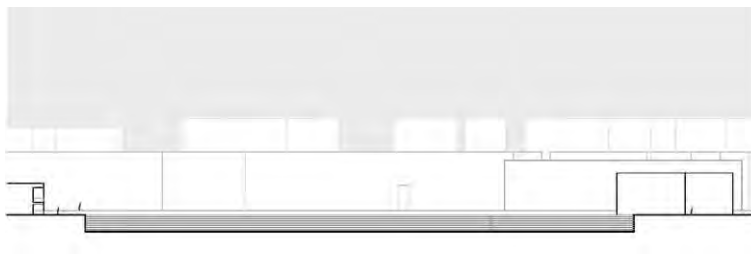


Ilustração 67 – Desenho em alçado Sul, pormenor da Praia Fluvial. (Ilustração nossa, 2011)

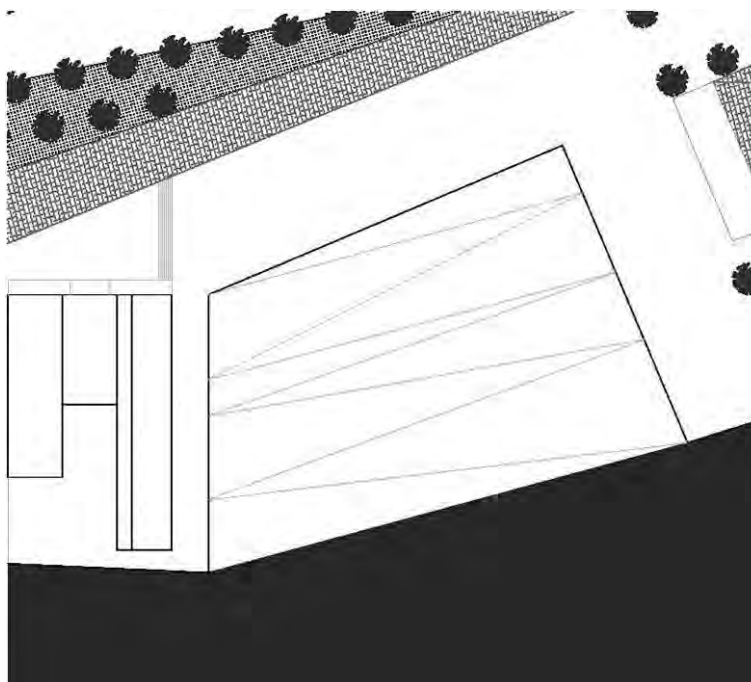


Ilustração 68 – Desenho em planta, pormenor praia fluvial. (Ilustração nossa, 2011)

O complexo desportivo das piscinas, partiu de um conceito utópico, como fosse um corpo que “brotasse” do chão, em analogia ao terminal de cruzeiros do Carilho da Graça.

Têm a intensão de ser percorível partilhando, a vista com o futuro terminal de cruzeiros. A fachada sul, tonou-se um espelho das fachadas coloridas de Alfama, através da utilização de painéis fenólicos, com as mesmas cores de Alfama, suportados por betão pré-esforçado.

Assim sendo, quando chegamos a Lisboa, através da ligação fluvial, conseguimos nos aperceber da gama cromática existente em Alfama, reflectida nas piscinas. Porém, este edifício caracteriza-se pela sua luz natural conseguida através de vãos de vidro, sendo possível usufruir da piscina e da vista sobre o rio, ao mesmo tempo.



Ilustração 69 – Desenho em alçado Sul, fachada piscinas municipais. (Ilustração nossa, 2011)

A arquitetura da fachada Norte, é de um desenho mais simples e limpo. A fachada tem um único vão, com uma altura de onze metros, onde a porta de entrada tem três metros de altura, dando uma sensação mais imponente ao edifício. O complexo é realizado em betão pré – esforçado branco, conferindo-lhe um aspeto límpido.

A organização do espaço interior, dispõe-se por um corredor, onde encontrar os vários acessos às salas e áreas específicas da piscina. No fim, existe um momento de ligação entre o interior e o exterior.



Ilustração 70 – Desenho em planta, piso térreo, piscinas municipais. (Ilustração nossa, 2011)

Quando nos foi pedido para realizar um projeto de requalificação urbana, mais equipamentos públicos e dois hotéis, não estávamos cientes da complexidade deste trabalho, todavia, era necessário realiza-lo, e para tal, necessitávamos de uma abordagem precisa, definindo prioridades.

Optamos por abdicar do completo desenvolvimento do hotel de cinco estrelas. Tendo este, sido pouco desenvolvido em detrimento do hotel de duas estrelas, visto que o hotel de duas estrelas, teria uma ligação mais forte com a envolvente, com as piscinas, praia fluvial e conseqüentemente com o futuro terminal de cruzeiros, e principalmente porque, a sua ligação com o rio era feira de um modo mais direto.

Em suma, o hotel de cinco estrelas limitou-se à sua existência volumetrica, preocupando-se com as potencialidades modeladoras de espaço e com o conceito organizacional deste.

Conseqüentemente o hotel de duas estrelas, desenvolve-se sobre um conceito de a ligação entre os hóspedes ser feita através de um elemento físico e natural em comum.

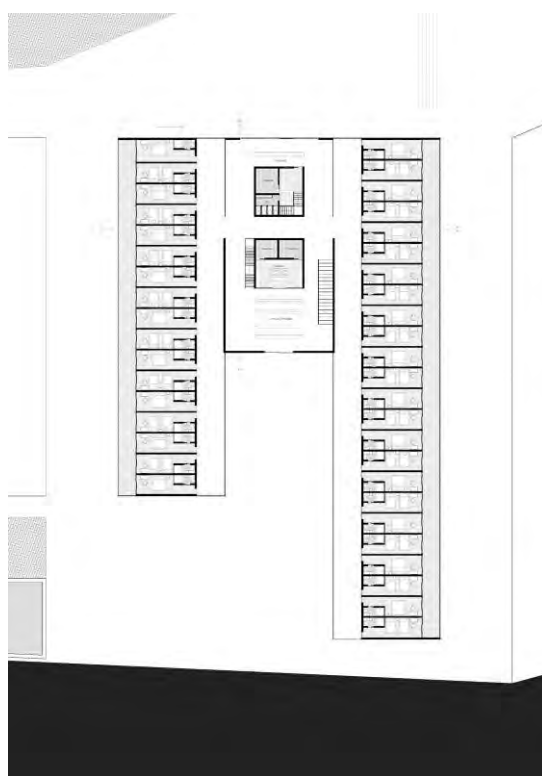


Ilustração 71 – Desenho em planta piso térreo, hotel duas estrelas. (Ilustração nossa, 2011)

A estrutura do hotel de duas estrelas, desenvolveu-se a partir da imagem dos armazéns existentes na área, chegando a um ponto mais simples de desenho, em que este, enfatiza as qualidades espaciais e relações entre o edifício e espaço exterior.

A sua estrutura é realizada em betão pré – esforçado branco, tal como as piscinas, para permitir a realização de vãos maiores, intensificando as relações com exterior, tornando a luz natural uma constante neste projeto.

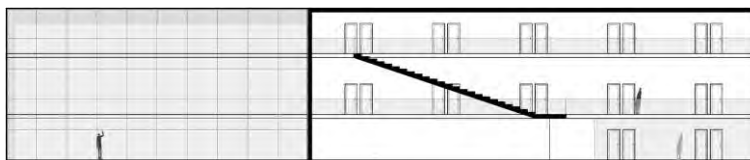


Ilustração 72 – Desenho corte transversal, hotel de duas estrelas. (Ilustração nossa, 2011)

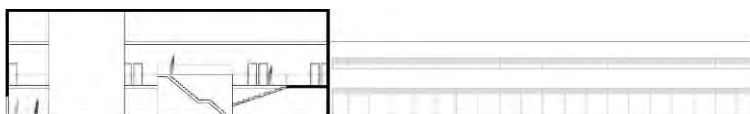


Ilustração 73 – Desenho corte transversal, hotel de duas estrelas. (Ilustração nossa, 2011)

O interior do hotel, dispõe de um pé-direito total, tendo uma área mais elevada em oposição a outra menos elevada. Conseguimos visualizar o declive da cobertura, dando a sensação do aumento progressivo do espaço.

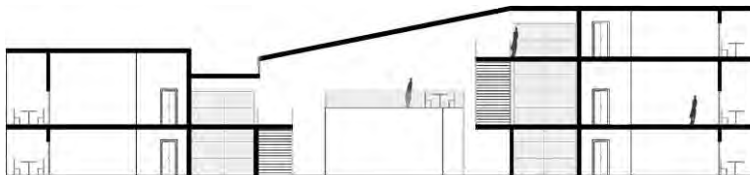


Ilustração 74 – Desenho corte longitudinal, hotel de duas estrelas. (Ilustração nossa, 2011)



Ilustração 75 – Desenho corte longitudinal, hotel de duas estrelas. (Ilustração nossa, 2011)

Em síntese, podemos afirmar que este hotel de duas estrelas, teve o intuito de mudar o conceito dos hotéis citadinos. Não necessitamos de projetar um hotel de cinco estrelas, para desenharmos um edifício hoteleiro com qualidade espacial. Podemos proporcionar aos hóspedes, aquilo que eles procuram. Assim sendo, o hotel de duas estrelas, veio a tornar-se uma mais valia para o território de intervenção.

Reflexões Finais

Através do estudo crítico dos referidos projetos, desde o século XVIII até à atualidade, podemos concluir que todos têm a cidade como pano de fundo e a malha urbana como génese.

Esses projectos, não só constroem um lugar como são elementos do espaço circundante, da envolvente pública ou semipública. Com ela constroem um todo, sendo o projeto a sua resultante.

As obras estudadas, possibilitam o usufruto ativo das cidades tendo em conta a relação que estabelecem com o espaço.

Podemos concluir, que todos eles confirmam a capacidade que o espaço público tem, enquanto elemento unificador do lugar, requalificador de relações e parte integrante do projeto. Na requalificação da cidade de Lisboa, desde o século XVIII até aos nossos dias, concretizaram-se lugares de encontro, espaços de carácter lúdico. Reportando sempre à vivência e a sociabilização entre estes lugares públicos, como expressão de liberdade.

A presente dissertação, “Encomenda pública: momento padrão de (re) qualificação urbana da cidade de Lisboa”, permite concluir que desde o século XVIII, existe uma constante presença do rio como elemento urbano na cidade.

Em suma, a requalificação urbana da cidade de Lisboa, depende de um variado conjunto de fatores que condicionaram toda a sua evolução. Marcada por incumbes públicas. Onde essas, propõem espaços públicos urbanos que se constituíram como lugares culturais, sinónimos de cidade.

Referências

APPLETON, João Guilherme (2005) – Reabilitação de Edifícios “Gaioleiros” - Um Quarteirão em Lisboa. Alfragide: Edições Orion. ISBN: 972-8620-05-5.

ARMSTRONG, Richard (s.d.) – Guggenheim Museum [Em linha]. [S.l.]: Guggenheim de Nova Iorque. [Consult. 7 Mar. 2013]. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=PVXuljUsyaM>>

AUGÉ, Marc (2006) – Não-Lugares, introdução a uma antropologia da sobremodernidade. Lisboa: 90 Graus Editora. ISBN 972-8964-02-1.

BARREIROS, Maria Helena (2001) – Lisboa Conhecer Pensar Fazer Cidade. Lisboa: Centro de Informação Urbana de Lisboa. ISBN 972-98786-1-7.

CARRILHO DA GRAÇA ARQUITECTOS, fot. ; FG+SG, fot. (2010) - Lisbon's cruise terminal [Em linha]. [S.l. : s.n.]. [Consult. 4 Fev. 2013]. Disponível em WWW:http://jlcg.pt/lisbon_cruise_terminal

CERVER, Francisco Asenio (2003) – Atlas de Arquitetura actual. Colónia: Konemann. ISBN 3-8331-1769-9.

DUBOIS, Marc (1998) – Álvaro Siza. London: Whitney library of design. ISBN-10: 0823001717. ISBN-13: 978-3893229635.

FRAMPTON, kenneth (1997) – História crítica da arquitetura moderna. Londres: Martins Fontes Editora. ISBN 85-336-0750-4.

FRANÇA, José Augusto (1981) - A Reconstrução de Lisboa e a Arquitectura Pombalina. 2ª Edição. Lisboa [...]: Biblioteca Breve.

FRANÇA, José Augusto (2005) - Lisboa: Urbanismo e Arquitectura. 5ª Edição. Lisboa: Livros Horizonte. ISBN 972-24-0998-0.

GEHRY, Frank; FORSTER, Kurt W. (1999) – Frank O. Gehry, Kurt W. Forster, Art and Architecture in Discussion. London: Hatje Cantz Publishers. ISBN-10: 3893229639. ISBN-13: 978-3893229635

GEHRY, Frank (2002) – Frank Gehry, asks “Then What?” [Em linha]. [S.l.]: Frank Gehry. [Consult. 7 Mar. 2013]. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=FWuix2tbk9Q>>

GRAF, Bernhar; REICHHOLD, Klaus (2000) – Buildings that change the World. Munique: Prestel. ISBN 3-7913-3131-0.

GREGOTTI, Vittorio (2009) – Álvaro Siza Imaginar a evidência. Lisboa: Edições 70. ISBN 978-972-44-1033-1.

GUGGENHEIM, Museum (2013) – Guggenheim Museum [Em linha]. [S.l.]: [Consult. 7 Mar. 2013]. Disponível em < <http://www.guggenheim.org>>.

JODIDIO, Philip (2008) – 100 Contemporary Architects. Colónia: taschen. ISBN 973-3-8365-0092-0.

MATHEWSON, Casey C. M.(2004) – Architecture, Today. Colónia: Feierabend. ISBN 3-89985-049-1.

MOITA, Irisalva (1994) – O Livro de Lisboa. Lisboa: Livros Horizonte. ISBN 972-24-0880-1.

PINTO, Ana Lúcia; MEIRELES, Fernandes; CAMBOTAS, Manuela Cernadas (2002) – Cadernos de História da Arte – 10. Porto: Porto Editora. ISBN 972-0-42475-3.

PFEIFFER, Bruce Brooks (2006) – Frank Lloyd Wright, 1867 – 1959: construir para a democracia. Colónia [...] : Taschen. ISBN 13: 978-3-8228-3735-1. ISBN 10: 3-8228-3735-0.

ROSSI, Aldo (2001) – A Arquitetura da Cidade. Lisboa: Edições Cosmos. ISBN 972-762-126-0.

SEWING, Werner (2004) – Architecture: sculpture. Munique: Prestel. ISBN 3-7913-3037-3.

SYRING, Eberhard ; KISCHEMANN, Jörg C. (2004) - Hans Scharoun, 1893-1972: marginal do modernismo. Colónia [etc.] : Taschen. ISBN 3-8228-98-97-7.

TEIXEIRA, Manuel C.; VALLA, Margarida (1999) – O Urbanismo Português, séculos XIII- XVIII, Portugal – Brasil. Lisboa: Livros Horizonte. ISBN 972-24-1061-X.

TOSTÕES, Ana (2009) – Arte Portuguesa, da pré-História ao século XX, Arquitetura Moderna e Obra Global a partir de 1900. Lisboa: Fubu Editores. ISBN 978-989-8207-07-4.

URSPRUNG, Philip; RUBY, Ilka Andreas (2004) – Architecture in Focus. Bona: Prestel. ISBN 3-7913-3133-7.

VIEIRA, Álvaro Siza (2013) - Álvaro Siza Vieira [Em linha]. [S.l.] : Álvaro Siza Vieira. [Consult. 7 Mar. 2013]. Disponível em WWW:<URL:<http://alvarosizavieira.com>>.

VIEIRA, Álvaro Siza (1998) - 1998 Portugal Pavilion. In ÁLVARO SIZA VIEIRA - Álvaro Siza Vieira [Em linha]. [S.l.] : Álvaro Siza Vieira. [Consult. 7 Mar. 2013]. 1 fot. : color. Disponível em WWW:<<http://alvarosizavieira.com/wp-content/uploads/2009/04/pavilhaoportugal.jpg>>.

ZUMTHOR, Peter (2006) – Atmosferas. Barcelona: Editorial Gustavo Gili. ISBN-13: 978-84-252-2169-9. ISBN-10: 84—252-2169-2.

Bibliografia

CARLOS, Isabel; GOMES, Paulo Varela; PINHARANDA, João Lima; TOSTÔES, Ana Cristina (2008) – História da Arte Portuguesa, Volume 08, Neoclassicismo e Romantismo (século XIX). Mem Martins: Círculo de Leitores. ISBN 978-972-42-3960-6.

CARLOS, Isabel; GOMES, Paulo Varela; PINHARANDA, João Lima; TOSTÔES, Ana Cristina (2008) – História da Arte Portuguesa, Volume 10, O Declínio das Vanguardas. Mem Martins: Círculo de Leitores. ISBN 978-972-42-3962-0.

COHEN, Jean-Louis (2006) – Le Corbusier, 1887-1965: lirismo da arquitetura de era moderna. Colónia [etc.] : Taschen. ISBN 13: 978-3-8228-3736-8. ISBN 10: 3-8228-3736-9.

COOK, Peter (2010) – Drawing, the motive force of architecture. San Francisco: Primers. ISBN 978-0-470-03480-4.

FERNANDES, José Manuel (1999) – Cidades e Arquitecturas. Lisboa: Livros Horizonte. ISBN 972-24-1055-5.

FERNANDES, José Manuel (1989) – Lisboa – Arquitectura e Património. Lisboa: Livros Horizonte. ISBN 972-24-07-18-X

JENCKS, Charles (1985) – Movimentos Modernos em Arquitectura. Lisboa: Edições 70. ISBN 972-44-0498-6.

FRAMPTON, Kenneth (1999) – Álvaro Siza, tutte le opere. Milano: Electa. ISBN 88-370-4033-4.

FREITAG, Michel (2004) – Arquitectura e sociedade. Lisboa: Dom Quixote. ISBN 972-20-2746-8.

KNIGHT, Caroline (2006) – Frank Lloyd Wright. London: Parragon Books. ISBN: 1-40546-580-8.

LAHTI, Louna (2005) – Alvar Aalto, 1898 – 1976: paraíso para gente comum. Colónia [etc.]: Taschen. ISBN 3–8228–4207-9.

LOPES, António Simões (1997) – Parecer Sobre Política das Cidades. Lisboa: Concelho económico social. ISBN 972-8395-05-1.

LYNCH, Kevin (1999) – A Imagem da Cidade, Arte e Comunicação. Lisboa: Edições 70. ISBN 972-44-0379-3.

MADUREIRA, Nuno Luís (1992) – Cidade: espaço e quotidiano. Lisboa: Livros Horizonte. ISBN 972-24-0825-9.

MARCUSE, Herbert (1981) – A Dimensão Estética, arte e comunicação. Lisboa: Edições 70.

MONTEIRO, Nuno Gonçalo (2006) – Reis de Portugal, D. José. Mem Martins: Circulo de Leitores. ISBN 972-42-3845-8.

PIRES, José Cardoso (2009) – De Profundis, Valsa Lenta. Alfragide: Dom Quixote. ISBN 978-989-660-018-1.

PORTAS, Nuno; DOMINGUES, Álvaro; CABRAL, João (2007) – Políticas Urbanas – Tendências, estratégias e oportunidades. 2ª Edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. ISBN 978-972-31-1061-6.

PUENTE, Moisés (2010) – Los ojos de la piel juhani pallasmaa. Barcelona: Editorial Gustavo Gili. ISBN 978-84-252-2135-4.

RIBEIRO, António Pinto (2004) – Abrigos, Condições das cidades e energias da cultura. Lisboa: Cotovia. ISBN 972-795-080-9.

RELPH, Edward (1990) – Arquitectura e Urbanismo, a paisagem urbana moderna. Lisboa: Edições 70. Deposito legal n.º 40960/90.

SALGUEIRO, Teresa Barata (1992) – A cidade em Portugal. Uma Geografia Urbana. 2ª Edição. Porto: Edições Afrontamentos. ISBN: 972-36-0202-4.

SCRUNTON, Roger (1983) – Estética da Arquitectura. Lisboa: Edições 70.

TAFURI, Manfredo (1988) – Teorias e História da Arquitectura. 2ª edição. Lisboa: Editorial Presença. Depósito legal n.º 20874/88

TAFURI, Manfredo (1985) – Projecto e Utopia. Lisboa: Editorial Presença.

TAVARES, Domingos (2006) – António Francisco, Lisboa, Classicismo no novo Mundo. Lisboa: Dafne Editora. ISBN 972-99019-9-6.

TIETZ, Jürgen (2008) – História da Arquitectura Contemporânea. Berlim: h.f.ullmann. ISBN 978-3-8331-4769-2.

ZENI, Bruno (1996) – Arquitectura e Urbanismo, uma definição de arquitectura. Lisboa: Edições 70. ISBN: 972-44-0034-4.

Índice Autores

Amaral, Keil.....	63	Mardel, Carlos.....	40
Andreas, Antonio Carlos.....	37	Moura, Souto.....	63
Byrne, Gonçalo	23	Pacheco, Duarte.....	61
Carvalho,Eugénio dos Santos.....	37	Pereira, Teotónio.....	63
Castellamonte, Carlo di.....	44	Poppe, Elias Sebastião.....	36
Chermayeff, Peter	70	Poppe, José Domingos.....	36
Confino, François	70	Portas, Nuno.....	54
Cunha, Pinheiro.....	35	Rosa, vassalo.....	69
Evelyn, John	44	Salgado, Manuel.....	69
Ferro, António	60	Santos, Manuel, Reinaldo.....	51
Fonseca, Gualter.....	35	Serra, Richard.....	95
Garcia, Frederico Ressano.....	56	Silva, Cristino.....	61
Gehry, O' Frank.....	91	Tainha, Manuel.....	114
Graça, Carrilho.....	30	Tavares, Segadães.....	72
Gregotti, V.....	67	Taveira, Tomas.....	64
Gröer, Étienne.....	61	Telmo, Cottinelli.....	60
Kauffman, Edgar.....	82	Távora, Fernando.....	63
Lusseau, Henri.....	55	Vieira, Álvaro Siza.....	64
Maia, Manuel.....	35	Wright, Frank Lloyd.....	107
		Wren, Christopher	44

Índice Assuntos

Projeto e Detalhe.....	127
Projeto e Lugar.....	111
Projeto e Programa.....	119
Requalificação e Absoluto.....	33
Requalificação e Cidade.....	91
Requalificação e Lugar.....	103
Requalificação e Pluralismo.....	59
Requalificação e Programa.....	77
Requalificação e Tempo.....	49

Índice Títulos

Bibliografia.....	137
Índice de assuntos.....	141
Índice de autores.....	139
Índice de títulos.....	143
Introdução.....	25
(Re) Qualificação e Carácter.....	33
(Re) Qualificação e Projeto.....	111
(Re) Qualificação e Território.....	77
Referências.....	135
Reflexões Finais.....	133